UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

Metamorfoses em Tradução

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

Relatório Final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como trabalho de conclusão de pós-doutoramento.

Supervisor: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto

São Paulo

2010

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas

Metamorfoses em tradução

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

São Paulo

2010

Agradecimentos

Ao prof. João Angelo, pela supervisão deste trabalho e pela amizade que muito me honra e acrescenta.

Aos colegas do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, pelo convívio sempre ameno e frutífero.

Ao João Paulo Matedi, Guilherme Gontijo e Lillian De Paula, leitores primeiros e amigos tradutores.

Resumo

O presente trabalho consiste na tradução poética dos cinco primeiros livros das *Metamorfoses* de Ovídio, acompanhada de uma breve reflexão sobre o percurso tradutório e um estudo sobre as metamorfoses do personagem-autor, no contexto da obra ovidiana.

Palavras-chave

Ovídio; *Metamorfoses*; tradução poética; gêneros da poesia, *epos*, elegia.

Abstract

This paper consists of the poetic translation of the first five books from Ovid's "Metamorphoses", including a brief reflection on the translation process as also a study on the metamorphoses of the author-persona within the context of Ovid's work.

Key-Words

Ovid; *Metamorphoses*; poetic translation; genres of poetry; epos; elegy.

ÍNDICE

Metamorfoses em tradução

Aqui estão os cinco primeiros livros das *Metamorfoses* de Ovídio traduzidos poeticamente, verso a verso, em dodecassílabos de formatos variados, como o alexandrino clássico ou o dodecassílabo sem cesura, com acentos obrigatórios na 6ª e 12ª sílaba ou na 4ª, 8ª e 12ª sílaba. Essa é medida do poema ovidiano em português, que permitiu ao tradutor transpor o material mítico e poético contido nos hexâmetros latinos. Traduzir poeticamente não significa simplesmente metrificar a matéria vertente do original. O movimento da tradução tende a incorporar a forma do original no novo *medium*, procedendo com uma atenção microscópica para com o detalhe, o arabesco do verso, a sonoridade e as figuras de linguagem. É da ordem do impossível fazer corresponder um a um cada elemento de que se compõe o original na tradução. O tradutor, no entanto, não se dará por vencido, uma vez que dispõe dos recursos próprios de sua língua e da sua tradição cultural, e eles são inúmeros e potencialmente infinitos, conjugados com o influxo e a inflexão da língua do original.

O trabalho de tradução pressupõe uma dimensão pulsional, um corpo a corpo com a linguaguem, um enfrentamento letra a letra que permita entreouvir a voz refugiada na escritura. Sob esse aspecto, as *Metamorfoses* são um poema exemplar. Todo poema, mesmo o mais elíptico e icônico poema visual, é uma estrutura que implora por um corpo que o projete no espaço e o faça existir na sua dimensão sonora ou vocal. Desde o proêmio, as *Metamorfoses* se apresentam como um poema sobre corpos em transformação. Ele se constitui também, na sua dimensão escritural, num *corpus*, num conjunto selecionado de relatos míticos, entrelaçados numa trama narrativa, em que narradores diversos se alternam como sujeitos enunciativos.

A idéia central deste trabalho deriva, portanto, da percepção da unidade de procedimento de representação do corpo em metamorfose. Os relatos da transformação de um ser em outro só se concluem com a transformação da voz. Isso se dá principalmente quando se trata da transformação de um ser humano em animal ou árvore. Um dos momentos cruciais do processo é a descrição da transformação da voz humana em voz de animal ou a descrição da perda dessa faculdade em função da perda da identidade anterior e a passagem para o reino vegetal ou mineral. O detalhe trágico é que à transformação corporal não se segue uma transformação na consciência do ser transformado. Transformados em animais ou árvores, *os antigos seres humanos*

permanecem mentalmente humanos! E é justamente a percepção da mudança da voz o sinal que evidencia a mudança de estado. Enquanto escuta o seu uivo ecoando no silêncio dos campos, Licáon tenta em vão recuperar a fala:

> Territus ipse fugit nactusque silentia ruris
> Exululat frustaque loqui conatur; ab ispso
> Colligit os rabiem solitaeque cupidine caedis
> Vtitur in pecudes et nunc quoque sanguine gaudet.
> In uillos abeunt uestes, in crura lacerti;
> Fit lupus et ueteris seruat uestigia formae.
> Canities eadem est, eadem uiolentia uultus,
> Idem oculi lucent, eadem feritatis imago est.
>
> Ele foge e, aterrado, em campo silencioso,
> ulula, em vão tentando falar; ele próprio
> recolhe a raiva à boca e ávido de mortes
> volta-se contra o gado e em sangue se compraz.
> A veste se converte em pêlo e braço em perna;
> faz-se lobo e conserva algo da antiga forma:
> as mesmas cãs, o mesmo rosto violento,
> o mesmo olhar brilhante e um furor idêntico.
> (*Metamorfoses* I, 232-239)

Dafne, transformada em loureiro, comunica-se por gesto com Apolo:

> Vix prece finita, torpor grauis occupat artus,
> Mollia cinguntur tenui praecordia libro,
> In frondem crines, in ramos bracchia crescunt;
> Pes modo tam uelox, pigris radicibus haeret,
> Ora cacumen habent, remanet nitor unus in illa.
> Hanc quoque Phoebus amat positaque in stipite dextra
> Sentit adhuc trepidare nouo sub cortice pectus
> Complexusque suis ramos, ut membra, lacertis
> Oscula dat ligno, refugit tamen oscula lignum.
> Cui deus: "At quoniam coniunx mea non potes esse,
> Arbor eris certe" dixit "meã; semper habebunt
> Te coma, te citharae, te nostrae, laure, pharetrae;
> Te ducibus Latiis aderis, cum laeta triumphum
> Vox canet et usent longas Capitolia pompas.
> Postibus Augustis eadem fidissima custos
> Ante fores stabis mediamque tuebere quercum;
> Vtque meumintonsis caput est iuuenale capillis,
> Tu quoque perpétuos semper gere frondis honores."
> Finierat Paean; factis modo láurea ramis
> Annuit utque caputuisa est agitasse cacumen.

Mal finda a prece, invade-lhe um torpor os membros,
seus seios tenros são por fina casca envoltos,
dos cachos crescem folhas e ramos dos braços;
pés tão velozes fixam-se em lentas raízes,
em seu rosto coberto, um brilho apenas resta.
Entanto, Febo segue amando, e pondo a destra
no tronco, sente o peito tremer sob a casca
e, os ramos abraçando, qual membros, recobre-o
de beijos, mas o tronco se esquiva aos seus beijos.
Diz-lhe o deus: "Já que não podes ser a minha esposa,
serás a minha árvore, sempre a terei
nos cabelos, na cítara e aljava, ó loureiro;
entre os chefes do Lácio ouvirás os alegres
cantos e as triunfais pompas no Capitólio.
Serás fiel guardiã do palácio de Augusto,
e às portas estarás protegendo o carvalho;
como jamais corto os cachos juvenis,
com perpétua folhagem, serás sempre honrada".
Peã calou-se, e, inclinando a copa, feito
fronte, o loureiro, com seus ramos, anuiu.
(*Metamorfoses* I, 548-567).

Aterrorizada com o próprio mugido, Io vai ao encontro do pai, com quem se comunica através da escrita:

Illa etiam supplex Argo cum bracchia uellet
Tendere, non habuit quae bracchia tenderet Argo:
Et conata queri migitus edidit ore
Permuitque sonos propriaeque exterrita uoce est.
Venit et ad ripas, ubi ludere saepe solebat,
Inachidas ripas, nouaque ut conspexit in unda
Cornua, pertimuit seuqe externata refugit.
Naiades ignoran, ignorat et Inachus ipse
Quae sit; at illa patrem sequitur siquiturque sorores,
Et patitur tangi seque admirantibus offert.
Decerptas sênior porrexerat Inachus herbas;
Illa manus lambit patriisque dat oscula palmis
Nec retinet lacrimas, sed, si modo uerba sequantur,
Oret opem nomemque suum casusque loquatur.
Littera pro uerbis, quam pes in puluere duxit,
Corporis indicium mutati triste peregit.

Súplice, ela não tinha como estender
os seus braços a Argos, mesmo se quisesse;
e, tentando queixar-se, emitiu um mugido,
e ficou aterrada ao som da própria boca.
Então, às margens, veio, onde antes brincava
sempre, às margens do Ínaco, e logo que viu
na água os novos chifres, fugiu assombrada.

O próprio Ínaco e as Naides desconhecem-na;
Mas ela segue o pai e também as irmãs,
E deixa-se tocar por aqueles que a admiram.
O velho Ínaco lhe oferta ervas frescas;
ela lambe as paternas mãos, beijando as palmas,
e se, desfeito o choro, pudesse falar,
dizendo o nome e estado, pediria ajuda.
Com a pata fez no pó letras, em vez de fala,
expondo o triste indício de um corpo mudado.
(*Metamorfoses* I, 635-50).

A conservação da identidade interna na mutação externa reflete a doutrina da metempsicose de Pitágoras, exposta pelo próprio no livro XV. O poeta extrai da matéria do poema todas as conseqüências possíveis. Não se trata tão só de narrar a perpétua mutação de todas as coisas, mas de atualizar poeticamente a natureza metamórfica da linguagem. O princípio metamórfico incide sobre a matéria e a forma do poema. Como se pode ver na tradução dos excertos acima mostrados, procurei dotar a linguagem de minha tradução de certa tactilidade, realçando os valores sonoros da composição do original: daí o recurso às aliterações, às rimas toantes, e a toda sorte de paronomásias e de hipérbatos, procurando a plasticidade das imagens expressas ao nível do conteúdo, bem como a recriação do efeito patético da cena. A variabilidade rítmica do dodecassílabo pode ser outro elemento que, usado adequadamente, auxiliará a expressão dos sons sugeridos no poema, com suas cesuras, pausas e silêncios, pois são esses interstícios que ajudam a esculpir o som, o ambiente sonoro por onde flui o silêncio e a palavra poética.

Aí a linguagem, modelo por excelência do fluxo heraclítico, se modifica a todo instante no tempo e a soma dos eventos lingüísticos é não apenas acrescida, mas alterada a cada novo evento. Tempo e linguagem estão intimamente ligados e se movem à medida que os experimentamos e os percebemos (STEINER, 1994, p. 42-43). Ao se servir do repertório mitológico, Ovídio não age simplesmente como colecionador interessado em salvar do esquecimento um tesouro de lendas, crenças e costumes antigos: o poeta age de forma orgânica, fazendo com que o princípio metamórfico da linguagem presente no mito organize o poema inteiro, criando assim as condições de sua traduzibilidade, ou seja, de sua sobrevida para além mesmo da vida da língua em que primeiro se plasmou.

É, portanto, a partir da concepção benjaminiana de tradução como forma intrinsecamente solicitada pelo original, que se pauta o segundo movimento de nosso trabalho interpretativo das *Metamorfoses*. Através da re-elaboração poética do material ovidiano, pretendemos criar uma nova forma para os pensamentos e as imagens do poema. Para tanto, servimo-nos do dodecassílabo para traduzir os hexâmetros de Ovídio, atentos aos jogos e às figuras de linguagem, no sentido de proceder a uma refuncionalização da forma poética do original em nossa língua. Ainda que não pratiquemos rigorosamente o modelo ideal de tradução interlinear almejado por Benjamin, a nossa idéia é submeter o português ao influxo da língua latina, com suas inversões sintáticas, o léxico precioso e os esquemas aliterativos, sempre buscando de forma equilibrada o efeito de estranhamento próprio da linguagem literária em relação com linguagem ordinária e referencial, evitando, contudo, descair no absurdo de latinizar completamente o português.

Nas *Metamorfoses*, Ovídio criou um modelo dinâmico de escritura, um tecido musical ininterrupto, capaz de abrigar em si um vasto imaginário, submetendo-o ao princípio único e constante de mutação de todas as coisas, num processo de repetição semelhante à técnica do letmotiv na música, com seus temas e variações. As histórias sucedem umas às outras numa temporalidade que parte do instante da narração para qualquer outro ponto do passado ou mesmo do futuro, numa linha que recobre muito mais o *in illo tempore* da fábula do que os fatos considerados históricos. No entanto, as circunstâncias históricas determinam toda a narrativa, fazendo com que os personagens míticos ajam e sintam como seres humanos submetidos à sua lógica; além do mais, muitas das metamorfoses descritas são narrativas etiológicas que apontam para um estado de coisa atual. Ovídio opera contrapontisticamente dando ao passado atributos do presente. O poema é ao mesmo tempo uma recolha de contos e um diálogo dinâmico com a tradição literária e filosófica, através do jogo intertextual e alusivo. Ovídio condensa, amolda e reorganiza os dados da tradição e do contexto, traduzindo-os em novos termos, segundo o padrão de sua linguagem, tal como acontece a um mito, que é sempre a tradução em novos termos de um outro mito.

Ao submeter o ~~seu~~ poema ao princípio metamórfico, Ovídio cria também as condições da ~~sua~~ tradução. A arte do poeta consiste justamente em concentrar o problema da metamorfose como uma questão de linguagem. É a linguagem que se move e que reencena o jogo metamórfico. O poeta não encontra dificuldade, através de uma

suspensão temporal e da seleção de atributos, de perceber as analogias entre um corpo e outro e assim proceder à transformação deste naquele[1].

Na base deste trabalho está, portanto, a idéia de tradução como metamorfose. John Dryden (1631-1700), poeta neoclássico inglês, tradutor de Ovídio, jogando com o duplo sentido da palavra *translate* talvez tenha sido o primeiro a formular a idéia de tradução como metamorfose. Assimilando átomos e palavras, os corpos são vistos como textos que vivem e crescem, transplantando em si os elementos mortos dos textos do passado, constituindo-se, portanto, a tradução como um "lugar mítico", "mítica hospedagem da escritura" (SABBADINNI, 1989, p. 126-127).

Segundo roteiro traçado por George Steiner em *After Babel*, essa idéia fecundou as concepções de tradução de Goethe, Benjamin e Valéry, que, em contraste com as noções semióticas de Peirce e Jakobson, ajudam a explicitar e fundamentar o conceito operatório de tradução utilizado neste trabalho. Em parte, foi o que fiz no ensaio "Bucólicas de Virgilio: Uma Constelação de Traduções", que acompanha minha tradução da referida obra, como Tese de Doutoramento defendida em 1999 e publicada em 2005. O contraponto com as "poéticas da voz", de matriz zumthoriana, visa tão somente alargar o conceito de signo para além do texto escrito, abarcando o rico universo da linguagem e suas sugestivas gamas de elementos gestuais, acústicos, vocais etc. É tentativa de trazer o corpo para dentro da linguagem, de onde ele jamais deveria ter sido expulso.

*

[1] Estudando o processo metamórfico ovidiano, Chcheglov (1979, pp. 139-157) destaca o viés científico da figuração dos objetos nas *Metamorfoses* que se distinguem uns dos outros pelas suas propriedades físicas, isoladas em epítetos à primeira vista redundantes ou evidentes. Construções como *rigidus sílex*, "pedra dura", *curua falx*, "foice curva", ou *liquidas aquas*, "águas límpidas", indicam que Ovídio trabalha com categorias abstratas e não está preocupado em descrever um objeto isolado, mas um objeto-padrão típico que se diferencia ou se assemelha a outro de outra série. A transformação de um em outro se dará operando no detalhe destacado, seja na transmutação da propriedade de um para o outro, seja na permanência do traço distintivo como marca de que a metamorfose já estivesse determinada, inclusive do ponto de vista linguístico, com a manutenção do nome do ser anterior no novo ser transformado. Chcheglov compara essa técnica ao *close-up* cinematográfico, mas destaca também a existência de "grandes panorâmicas, com muitas figuras, cenas de massa, onde a vista abarca de uma só vez grande número de objetos", com o mesmo procedimento sistêmico de isolar certas propriedades físicas da paisagem, como o monte, o campo, a floresta, o rio, a margem, a praia, o mar, a caverna, etc. Após a leitura deste importante artigo, fica-se sempre com a impressão de que faltou algo a ser dito: o procedimento ovidiano de descrição dos objetos é tão somente uma técnica de encaminhamento do processo metamórfico. O efeito final não é de distanciamento ou frieza em relação ao destino do ser metamorfoseado, mas de caloroso envolvimento com o drama do personagem.

Entre as traduções das *Metamorfoses* existentes em português, destacamos três completas: uma em prosa , de David Jardim Júnior, da Ediouro, que reputamos como muito útil, porque segue de perto o original latino; uma recente (2007), em prosa, mas com aparência de verso, de Paulo Farmhouse Alberto, da editora Cotovia; e a de Vera Lúcia Leite Magyar, da editora Masdra, também em prosa com aparência de verso e com o agravante de ser de segunda mão, feita a partir do inglês. Dentre as traduções poéticas, destacamos em primeiro lugar, a tradução de excertos das *Metamorfoses* por Bocage (1765-1805), poeta de reconhecidos méritos, editada pela Hedra, com estudo e notas de João Angelo Oliva Neto. Em segundo lugar, temos a tradução dos cinco primeiros livros por António Feliciano de Castilho (1800-1875), que deliberadamente aproveita versos inteiros de Bocage. Temos também a tradução quase integral de Francisco José Freire (1719-1773), poeta árcade conhecido como Cândido Lusitano, cujo manuscrito foi transcrito por Aristóteles Angheben Predebon, em sua dissertação de mestrado, e está disponível no banco de teses da USP. Li com prazer e proveito os decassílabos de Freire. Castilho, que pilhou Bocage à vontade, disse não ter encontrado nada de aproveitável na tradução de Freire, mas um cotejo de ambas as traduções pode revelar o contrário. Ressaltamos, ainda, a tradução de Haroldo de Campos de *Metamorfoses* III, 405-510, por ele intitulada de "A morte de Narciso" e publicada em *Crisantempo* (1998). Deliberadamente, deixei a marca haroldiana em minha tradução do mesmo trecho, como uma espécie de homenagem e reconhecimento ao poeta e tradutor cuja teoria da tradução é inspiração continua e fecunda do meu próprio trabalho. Tal como Castilho fizera com Bocage, assim o fiz com Haroldo, ainda que não eu tenha reproduzido integralmente nenhum de seus versos. Por último, deixamos consignado aqui nosso apreço à tradução em prosa, verso a verso, do Livro V, de Mariana Musa de Paula e Silva, como apêndice à sua dissertação de mestrado, defendida na Unicamp (2008), cuja leitura foi de grande proveito.

Referências bibliográficas:

CAMPOS, Haroldo. *Crisantempo: no Espaço Curvo Nasce Um*. São Paulo, Perspectiva, 1998.

CHCHEGLÓV, I. K. "Algumas Características da Estrutura de *As Metamorfoses* de Ovídio". *In*: SCHNAIDERMAN, B. (org.). *Semiótica Russa*. São Paulo, Perspectiva, 1979.

DETIENNE, Marcel. *A Invenção da Mitologia*. Tradução de André Telles e Gilza Marins Saldanha da Gama. Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.

FABRE-SERRIS, Jacqueline. *Mythe et Poésie dans Les Metamorphoses d'Ovide: Fonctions et Significations de la Mytologie dans la Rome Augustéenne*. Paris, Klincksieck, 1995.

OVIDE. *Les Metamorphoses.* Tradução e notas de Georges Lafaye. Paris, Belles Lettres, 1955. 3v.

OVÍDIO. *As Metamorfoses.* Tradução e notas de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro, Ediouro, 1983.

______. *As Metamorfoses*. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1959.

______. *Metamorfoses*. Tradução de Bocage e introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo, Hedra, 2000.

______. *Metamorfoses*. Tradução do inglês de Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo, Madras, 2003.

OVIDIO. *Metamorfosis.* Tradução de Antonio Ramirez e Fernando Navarro Antolín. Madri, Alianza, 2003.

______. *Metamorfosi*. Tradução de Piero Bernardini Marzolla. Turim, Einaudi, 2005.

______. *Les Métamorphoses*. Traduction nouvelle avec une introduction et des notes par Joseph Chamonard. [s. l.], Garnier Frères, 1953.

MARÉCHAUX, Pierre. *Premières Leçons sur les Métamorphoses d'Ovide*. Paris, Bibliothèque Major, 1999.

PREDEBON, Aristóteles Angheben. *Edição do Manuscrito e Estudo das Metamorfoses de Ovídio Traduzidas por Francisco José Freire*. São Paulo, Banco de teses da USP, 2006.

SABBADINI, Silvano. "Traduzione: Interpretazione e Allegoria". *In* BUFFONI, Franco (org.). *La Traduzione del Testo Poetico.* Milão, Guerini e Associati, 1989.

SCHMITZER, Ulrich. *Ovidio*. Tradução italiana e ensaio de Mariella Bonvicini.Bolonha, Clueb, 2005.

SILVA, Mariana Musa de Paula e. *Artesque Locumque:Espaços da Narrativa no Livro V das Metamorfoses de Ovídio*. Banco de teses da Unicamp, 2008.

STEIDER, George. *Dopo Babel: Aspetti del Linguaggio e della Traduzione.* Tradução italiana de Ruggero Bianchi e Claude Béguin, Roma, Garzanti, 1995.

VIRGILIO. *Bucólicas*. Tradução e comentário de Raimundo Carvalho. Belo Horizonte, Crisálida/Tessitura, 2005.

ZUMTHOR, Paul. "A Presença dos Corpos: Entrevista com Eloísa Araújo Ribeiro". *Folha de São Paulo*, "Folhetim". São Paulo, nº 622, 17 de dezembro de 1988, pp. 5-11.

______. *A Letra e Voz*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Amalio Pinheiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

______. *Introdução à Poesia Oral.* Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lucia Diniz e Maria Inês de Almeida. São Paulo, Hucitec/Educ, 1997.

______. *Escritura e Nomadismo*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sônia Queiroz. São Paulo. Atelier, 2005.

______. *Performance, Recepção, Leitura*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo, Cosac Naify, 2007.

Ovídio e As Metamorfoses do Personagem-Autor

Ítalo Calvino, num texto de 1978, intitulado "Os níveis da realidade em literatura", afirma:

> A condição preliminar de qualquer obra literária é esta: a pessoa que escreve tem de inventar aquele primeiro personagem que é o autor da obra. Que uma pessoa coloque a si mesma por inteiro numa obra que escreve é uma frase que se diz frequentemente mas que nunca corresponde à verdade. É sempre apenas uma projeção de si mesmo que o autor põe em jogo na escritura, e pode ser tanto a projeção de uma parte verdadeira de si mesmo como a projeção de um eu fictício, de uma máscara. Escrever pressupõe a cada vez a escolha de uma postura psicológica, de uma relação com o mundo, de uma colocação de voz, de um conjunto homogêneo de meios lingüísticos e de dados da experiência e de fantasmas da imaginação, em suma, de um estilo. O autor é autor na medida em que entra num papel, como um ator, e se identifica com aquela projeção de si próprio no momento em que escreve.[2]

Em "Cibernética e fantasmas (Notas sobre a narrativa como processo combinatório)", texto de 1967, Calvino já formulara algo semelhante:

> a literatura, da maneira como eu a conhecia, era uma obstinada série de tentativas de colocar uma palavra atrás da outra, conforme determinadas regras definidas ou, com maior freqüência, regras não definidas nem passíveis de ser definidas mas que podiam ser extrapoladas de uma série de exemplos ou protocolos, ou regras que inventamos especificamente, isto é, que derivamos de outras regras que outros seguem. Nessas operações, a pessoa eu, explícita ou implícita, fragmenta-se em diferentes figuras, num eu que está escrevendo e em outro eu que é escrito, num eu empírico que está atrás do eu que escreve e num eu mítico que serve de modelo ao eu que é escrito. O eu do autor que escreve se dissolve: a chamada "personalidade" do escritor é interna ao ato de escrever, é um produto e um modo da escritura.[3]

Em "A máquina espasmódica", texto de 1969 que prolonga o debate iniciado no texto anterior, Calvino conclui, referindo-se ao uso espamódico da linguagem na literatura, dizendo:

> É essa máquina espástica que age através do autor; a verdadeira responsável pela obra, mas ela não funcionaria sem os espasmos de

[2] CALVINO, 2009, p. 376.
[3] Idem, p. 205.

> um eu mergulhado num tempo histórico, sem uma reatividade própria, uma convulsa hilaridade própria, uma raiva própria de bater a cabeça na parede.[4]

Bem, fazendo um breve comentário a essas idéias elaboradas por Calvino, é preciso dizer que elas, assim de chofre enunciadas, encerram desde já uma aporia, pois, ainda que venham subscritas pela autoridade do nome de Ítalo Calvino, Calvino aqui, é apenas mais um dos porta-vozes de um nova tendência crítica que, nos anos 60 e 70, procurou se desligar das velhas noções de autor e obra, que vinculava estreitamente a biografia do autor com a sua produção. Aos exageros da crítica de cunho biografista, a nova crítica de matriz estruturalista, vai, num primeiro momento, jogar todo o peso da significação nos elementos intrínsecos da obra, de alguma forma reafirmando os valores da autonomia da arte frente à realidade, além de realçar o papel do leitor, capaz das interações mais diversas e insólitas, independentemente de uma vontade autoral. Mas se analisarmos corretamente as palavras de Calvino, essa dicotomia entre o real e a ficção não resiste como elemento estruturante. O que notamos de imediato é uma clara delimitação do campo ficcional, que não se restringe apenas ao texto. O ficcional se estabelece a partir mesmo de suas instâncias produtoras.

A função autor, para usar uma expressão de Michel Foucault, não se encontra fora da obra, mas faz parte da operação levada a efeito pelo jogo ficcional encetado pela pessoa real que nos acostumamos a chamar de autor. No entanto, para Calvino, a literatura e o mundo ficcional criado por ela não tem um valor em si, separado dos sujeitos reais e da história. Para ele, a literatura é um campo de tensão entre as forças da imaginação, transmutada em linguagem, e o mundo, com as suas contradições, contradições essas que são os motores de todo gesto criador. O sujeito da criação literária é um sujeito plural, um lugar vazio e pleno, onde cabem todos aqueles que aceitam o jogo ficcional, mesmo porque nesse sujeito histórico da escritura, muitas vozes falam e se deixam falar. O verdadeiro criador está sempre aquém de sua obra, ele é uma pletora em ação, controla menos do que gostaria, pois criar inclui também aceitar o movimento da linguagem, a sua vertigem.

Uma das funções da literatura é proporcionar a desautomatização dos nossos hábitos mentais, para que assim possamos ter acesso aos mecanismos de constituição do

---

[4] Idem, p. 245.

efeito de realidade. Uma literatura que cumpre essa função crítica ultrapassa o limite de uma arte que se quer apenas entretenimento ou reflexo ideológico do jogo social.

É a partir desse enquadramento crítico que eu gostaria de situar a discussão sobre a obra ovidiana, particularmente, as *Metamorfoses*, mas sem me restringir somente a ela, pois entendo que o diálogo com outras obras do mesmo autor, poderá nos ajudar na compreensão da natureza do sujeito da escritura, envolvido no jogo ficcional, das *Metamorfoses*. Ao trazer para essa reflexão as idéias formuladas por Ítalo Calvino, já estamos querendo de alguma forma romper com a clausura que envolve o estudo dos textos clássicos. Como grande ficcionista e teórico militante, Calvino também elegeu para si uma família de criadores, dentre os quais Ovídio ocupa um lugar de relevo. “Ovídio e a contigüidade universal” é o título de um dos ensaios de *Por que ler os clássicos*. Também é marcante a presença de Ovídio em *Seis propostas para o próximo milênio*. Vamos, pois, partir de algumas observações de Calvino sobre as *Metamorfoses* para entender o *modus operandi* do personagem-autor ovidiano.

Retomemos o trecho das *Metamorfoses* (I, 168-176) com que Calvino começa o seu ensaio em “Por que ler os Clássicos”:

> Est uia sublimis caelo manifesta sereno:
> Lactea nomen habet, candore notabilis ipso.
> Hac iter est superis ad magni tecta Tonantis
> regalemque domum. Dextra laeuaque deorum
> atria nobilium ualuis celebrantur apertis;
> plebs habitat diuersa locis, a fronte potentes
> caelicolae clarique suos posuere penates.
> Hic locus est, quem, si uerbis audacia detur,
> haud temeam magni dixisse Palatia caeli.
>
> Existe em céu sereno uma sublime via:
> Láctea chamada, de brancura bem notável.
> Por lá os deuses vão até a casa real
> do grão Tonante. À destra e à esquerda, os átrios
> dos nobres deuses são, de porta aberta, honrados.
> Outros locais a plebe habita; à frente ilustres
> deuses potentes seus palácios dispuseram.
> Este lugar, se me permitem a expressão,
> ousaria chamar Palatino celeste.[5]

[5] Todas as traduções dos trechos das *Metamorfoses* citados neste artigo são de minha autoria.

Calvino observa que Ovídio, para introduzir os seus leitores no mundo dos deuses celestiais, começa por aproximar esse mundo do deles, a ponto de torná-lo idêntico a Roma de todos os dias, nos seus aspectos urbanos, na sua divisão em classe sociais, nos seus costumes (a multidão dos clientes), na sua religião, pois os deuses têm em casa os seus penates e a eles prestam um culto domésticos, tal como o faziam os romanos do seu tempo. Para Calvino, a contigüidade entre deuses e seres humanos, tema dominante nas *Metamorfoses*, é apenas um caso particular da contigüidade entre todas as figuras e formas existentes. O que o poeta opera, neste trecho, como de resto em todo o poema, é uma espécie de tradução das realidades celestes para a linguagem dos homens, os reais destinatários da mensagem poética. Ovídio é um mestre da recriação. De um ponto de vista macroestrutural, as *Metamorfoses* se constituem como um longo tecido de histórias e mitos aproveitados das mais variadas fontes e costurados com habilidade pelo poeta, a fim de terem a aparência de um fluxo continuo. A contigüidade é um efeito de linguagem criado a partir dos nexos que o poeta vai inventando para ligar uma história à outra.[6]

Para que fique mais claro aqui o modo ovidiano de criação e reaproveitamento do material da tradição, faço um pequeno parêntese, chamando a atenção uma obra plástica certamente inspirada em Ovídio, "Medusa Marinara" de Vik Muniz, que pude apreciar no Masp, em São Paulo, numa grande mostra dedicada ao artista, entre abril e julho deste ano. Pelo confronto, fica claro que Vik Muniz partiu da Medusa de Caravaggio para compor a sua. Observemos primeiro a forma redonda do suporte das duas obras que remetem imediatamente à forma do escudo de Minerva, que é onde, por fim, vai se fixar a cabeça degolada da Górgona. É no suporte que Vik Muniz vai fazer a alteração mais importante, porque, a partir dela, outras se seguirão naturalmente. Reaproveitando material jogado fora como lixo urbano, um grande prato descartável, o artista contemporâneo nosso projeta a figura do monstro pintado por Caravaggio e sobre ela redesenha os detalhes com restos de molho de tomate e macarrão, que entrelaçado faz as vezes de serpentes, nas quais se transformou a cabeleira de Medusa, deixando assim, à mostra, as várias camadas do mito e de sua apropriação pela arte.

Seria óbvio demais, retermo-nos apenas no caráter paródico da operação vikiana. Ele certamente está lá, mas o que me chama atenção, sobretudo, é o método empregado e o resultado da operação levada a efeito. A obra se deixa ler em profundidade, na

---

[6] Cf. CALVINO, 1994, pp. 31-42.

medida em que transparece as camadas de tempo e matéria com que é feita. Ela nos remete tanto para uma cena/ceia domingueira, num dos inúmeros restaurantes das cidades modernas, com os seus detritos de plásticos e papéis descartáveis, restos de alimento, jogados nas lixeiras, como para a história da arte, para o mito e para a poesia de Ovídio. Mais do que uma metáfora da petrificação e da alienação moderna, o artista nos ensina um modo de ver o mundo, revelando as conexões misteriosas entre os seres e as coisas, entre o passado e o presente, entre os mitos mais arcaicos e os ritos contemporâneos. Ali, num lugar insuspeito, num fast-food, onde parece reinar a mais pura desordem, a deriva, a falta de sentido, o artista revela o princípio metamórfico em que todas as coisas se assemelham e se traduzem, numa continua cadeia de sentidos, em que mesmo o sem-sentido da vida encontra o seu reflexo e a sua tradução.

Em *Seis propostas para o próximo Milênio*, o mito de Perseu e Medusa é evocado como exemplo de leveza. Calvino cita a passagem do Livro IV, 740-52, versos, que segundo ele, expressam a delicadeza de alma necessária para ser um "dominador de monstros":

> Ipse manus hausta uictrices abluit unda;
> anguiferumque caput dura ne laedat harena,
> mollit humum foliis natasque sub aequore virgas
> sternit et imponit Phorcynidos ora Medusae.
> Virga recens bibulaque etiamnunc uiua medulla
> uim rapuit monstri, tactuque induruit huius,
> percepitque nouum ramis et fronde rigorem.
> At pelagi nynphae factum mirabile temptant
> pluribus in uirgis, et idem contingere gaudent,
> seminaque exillis iterant iactata per undas.
> Nunc quoque curaliis eadem natura remansit,
> duritiam tacto capiant ut ab aere, quoque
> uimem in aequore erat, fiat super aequora saxum.
>
> Ele mesmo lavou suas mãos vencedoras;
> e para não ferir na areia a face angüífera,
> cobre a terra de folhas e plantas marinhas
> e aí põe a cabeça de Medusa Forcínide.
> Vara verde e vivaz em medula porosa
> sorve a força do monstro e ao contato endurece,
> e seus ramos e folhas ganham rigidez.
> As ninfas do mar tentam de novo o prodígio
> noutras plantas e alegram-se por consegui-lo,
> e lançam as sementes delas no oceano.
> Agora a natureza dos corais é idêntica:
> endurece no ar, convertendo-se em rocha

sobre o mar o que era vime embaixo dele.

Aqui cabe investigar como o poeta consegue esse efeito de leveza, detectado por Calvino. Na verdade, o que o poeta faz é uma operação bastante comum no poema inteiro. É bem característica do modo de operar ovidiano a contraposição de elementos díspares, o equilíbrio entre elementos contrários, compondo uma imagem única. Perseu encarna, ao menos tempo, o terrível matador de monstros e um herói cordial, capaz do gesto mais audaz e da ternura mais imprevista. Isso já implica um certo maravilhamento, que vai se concluir com o milagroso aparecimento dos corais. Assim, ao mesmo tempo em que o poeta, através do enquadramento etiológico da cena, remete o leitor para o tempo das origens, os pequenos detalhes da cena, como o cuidado do herói para com a cabeça decepada da Górgona, aproximam o leitor do tempo presente, o tempo da leitura ou da audição do poema.[7]

Em "Ovídio e a contigüidade universal", Calvino afirma: "As metamorfoses são poema da rapidez, tudo deve seguir-se em ritmo acelerado, impor-se à imaginação, adquirir evidência, dissolver-se. É o princípio do cinematógrafo: cada verso como cada fotograma deve ser pleno de estímulos visuais em movimento".[8] Para mim, o trecho citado, além de caracterizar bem o modo da escrita ovidiana, não deixa dúvida de que, para Calvino, as *Metamorfoses* eram o modelo, por excelência, das obras do futuro, e de que ela preenchia os seis requisitos que ele exigia para caracterizar tais obras: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Uma leitura cruzada do ensaio e das *lectures* nos permite tal inferência.

Após esse breve apanhado das idéias de Calvino e sua relação com as *Metamorfoses* de Ovídio, retomo a questão inicial do personagem-autor. O meu intento é apresentar o processo de auto-representação do poeta nesta obra, mas levando em conta não apenas as *Metamorfoses*, mas também o conjunto de suas obras anteriores e posteriores a esta, de forma que possamos acompanhar o emergir de um sujeito da escritura, em confronto com os poderes e os desafios de sua época. Neste ponto, dados históricos e outros de caráter biográfico serão levados em consideração. Porém, faço uma ressalva que considero de suma importância. Praticamente todos os dados biográficos relativos a Publius Ouidius Naso que conhecemos foram retirados de sua própria obra. Era hábito, desde a época alexandrina, reconstituir a vida dos poetas

[7] Cf. CALVINO, 1997, pp. 16-19.
[8] CALVINO, 1994, p. 37.

antigos a partir de suas obras e os poetas helenísticos escreveram, por conseqüência, traçando voluntariamente nos seus escritos a trama de uma vida imaginária, conforme o gênero que praticavam.[9] É preciso então ter em conta de que não se trata de documentos objetivos, mas de uma auto-representação literariamente filtrada, que necessita de interpretação. Evidentemente, nem todos os dados fornecidos pelo autor devem ser postos em dúvida, mas a escolha dos fatos referidos e daqueles silenciados, a sua apresentação e valorização da parte deste necessitam em cada caso de uma verificação. Claro, porém, é que o eu-poético não pode ser identificado plenamente com o eu-biográfico. Daí que os dados biográficos e históricos que levantaremos aqui servirão apenas para esboçar o contexto que permitiu o aparecimento do poeta.

Oriundo de uma família aristocrática, Ovídio nasceu em Sulmo, atual Sulmona, em 20 de março de 43 a.C., um ano depois do assassinato de Júlio César, acontecimento que precipitou o final da república, em 42, quando foram aniquilados, na batalha de Filipos, os seus últimos defensores. Depois da batalha de Filipos estabeleceu-se entre os vencedores um incontornável confronto, que se concluiu apenas com a vitória de Otaviano sobre Marco Antônio e Cleópatra, na batalha de Áctio, em 2 de setembro de 31 a.C. e, no ano seguinte, com a definitiva submissão de Alexandria. É o início da *Pax Augusta*. Por essa época, Ovídio, junto com o irmão mais velho, vai estudar oratória em Roma, cidade efervescente, tanto do ponto de vista social, como político e cultural. A década de 30-20 a.C. foi um dos períodos mais vigorosos e abundantes, principalmente no que diz respeito à poesia. Círculos literários organizados em torno de políticos influentes acolhiam os poetas. Dentre os mais célebres, estavam o de Mecenas, que abrigava Virgílio, Horácio e Propércio, e o de Messala, do qual participaram Tibulo e o próprio Ovídio. Nesse período, Horácio publica as *Sátiras*, os *Epodos* e três livros de *Odes*; Virgílio publica as *Geórgicas* e compõe a *Eneida*; e Propércio e Tibulo publicam as suas *Elegias*. Em 23 a.C., cumprindo um itinerário habitual dos jovens de sua classe, Ovídio viaja à Grécia, Ásia Menor e Sicília. Regressando a Roma, inicia carreira pública em cargos administrativos de pouca importância, mas se recusa a seguir carreira política e passa a dedicar-se exclusivamente à poesia.[10]

Ovídio é um poeta elegíaco por excelência e toda a sua obra, exceto as *Metamorfoses,* foi escrita em dísticos elegíacos, que é a seqüência de um hexâmetro e

[9] Cf. DUPONT et ÉLOI, 2001, p. 46.
[10] Cf. ALBERTO, 1997, pp. 7-12.

de um pentâmetro. Em *Amores I, 1*, Ovídio elabora poeticamente como se deu a sua conversão à elegia:

Arma graui numero uiolenta bella parabam
  Edere, materia conueniente modis.
Par erat inferior uersus; risisse Cupido
  Dicitur atque unum suripuisse pedem.
"Quis tibi, saeue puer, dedit hoc in carmina iuris?
  Pieridum uates, non tua turba sumus.
Quid, si praeripiat flauae Venus arma Mineruae,
  Ventilet accensas flaua Minerua faces?
Quis probet in siluis Cererem regnare iugosis,
  Lege pharetratae uirginis arua coli?
Crinibus insignem quis acuta cuspide Phoebum
  Instruat, Aoniam Marte mouente lyram?
Sunt tibi magna, puer, nimiumque potentia regna;
  Cur opus adfectas, ambitiose, nouum?
Nam, quod ubique, tuum est? Tua sunt Heliconia tempe?
  Vix etiam Phoebo iam lyra tuta sua est?
Cum bene surrexit uersu noua pagina primo,
  Attenuat neruos proximus ille meos.
Nec mihi materia est numeris leuioribus apta,
  Aut puer aut longas compta puella comas."
Questus eram, pharetra cum protinus ille soluta
  Legit in exitium spicula facta meum
Lunauitque genu sinuosum fortiter arcum
  "Quod" que "canas, uates, accipe, dixit, opus!"
Me miserum! Certas habuit puer ille sagittas!
  Vror, et in uacuo pectore regnat Amor.
Sex mihi surgat opus numeris, in quinque residat!
  Ferrea cum uestris bella ualete modis!
Cingere litorea flauentia tempora myrto,
  Musa, per undenos emodulanda pedes!

Armas, em ritmo grave, e guerras violentas,
  matéria afim ao metro, ia cantar.
O verso seguinte era igual; Cupido rindo
  — dizem —, porém, surrupiou-lhe um pé.
"Quem te deu poder sobre o canto, atroz menino?
  Vate das Musas sou, não de teu séquito.
Vestisse Vênus armas da loura Minerva,
  tochas acesas esta brandiria?
Quem aprova que Ceres reine em altas selvas
  e os campos sigam leis da arqueira virgem?
Quem, a Febo de bela coma, em lança aguda,
  e a Marte, em lira aônia, instruiria?
Menino, os teus domínios são demasiados,
  para que ambicionas novos feitos?
Acaso, tudo é teu? Até o vale do Hélicon?

Febo, a custo, é senhor de sua lira.
Mal o primeiro verso aponta em nova página,
O seguinte extenua as minhas forças.
E me falta matéria pra ritmos ligeiros,
moço ou moça de longa cabeleira".
Me lamentava, quando o tal, abrindo a aljava,
pegou os dardos pronto a me ferir,
o curvo arco retesou sobre o joelho
e disse: "eis, vate, assunto pra cantares!"
Ai de Mim! Certas são as setas do menino!
Ardo, e no peito vago reina Amor.
Com seis pés vem-me o verso, com cinco se abranda!
Adeus, guerras; adeus, ritmos de ferro!
Com mirto litorâneo cinge as louras têmporas,
Musa, a ser modulada em onze pés.[11]

Nesta primeira elegia dos *Amores*, temos um quadro que define bem o poeta elegíaco em contraposição ao poeta épico. A palavra *Arma* iniciando o primeiro verso é uma clara referência à *Eneida* de Virgílio. A intervenção de Cupido se dá de forma violenta e produz uma falta, e, essa falta deixa suas marcas na própria forma do segundo verso que perde um pé e se transforma de hexâmetro em pentâmetro. O tom irônico da peça contrasta vivamente com o estilo solene da épica.

Ao estrear por volta dos anos 25-20 a.C. como poeta elegíaco, Ovídio já encontrou atrás de si uma forte tradição de poesia erótica elegíaca, cujo iniciador do gênero em Roma, foi Cornélio Galo, há pouco caído em desgraça. No círculo de Messala, Tibulo dava as cartas e Propércio já gozava de grande popularidade. Ovídio segue as convenções do gênero, mas introduz muitas novidades. As convenções eróticas são exploradas de maneira inovadora. O *ego* destes poemas não é um apaixonado idealista, mas um cronista irônico dos costumes de uma sociedade requintada, e o seu erotismo vai desde os acentos mais suaves, porém, sugestivos, até a mais aberta expressão do desejo sexual. A intenção não é de comover o leitor, mas de deleitá-lo. Alguns decênios depois, Quintiliano, na *Institutio Oratoria* X, 1, 93, referindo-se aos elegíacos romanos, vai compará-los, assim: "Na elegia desafiamos até mesmo os gregos. Deste gênero, a mim me parece Tibulo o autor mais enxuto e maximamente elegante. Há os que preferem Propércio. Ovídio é mais lascivo que os dois, da mesma forma que Galo é mais severo."[12] Ovídio chega ao ponto de explorar politicamente o parentesco entre César e Amor, já que os romanos dizem descender de

[11] Tradução minha.
[12] In: REZENDE, 2009, p. 214.

Enéas, filho de Vênus e irmão de Amor, na primeira referência à clemência de Augusto para com os vencidos (*Amores*, 2, 51-2), de certa forma, já se desculpando de possíveis censuras oficiais, dado o empenho do imperador em restaurar os valores tradicionais e em coibir o adultério[13].

Em mais de um aspecto a leitura de *Amores* interessa para a compreensão do personagem-autor nas *Metamorfoses*. Um paralelo se impõe entre a primeira elegia e o episódio "Apolo e Dafne" (*Metamorfoses* I, 452-567), principalmente no trecho inicial que retrata a supremacia do deus Amor sobre Apolo. O episódio como um todo vem enquadrado numa moldura etiológica. Apolo vem de sua vitória sobre a serpente Píton e acabava de instituir os jogos píticos. Os vencedores eram coroados com qualquer folhagem, pois ainda não havia ~~ainda~~ o loureiro. O episódio também indica uma mudança importante dentro do poema, pois é o primeiro de uma série que retrata a perseguição de um deus a uma ninfa, depois de uma longa seqüência inicial de caráter predominantemente cosmogônico. O episódio, enfim, cria uma chave elegíaca para leitura das *Metamorfoses* que, em seu hibridismo de gêneros, acaba por subordinar todos eles (a epopéia, a tragédia, a comédia, o gênero didático, etc) à poesia erótica, de tal forma que Ovídio nunca efetivamente se afastou da elegia, mesmo escrevendo apenas hexâmetros. Vejamos, então, o trecho inicial do episódio (*Met.* I, 452-480):

> Primus amor Phoebi Daphne Peneia, quem non
> fors ignara dedit, sed saeua Cupidinis ira.
> Delius hunc, nuper uicto serpente superbus,
> uiderat adducto flectentem cornua neruo
> "quid"que "tibi, lasciue puer, cum fortibus armis?"
> Dixerat; "ista decent umeros gestamina nostros,
> qui dare certa ferae, dare uulnera possumus hosti,
> qui modo pestifero tot iugera uentre prementem
> strauimus innumeris tumidum Pythona sagittis.
> Tu face nescio quos esto contentus amores
> irritare tua, nec laudes adsere nostras".
> Filius huic Veneris: "Figat tuus omnia, Phoebe,
> te meus arcus", ait, "quantoque animalia cedunt
> cuncta deo, tanto minor est tua gloria nostra".
> Dixit, et eliso percussis aere pennis
> impiger umbrosa Parnasi constitit arce
> eque sagittifera prompsit duo tela pharetra
> diuersorum operum: fugat hoc, facit illud amorem;
> quod facit, auratum est et cuspide fulget acuta,
> quod fugat, obtusum est et habet sub harundine plumbum.

[13] Cf. SCHMITZER, 2005, p. 37.

Hoc dues in nympha Peneide fixit, at illo
laesit Apollineas traiecta per ossa medullas.
Protinus alter amat ; fugit altera nomen amantis,
siluarum tenebris captiuarumque ferarum
exuuiis gaudens innuptaeque aemula Phoebes.
Vitta coercebat positos sine lege capillos.
Multi illam petiere, illa auersata petentes
impatiens expersque uiri nemorum auia lustrat,
nec quid Hymen, quid Amor, quid sint conubia, curat.

Dafne penéia foi primeiro amor de Febo,
nascido não do azar, mas da ira de Cupido.
Délio, soberbo após ter vencido a serpente,
vira-o dobrar o arco com a corda tensa:
"Moço lascivo, por que portas armas fortes?"
– disse – "isto convém aos meus ombros, pois posso,
certeiro, ferir feras, como um inimigo,
e com muitas flechadas matei Píton hórrida,
cujo ventre pestífero um monte ocupava.
Contenta-te em, com teu facho, excitar não sei
que amores, nem queiras tomar os meus louvores."
Diz o filho de Vênus: "O teu arco, Febo,
tudo atinge, e a ti eu; como os animais valem
menos que um deus, tua glória é menor que a minha".
Disse e, fendendo o ar com as céleres asas,
pousou na umbrosa fortaleza do Parnaso
e da aljava tirou dois dardos de diverso
efeito; um afugenta, o outro atrai amor.
Este é dourado e brilha na ponta afiada;
aquele, obtuso, sob o cano contém chumbo.
Com este alveja a ninfa penéia, com outro
atravessa a medula e os ossos de Apolo.
Este ama súbito; do amante aquela foge,
se alegrando em caçar feras nas profundezas
das selvas; ela, êmula da casta Febe;
uma fita envolvia os cabelos revoltos.
Muitos a cortejavam; ela os repelia,
buscando os bosques ínvios, livre de marido,
indiferente a Himeneu, a Amor, e a núpcias.

Depois de uma longa perseguição e da transformação da ninfa em loureiro, o episódio se conclui em chave política, com uma referência explícita a Augusto e identificação deste com Apolo. A fala final do deus (Met. I, 557-565) é esclarecedora:

Cui deus: "At quoniam coniunx mea non potes esses,
arbor eris certe" dixit "meã. Semper haabebunt
te coma, te citharae, te nostrae, laure, pharetrae.

Tu ducibus Latiis aderis, cum lata triumphum
uox canet et uisent longas Capitolia pompas.
Postibus Augustis eadem fidissima custos
ante fores stabis, mediamque tuebere quercum.
Vtque meum intonsis caput est iuuenale capillis,
tu quoque perpétuos semper gere frondis honores".

Diz-lhe o deus: "Já que não podes ser minha esposa,
serás a minha árvore; sempre a terei
nos cabelos, na cítara e aljava, ó loureiro;
entre os chefes do Lácio ouvirás os alegres
cantos e as triunfais pompas no Capitólio.
Serás fiel guardiã do palácio de Augusto,
e às portas estarás protegendo o carvalho;
como jamais corto os meus cachos juvenis,
com perpétua folhagem, serás sempre honrada".

Ressalto aqui, como termo de comparação, que a intervenção violenta de Cupido, que em Apolo faz nascer o amor por Dafne nas *Metamorfoses*, em *Amores* I, faz nascer no poeta a própria poesia elegíaca. Numa leitura retroatriva, que considera a obra ovidiana no seu conjunto, pode-se perceber que Ovídio, enquanto autor e personagem-autor de sua obra, procede a uma constante releitura de suas obras dentro da obra. Essa consciência da Obra com maiúscula está evidente nas várias referências implícitas e explicitas a autores da tradição, como aos contemporâneos do poeta e também às suas próprias obras. As *Metamorfoses* são um exemplo dessa escrita plural, que ao mesmo tempo ambiciona abarcar todos os gêneros, todas as histórias, todos os mitos, deixa uma abertura para o inconcluso, pois não pode reter o fluxo do tempo, e a atitude do poeta varia entre o *pathos* extremo e uma irônica autoconsciência do jogo literário.

Nesse sentido, outra coletânia de elegias de Ovídio são um bom exemplo: as *Heróides*. Trata-se de uma coleção de cartas escritas em dísticos elegíacos. São cartas de amor escritas, em sua maioria, por heroínas da mitologia a seus parceiros heróis. Nelas, o jogo ficcional é completo e evidente. Se em *Amores* havia ainda a possibilidade de se confundir o "ego" dos poemas com a pessoa do autor, nas *Heróides* o travestimento é integral. O autor, ou melhor, a instância enunciativa, o *ego*, é claramente ficcionalizado e em nada lembraria o autor real – um homem, que empresta sua voz à personagens femininas e mitológicas – , não fosse a possibilidade de ver, através desse jogo ficcional, o personagem-autor, com suas referências literárias e o cultor de

exercícios retóricos das escolas de Oratória, disciplina modelar da formação intelectual dos romanos dessa época. Ovídio procede a uma operação de mão dupla: ao mesmo tempo em que dá voz à Penélope, por exemplo, faz que com ela fale e pense como uma romana de seu tempo, falando, pensando e reagindo como um orador, com as suas estratégias de persuasão. A carta de Dido endereçada a Enéias é uma espécie de reelaboração de parte do Canto IV da *Eneida* de Virgílio, com uma mudança significativa do ponto de vista. Para Ovídio, a rainha de Cartago é só uma mulher para quem o destino de Roma ou Cartago nada significa. O que ela quer é amar o homem. Ela não entende as razões do seu abandono por Enéias: a missão divina de fundação de um grande império, o romano, em substituição à Tróia vencida, – uma perspectiva, vista por muitos comentadores, como anti-augustana. Essa perspectiva ostensivamente humana produz, apesar do *pathos* da situação, uma espécie de rebaixamento das personagens míticas, minando assim os fundamentos ideológicos do sistema imperial. A escrita destas cartas leva o leitor a perceber a metamorfose do fictício em ficcional, operação que será potencializada em sua obra magna. Ela se caracteriza como o inverso da operação virgiliana de denegação do ficcional. Virgílio, através da ficção, da fábula, se aproxima da história e procura convergir os seus ideais aos do sistema que o elegeu como seu porta-voz. Ovídio, ao contrário, trabalha na perspectiva da explicitação da ficcionalidade já implícita na fábula. A ficcionalização da fábula permite ao leitor a percepção da realidade como ficção, minando, dessa forma, um dos fundamentos que garante o funcionamento da sociedade sob o ponto de vista dos que detêm o poder.[14]

O caráter transgressor da perspectiva literária de Ovídio se acentua quando consideramos a sua obra-prima, *Arte de Amar*, e sua poesia didática como um todo. Nela, a *persona* do poeta se assume como *praeceptor Amoris*, mestre do Amor, o que contém uma grande dose de ironia. Esse preceptor acompanha o leitor pelos pórticos luxuosos, pelo fórum, pelo circo e pelas festas públicas e pelos banquetes privados, instruindo-o nas artes da sedução. Ao contrário das elegias de *Amores*, em que o leitor segue as aventuras e dissabores do "poeta" diante das portas fechadas da casa de sua amada e sua tentativa de burlar os guardas e o marido, é o "poeta" que observa e discute os casos de amor dos leitores.[15] Para fazer entender os seus ensinamentos o poeta recorre às histórias de amor entre deuses e homens, aos mitos, muitos dos quais serão retomados nas *Metamorfoses* e nos *Fastos*.

---

[14] Cf. COSTA LIMA, 2006, pp. 241-244.
[15] Cf. ALBERTO, 1997, p. 21.

Diz Ovídio na *Arte de Amar* I, 635: “Expedit esse deos, et, ut expedit, esse putemus”; que, numa tradução mais dilatada, quer dizer:

> Dos deuses é-nos útil a existência
> e como é útil existirem deuses
> acreditemos que realmente existam.
> (Trad. Natália Correia e David Mourão-Ferreira)

Diante disso, poderíamos perguntar como Paul Veynne: Acreditavam os romanos nos seus deuses? A resposta de Ovídio a essa questão não seria isenta de ambiguidade. Os deuses existem, mas são criaturas poéticas, moldadas à medida do desejo humano. A explicitação do caráter ficcional da divindade é algo que vai ao encontro de poder temporal absoluto centralizado na figura do imperador que procura sua legitimação no sistema de crenças. Ovídio tem consciência do caráter perturbador de sua visão de mundo e sabe que ela contrasta com a política oficial; daí que procura se defender previamente de acusações que um dia lhe serão imputadas, restringindo o alcance de suas formulações poéticas e semeando aqui e ali, em sua obra, um augustanismo de fachada. No entanto, é preciso entender que a poesia de Ovídio é, também ela, fruto das transformações por que passou a sociedade romana, com a ascensão de Augusto, marcando o fim das guerras civis e o início de grandes conquistas territoriais e riquezas advindas dessas conquistas. As idéias morais do imperador contrastam com a da maioria dos cidadãos embalados pelas riquezas e pelas oportunidades de prazer que uma cidade florescente como Roma podia oferecer. Ovídio mais do que influir sobre ela, retrata essa nova consciência das classes abastadas, mas destituída de poder, todo ele concentrado na figura do imperador.

Por volta do ano I d.C., Ovídio, tendo já concluído sua obra amatória, decide trabalhar num projeto de grande envergadura. É desse desejo de superação de sua condição de poeta elegíaco que irão nascer as *Metamorfoses*. Mas essa superação da elegia, não se dá como negação. O poeta elegíaco se imiscui em todo o poema, cujo gênero, se é épico pela métrica utilizada, se torna híbrido ao abrigar em si uma multiplicidade de personagens, temas e estratégias literárias. A ausência de um herói centralizador que, através de suas ações e exemplos, atrai a atenção do leitor, rompe o esquema tradicional da épica. Ovídio funde o material mitológico grego com o romano de forma totalmente diversa de Virgílio, por exemplo. A sua atenção se concentra, quase sempre, no maravilhoso ou no grotesco, e a contigüidade entre mito e história, em vez de servir de fundamento à ideologia do estado, retrata a instabilidade que é viver sob um

regime despótico, com seus rituais de violência, raptos, estupros e assassinatos, enfim, toda espécie de violência institucionalizada no cotidiano e tornada espetáculo nas lutas dos gladiadores no Circo. Mesmo os deuses ovidianos se comportam de forma demasiado humana, bem longe das solenes divindades retratadas por Virgílio e Horácio. O grande mérito de Ovídio nas *Metamorfoses*, no entanto, é a utilização do mito, ainda que de forma paródica, para revelar aspectos da realidade, ainda encobertos.

A ausência de um herói como figura central capaz de concentrar em si todas as virtudes desejáveis ao bem social, tem conseqüências importantes do ponto de vista da estruturação narrativa do poema. Assim como não há um herói único, também o narrador se fragmenta em muitas vozes narrativas, ainda que não possamos falar de uma verdadeira polifonia, já que estilisticamente eles não se diferenciam. Portanto, não se trata de uma separação de vozes narrativas, mas de uma alternância de elocuções, encenadas diretamente pela voz do poeta-narrador, segundo a lógica do espetáculo, no processo de comunicação com o leitor-espectador, que experimenta, assim, uma continua variação de vozes, de destinatários, de níveis e de enquadramento narrativos.

Uma leitura atenta da obra deve levar em conta essas pluralidade de vozes e eventos, pois ela está na base do princípio metamórfico, ao qual Ovídio submeteu todas as coisas, inclusive o seu próprio canto. Daí que uma atenção aos relatos metadiegéticos, aqueles em que um personagem assume a palavra e conta uma história a um ouvinte que é também um personagem da história em suspenso. Um bom exemplo de metadiegese é a história da ninfa Siringe, contada por Mercúrio a Argos, o cão de cem olhos da deusa Juno. A história é contada para fazê-lo distrair-se de sua tarefa de vigiar a ninfa Io, rival de Juno, e dormir, o que acabou por lhe custar a vida.

A metadiegese em Ovídio revela a consciência desperta do narrador e a sofisticação da arte de narrar, com a sua intrincada teia de fios narrativos, com seus narradores humanos e divinos. Não é sem importância que primeiro narrador interno no poema é o próprio Júpiter (I, 182-243) e é dele também a última voz a falar (15, 807-42) antes de o poeta encerrar o poema. Dessa forma, o personagem-autor demonstra grande engenho no uso da técnica do "relato dentro do relato": o assunto das duas histórias são, respectivamente, a metamorfose de um tirano, Licáon, em lobo, e a metamorfose de um líder (Júlio César) em estrela; portanto, ninguém melhor que Júpiter, o deus que detém a soberania, para enunciar o exemplo negativo de Licáon e o positivo de Júlio César: os dois eventos assim relacionados não deixam de ser uma advertência para Augusto.

Outros narradores internos das *Metamorfoses* mereceriam a nossa atenção, principalmente aqueles que evidenciam uma relação mais direta com o poeta-narrador principal, tais como a ninfa Calíope, as Piérides, oponentes das musas, e Orfeu, uma vez que eles representam aspectos divinizados da palavra poética. A intervenção dessas personagens dá margens a uma reflexão metaliterária, que muito diz sobre as concepções estéticas, políticas e existenciais do poeta, além de chamar a atenção para a origem divina de sua atividade, o que lhe confere um lugar de destaque na hierarquia terrena. O poeta, segundo uma concepção muito antiga e enraizada na cultura mediterrânea, é uma das três instâncias, ao lado do profeta e do rei, portadores de uma palavra eficaz e verdadeira: o rei na distribuição da justiça, o profeta, na antecipação do futuro e o poeta no uso das palavras aladas que salvarão do esquecimento os feitos dignos de serem lembrados.

No ano 8 d.C., quando Ovídio gozava de grande prestígio e era uma celebridade requisitada em Roma, foi de súbito atingido pela ira do Imperador que o mandou exilar-se em Tomos, nos confins dos império romano, no Ponto Euxino, atual Romênia. Ovídio tinha por essa época cerca de 50 anos e viveu ainda mais 10, longe de Roma, à espera de um perdão que nunca veio. Durante esse tempo, escreveu, pelo menos, duas obras importantes, as *Tristes* e as *Pônticas*, coletânias de cartas, escritas em dísticos elegíacos, dirigidas à esposa, aos amigos e ao próprio imperador. Estas obras, durante muito tempo, foram consideradas menores, dadas as características pretensamente monocórdicas do argumento e a finalidade extra-literária de defesa contra as acusações, com as estratégias retóricas para convencer o imperador a aceitá-lo de volta.

Obcecados pela idéia de compreenderem as razões do exílio, os críticos mal perceberam o tema dominante da amizade, em contraposição ao do amor das suas obras da juventude. Hoje o entendimento ~~que se tem~~ é outro. Trata-se de textos literários riquíssimos, pois representam uma virada na carreira poética do autor. Ovídio retoma a elegia, mas acrescenta a ela uma nova *persona*, a do poeta exilado. O exílio do poeta é, antes de tudo, um fato literário. É em termos heróicos que o poeta descreve a sua viagem marítima até o local do exílio, a paisagem de Tomos é descrita como *locus horribilis* e os seus habitantes como bárbaros sempre prontos a atacar as fortificações militares dos romanos (mas também o contrário disso, em *Trist*. 5, 10,37: *barbarus hic ego sum quia nom intellegor ulli* / "aqui o bárbaro sou eu, porque não sou entendido por ninguém").O lugar do exílio é um lugar fronteiriço, onde a *pax romana* não chega e

autoridade de Augusto é posta em xeque. Ovídio explora a tal ponto as possibilidades do tema do exílio, que uma parcela da crítica, ainda que minoritária, pôs em dúvida a realidade desse exílio. Para um poeta com tão grande poder de ficcionalização isso não deixa de ser um elogio e um reconhecimento. Não existem documentos fora da obra que atestem, à época, a realidade do exílio. Nem mesmo ficamos sabendo os reais motivos que levaram ao banimento. O poeta se refere sempre ao *carmen* e ao *error*. O *carmen,* o próprio poeta esclarece tratar-se da *Arte de Amar*; e o *error* o poeta fez questão de cifrá-lo com expressões vagas, com a desculpa de não querer reavivar a lembrança do imperador com o sucedido, uma falta involuntária. Significativo é o paralelo que ele faz, em *Tristes*, 2, 103-6, entre o seu *error* e o de Ácteon, descrito no livro III das *Metamorfoses*, o caçador que inadvertidamente flagrou Diana nua no banho e foi punido com a transformação em cervo, e acabou caçado pelos próprios cães e morto pelos seus companheiros. Mas nada que possa objetivamente esclarecer o assunto dá para tirar dessa passagem. A sua importância existe no fato literário de Ovídio misturar-se à sua própria obra, numa espécie de auto-ficcionalização. O princípio metamórfico já não se limita a um procedimento literário levado a efeito apenas na obra intitulada *Metamorfoses,* mas é algo que contamina toda a obra e com ela, o próprio poeta em seu infortúnio. Em *Tristes* I, 1, dirigindo-se ao próprio livro, que acabara de enviar a Roma, ele diz:

> Deque tribus, moneo, se qua est tibi cura parentis,
>   ne quemquam, quamuis ipse docebit, ames.
> Sunt quoque mutatae ter quinque uolumina formae,
>   nuper ab exsequiis carmina rapta meis:
> His mando dicas, inter mutatas referri
>   fortunae uultum corpora posse meae;
> nanque ea dissimilis subit est effecta priori;
>   flendaque nunc, aliquo tempore laeta fuit.
>
> Caso ames a teu pai, eu te aconselho que não ames
>   Nenhum dos três, embora a amar eles ensinem.
> Há igualmente os quinze rolos das Metamorfoses,
>   Carmes recém-tomados às minhas exéquias:
> Ordeno-te lhes digas que entre tais metamorfoses
>   Cabe pôr as do rosto da minha fortuna;
> Pois de súbito ela se fez bem diversa do que era;
>   Chorosa agora, ela que outrora foi alegre.
>
> (Tradução de José Paulo Paes)

Aqui Ovídio, ou o personagem-autor das *Tristes*, tencionando ao máximo o processo de ficcionalização, torna-se personagem de sua própria obra, as *Metamorfoses*, dilatando os seus limites e reafirmando o seu caráter aberto e inacabado. Em Metamorfoses III, 131-7, o poeta, como introdução ao episódio da transformação e morte de Ácteon, interpela Cadmo, avô do rapaz e fundador de Tebas, neste termos:

> Iam stabant Thebae. Poteras iam, Cadme, uideri
> exílio felix: soceri tibi Marsque Venusque
> contigerant; huc adde genus de coniuge tanta,
> tot natos natasque et, pignera cara, nepotes,
> hos quoque iam iuuenes. Sed scilicet ultima semper
> expectanda dies homini, dicique beatus
> ante obitum nemo supremaque funera debet.
>
> Já alçava-se Tebas. Já podias, Cadmo,
> ver-te feliz no exílio: Marte e Vênus tinhas
> como sogros e a prole de uma nobre esposa,
> filhos, filhas e, caros penhores, os netos
> já crescidos. Porém, deve-se esperar sempre
> o dia extremo e ninguém pode ser chamado
> de feliz, antes do óbito e das honras fúnebres.

Compare-se aqui a situação de Cadmo, esse outro exilado, que superou a realidade do exílio, fundando uma nova cidade, com a situação do autor das *Tristes* e das *Pônticas*, cujo exílio significou uma espécie de morte cívica de sua pessoa, mas não a morte de sua *persona* poética. É com essa *persona* de poeta que Ovídio vai encarar o olhar petrificante de Augusto, cuja ascensão ao poder representará o desprestígio da noção de pessoa, tão bem encarnadas nas figuras do orador e do poeta, nos tempos republicanos.

Retomando o *topos* horaciano da eternidade da obra, assim conclui Ovídio a sua *magnum opus*:

> Iamque opus exegi quod Iouis ira nec ignis
> nec poterit ferrum nec edax abolere uetustas.
> Cum uolet, illa dies, quae nil nisi corporis huius
> ius habet, incerti spatium mihi finiat aeui;
> parte tamen meliore mei super alta perennis
> astra ferar, nomenque erit indelebit nostrum.
> Quaque patet domitis Romana potentia terris,
> ore legar populi, perque omnia saecula fama,
> siquid habent ueri uatum praesagia, uiuam.

> Obra acabei, que nem de Jove, a ira, o fogo,
> e o ferro, ou tempo voraz jamais abolirão.
> Que venha o dia extremo que só sobre o corpo
> dispõe, e cesse a minha duração incerta:
> mas a parte melhor de mim será perene,
> alta estrela, e o meu nome indelével será.
> E onde o poder romano se estender na terra,
> pelo povo serei lido e graças à fama,
> se é vero o vate, para sempre viverei.

Encerro essas reflexões, retomando estas palavras de Ítalo Calvino, que ressoam, em chave crítica, as de Ovídio:

> Desmontado e remontado o processo da composição literária, o momento decisivo da vida literária será a leitura. Nesse sentido, mesmo que entregue à máquina, a literatura continuará sendo um lugar privilegiado da consciência humana, uma explicitação das potencialidades contidas no sistema de signos de toda sociedade e toda época. A obra continuará a nascer, a ser julgada, a ser destruída ou continuamente renovada pelo contato do olho que lê; o que desaparecerá será a figura do autor, esse personagem a quem continuamos a atribuir funções que não lhe competem, o autor como expositor da própria alma na mostra permanente das almas, o autor como usuário de órgãos sensoriais e interpretativos mais receptivos que a média; o autor, esse personagem anacrônico, portador de mensagens, diretor de consciências, declamador de conferências nos círculos culturais. O rito que estamos celebrando neste momento seria absurdo se não pudéssemos dar-lhe o sentido de uma cerimônia fúnebre para acompanhar ao além-túmulo a figura do autor e celebrar a perene ressurreição da obra literária; se não pudéssemos inserir em nossa reunião alguma coisa do júbilo dos banquetes fúnebres, nos quais os antigos restabeleciam o contato com o que vive.[16]

Referências bibliográficas:

ALBERTO, Paulo Farmhouse. *Ovídio*. Lisboa, Inquérito, 1997.

CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

______. *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo, Cia das Letras, 1997.

______. *Assunto Encerrado: Discursos sobre Literatura e Sociedade*. Trad. Roberta Barni. São Paulo, Cia das Letras, 2009.

COSTA LIMA, Luiz. *História, Ficção, Literatura*. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

[16] CALVINO, 2009, p. 206.

DUPONT, Florence et ÉLOI, Thierry. *L'Érotisme Masculine dans la Rome Antigue*. Paris, Belin, 2001.

HARDIE, Philip (org.). *The Cambridge Companion to Ovid*. New York, Cambridge University Press, 2002.

NASONE, Publio Ovidio. *Metamorfosi*. A cura de Piero Bernardini Marzolla, Torino, Enaudi, 1994.

OVIDE. *Les Amours*. Texte établi e traduit par Henri Bornecque, Paris, Belles Lettres, 1930.

OVÍDIO. *Arte de Amar*. Trad. Natália Correia e David Mourão-Ferreira. São Paulo, Ars Poética, 1992.

______. *Poemas da Carne e do Exilio*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes, São Paulo, Cia das Letras, 1997.

REZENDE, Antônio Martinez. *Rompendo o Silêncio: A Construção do Discurso Oratório em Quintiliano*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2009.

SCHIMITZER, Ulrich. *Ovídio*. Tradução italiana Mariella Bonvicini. Bologna, CLUEB, 2005.

SEGAL, Charles. *Ovidio e la Poesia del Mito: Saggi sulle Metamorfosi*. Trad. italiana deAlessandro Schiesaro e Marco Sabella, Venezia, Marsílio, 1991.

METAMORFOSES[·]

[·] Utilizo o texto da edição crítica de Georges Lafaye. OVIDE: *Les Métamorphoses*. Paris: "Les Belles Lettres", 1955, 3. v.

Livro I

Faz-me o estro dizer formas em novos corpos
mudadas. Deuses, já que as mudastes também,
inspirai-me a empresa e, da origem do mundo
ao meu tempo, guiai este canto perpétuo.
  Antes do mar, da terra e céu que tudo cobre,
a natureza tinha, em todo o orbe, um só rosto
a que chamaram Caos, massa rude e indigesta;
nada havia, a não ser o peso inerte e díspares
sementes mal dispostas de coisas sem nexo.
Inda nenhum Titã iluminava o mundo,
nem Febe, no crescente, os chifres renovava,
nem a terra pendia no ar circunfuso,
suspensa no seu peso, nem, por longas margens,
os seus braços havia espraiado Anfitrite.
E como ali houvesse terra e mar e ar,
instável era a terra, a onda inavegável
e o ar sem luz; a nada aderia uma forma,
e cada coisa obstava outras, pois num só corpo
o frio combatia o quente, o seco o úmido,
o mole o duro, e o peso o que não tinha peso.
Deus ou douta natura esta luta sanou,
pois do céu separou a terra, e desta as ondas,
e do ar espesso um céu límpido discerniu.
E depois que os tirou do disforme conjunto,
cada qual num lugar ligou, em paz concorde.
Do céu convexo, força ígnea e sem peso
surgiu e se alocou no mais alto da abóbada;
o ar, dela, se aproxima em leveza e lugar;
mais densa, a terra atrai os elementos grandes
e é premida por seu peso; a água circunfluida

ocupou o restante e cercou o orbe sólido.
Assim aquele deus, fosse qual fosse, a massa,
primeiro, dividiu em lotes e ordenou,
para que igual ficasse em toda a parte, dando
à terra a aparência de um imenso orbe.
Então o mar romper-se com os ventos rápidos
mandou e circundar os litorais da terra.
Reuniu pântanos, fontes e grandes lagoas,
por entre sinuosas margens cingiu rios,
que em parte se absorvem em vários locais,
em parte vão ao mar, e acolhidos no campo
de águas livres, em vez de margens, tocam praias.
Mandou dilatar campos, vales abaixar,
selvas cobrir de folha, erguer montes rochosos.
E, como há no céu duas zonas à direita
e outro tanto à esquerda e uma quinta mais tórrida,
assim um deus zeloso o globo dividiu
por igual, e outras tantas plagas tem a terra.
Por causa do calor, não se habita a mediana,
cobre duas a neve; entre ambas pôs as outras,
que, misturando fogo ao frio, temperou.
Cobre-as o ar, que tanto é mais leve que a terra
e a água, quanto mais pesado do que o fogo.
Lá as névoas, e lá as nuvens, pendurar
mandou, também trovões que aterram mente humana
e os ventos que, com raios, rabiscam relâmpagos.
O criador do mundo, entanto, não lhes deu
a posse do ar ao léu; a custo, agora, impede-os
 - embora cada qual assopre em sua rota -
de o mundo varrer, pois grande é a rixa entre irmãos.
Euro se foi à Aurora, aos reinos nabateus,
à Pérsia e às montanhas sob luz matutina;
Vésper e as praias, mornas pelo sol poente,

de Zéfiro estão perto; a Cítia e o Setentrião
Bóreas frio invadiu; a região contrária
se umedece de chuva e assíduas nuvens de Austro.
Em cima pôs o éter límpido e sem peso,
que nenhuma impureza terrena contém.
Logo que dispôs tudo em seus limites certos,
estrelas, muito tempo sob profundas trevas,
põem-se a cintilar na vastidão do céu.
Para que não houvesse lugar sem ser vivo,
astros e deuses moram em solo celeste,
coube aos peixes brilhantes habitar as ondas,
às feras coube a terra, o ágil ar às aves.
Um animal mais nobre e mais inteligente,
que dominasse os outros, ainda faltava.
Nasceu o homem, ou fê-lo com sêmen divino
o autor de tudo, origem de um mundo melhor,
ou a terra recém-separada do alto
éter retinha o sêmen do céu, seu irmão;
misturando-a à chuva, o nascido de Jápeto
plasmou-a à imagem de deuses potentes;
os outros animais, curvos, miram a terra,
ao homem, dando olhar sublime, o céu mirar
mandou e dirigi-lo, o porte ereto, aos astros.
Assim a terra, há pouco rude e disforme,
transformou-se em figuras inéditas de homens.
Primeva, a idade de ouro, sem ultor nem lei,
cultivava o direito e a fé espontaneamente.
Faltos de pena e medo, em bronze não se liam
ameaças, nem, súplice, a turba temia
juiz, mas, sem ultor, sentiam-se seguros.
Dos montes não descera ainda o pinho às ondas,
visitando o estranho orbe, e mortal algum
dos outros litorais sabia, fora o seu.

Fossos fundos ainda não cingiam muros;
não havia clarim reto ou curva corneta,
nem capacete e espada; e, sem usar polícia,
as pessoas em paz fruíam doces ócios.
A terra mesma tudo dava, sem impostos,
intacta de rastelo ou arados quaisquer;
contentes com os frutos dados sem esforço,
colhiam o medronho e morangos silvestres,
as cerejas e amoras nas moitas de espinho
e as landes que caíam da árvore de Júpiter.
A primavera era eterna e em sopros tépidos
afagavam incultas flores calmos Zéfiros.
Logo, intocada, a terra produzia grãos
e o campo branquejava de espigas pesadas;
ora corriam rios de leite ou de néctar
e do verde azinheiro o louro mel brotava.
Após Saturno ir ao tenebroso Tártaro,
sob Júpiter surgia a idade de prata,
inferior à de ouro e melhor que a de bronze.
Júpiter encurtou a primavera antiga
e, com inverno, outono inconstante, verão
e primavera, ao ano deu quatro estações.
Então o ar abrasou-se com ardores secos
e por causa do vento o gelo se encrespou.
Então surgiram casas. Casas eram grutas,
galhos presos em córtice e arbustos densos.
Enfim, em longos sulcos lançaram sementes
de cereais e os bois gemeram sob o jugo.
Em terceiro lugar veio a raça de bronze,
de instinto mais feroz e dada a horríveis armas,
porém, não criminosa. A de ferro é a última;
logo assomou na idade deste vil metal
todo o crime; o pudor, a verdade e a fé foram

substituídos pela fraude e pelo dolo,
por ciladas, violência e desejo de posse.
Deram velas aos ventos ignorados pelo
navegante e as quilhas há muito plantadas
em montes altos em ignoto mar lançaram,
e em terra antes comum, qual luz do sol e o ar,
um cauto agrimensor demarcou os limites.
Nem só colheita e grãos vindos da rica terra
exigiam; porém adentraram-lhe as vísceras,
e os bens que ela escondera na sombra do Estige
foram desenterrados, provocando males.
E já o ferro nocivo, e o ouro bem pior,
surgira: e surge a guerra em que cada um brande
em mão ensangüentada as armas crepitantes.
Vive-se da rapina, o sogro teme o genro;
o hóspede, o anfitrião; rara a paz entre irmãos.
Os cônjuges desejam a morte um do outro;
madrastas más fabricam venenos terríveis;
o filho anseia o fim prematuro dos pais.
Jaz vencida a virtude, e a virginal Astréia,
por fim, deixou a terra úmida de mortes.
Não era o alto éter mais salvo que a terra,
pois, contam, os Gigantes ergueram montanhas
até os astros, querendo o reino celestial.
Então o onipotente pai trincou o Olimpo
com raios e arrojou o Pélion Ossa abaixo.
Soterrados os corpos dos monstros nos montes,
a Terra, umedecida em sangue de seus filhos,
insuflou vida ao sangue ainda quente deles,
e, para que vestígio algum da estirpe houvesse,
deu-lhes a face de homens. Mas tal geração
os deuses desprezou e se mostrou violenta
e assassina: sabia-se nascida em sangue.

Quando o satúrnio pai do alto trono viu isso,
geme e, lembrando o torpe festim de Licáon,
fato recente ainda inédito, no espírito
concebe iras ingentes e dignas de Júpiter,
e convoca o conselho; que vem sem demora.
Existe em céu sereno uma sublime via:
Láctea chamada, de brancura bem notável.
Por lá os deuses vão até a casa real
do grão Tonante. À destra e à esquerda, os átrios
dos nobres deuses são, de porta aberta, honrados.
Outros locais a plebe habita; à frente ilustres
deuses potentes seus palácios dispuseram.
Este lugar, se me permitem a expressão,
ousaria chamar Palatino celeste.
Reunidos os deuses na mansão de mármore,
o próprio excelso, segurando o cetro ebúrneo,
terrível cabeleira agitou três ou quatro
vezes, movimentando a terra, o mar e os astros.
Depois, soltou, assim, palavras indignadas:
“Eu não me afligi mais pelo poder do mundo
do que quando os angüípedes se preparavam
para lançar ao céu cativo os seus cem braços.
Pois, embora o inimigo fosse fero, aquela
guerra só dependia de uma raça e origem.
Agora, onde Nereu ressoe em todo orbe,
finarei a mortal raça. Juro por ínferos
rios que correm sob a terra em bosque estígio,
que antes tudo tentei, mas, ferida incurável,
para salvar a parte sã, passe-se à espada.
Obedecem-me os semideuses, deuses rústicos,
ninfas, faunos, silvanos monteses e sátiros,
que, ainda não honrados no céu, deixaremos
certamente habitar as terras que lhes demos.

Deuses, credes que aqueles estão bem seguros,
quando o feroz Licáon prepara ciladas
para mim que detenho e rejo o raio e a vós?”
Comoveram-se todos e exigem castigo
a quem fez isso. Assim, quando a ímpia mão quis
findo em sangue de César o nome de Roma,
atônito, o homem teve medo de uma súbita
ruína, e todo o orbe se aterrorizou.
Augusto, não te agrada a piedade dos teus
menos que aquela a Jove. E, após ele abafar
com mão e voz murmúrios, todos se calaram.
Quando o clamor cessou sob seu régio poder,
Júpiter rompe em novos termos o silêncio:
“Licáon já cumpriu pena, descuidai disso;
todavia exporei o seu crime e castigo:
a infâmia dessa idade chegara aos ouvidos;
desço do Olimpo, desejando-a fosse falsa,
e, como um deus em forma humana, corro a terra.
Longo seria enumerar quanta injustiça
havia em toda parte: a fama não diz tudo.
O horrendo Ménalo, covil de feras, vi,
e o Cilene e os pinhais do gélido Liceu.
Adentro então o paço do tirano inóspito
da Arcádia, ainda sob a luz crepuscular.
Dei sinais de que um deus chegara, e o povo a orar
começa. Mas Licáon ri dos pios votos;
e diz: “Verei se é deus realmente, ou mortal,
com clara distinção e sem sombra de dúvida”.
Quer me dar, sob sono profundo à noite, morte
inesperada: agrada-lhe a confirmação.
Não contente com isso, a um refém molosso
corta o pescoço à espada, amoleceu-lhe parte
dos membros semimortos em água fervente

e assou a outra parte em postas sobre o fogo.
Logo que as pôs na mesa, lancei chama ultriz
contra o dono da casa e seus dignos penates.
Ele foge e, aterrado, em campo silencioso,
ulula , em vão tentando falar; ele próprio
recolhe a raiva à boca e ávido de mortes
volta-se contra o gado e em sangue se compraz.
A veste se converte em pelo e braço em perna;
faz-se lobo e conserva algo da antiga forma:
as mesmas cãs, o mesmo rosto violento,
o mesmo olhar brilhante e um furor idêntico.
Uma só casa pereceu, mas não a única
a merecer: a fera Erínia reina ubíqua.
Parece crime organizado! Possam todos
sofrer a pena merecida (sentencio).”
Uns aprovam e aplaudem o fremente Júpiter,
outros apenas dão o seu consentimento.
Mas a perda do gênero humano condói
a todos; qual será , perguntam, o futuro
da terra sem mortais, quem levará incenso
no altar, será a terra assolada por feras?
Responde a tudo o rei dos deuses e os impede
temer o que for, pois geração bem diversa
daquela, de admirável origem, promete.
E já ia espalhar raios por toda a terra;
mas temeu o éter sacro receber as chamas
e arder inteiramente ao léu o longo eixo.
Também, lembra que está nos fados vir o tempo,
em que mar, terra e o paço do céu arderiam
em chamas e o conjunto do mundo ruiria.
São depostos os dardos feitos por Ciclopes.
Pena diversa apraz-lhe: o gênero mortal
perder sob água, e envia temporais do céu.

Logo, nas grutas de Éolo, o Áquilo comprime,
e quaisquer ventos que afugentam nuvens densas,
e solta o Noto. Que se evola em asas úmidas,
com o rosto terrível sob escura névoa;
barba cheia de chuva, escorrendo das cãs;
brumas na testa estão; asas e seio orvalham.
E, quando pôs a mão larga em nuvens suspensas,
fez-se um fragor; e densas chuvas do éter caem.
Íris, núncia de Juno, em vestes coloridas,
sorve as águas e leva alimentos às nuvens.
Destroem-se os grãos, jaz ao chão o voto inútil
do colono, e a labuta vã de um longo ano.
Nem a ira de Júpiter se ateve ao céu,
e o cerúleo irmão ajuda-o com águas.
Chama os rios, aos quais diz, quando no palácio
do soberano entraram: " Não é hora agora
de tão longo discurso. Expandi vossa força;
é preciso. Abri as comportas e, então,
soltai todas as rédeas de vossas correntes".
Mandou; estes retornam e abrem boca às fontes,
e, em abalado curso, atiram-se nos mares.
O próprio deus feriu a terra com tridente;
e ela tremeu e abriu o caminho das águas.
Livres os rios vão pelos campos abertos;
e arrastam árvores, searas, gado e homens;
lares e santuários e objetos sagrados.
Se alguma casa insiste em pé em tal desastre,
onda mais alta irá cobrir o seu telhado,
e as torres sumirão em turbilhões adentro.
Nenhuma diferença tinham mar e terra;
tudo era água, nem praia havia junto ao mar.
Este ocupa a colina, aquele, adunca barca,
e leva os remos onde há pouco havia arado.

Outro navega sobre as searas ou tetos
submersos, e há quem pesque peixe em alto olmo.
Com sorte fixa-se em virente prado a âncora,
ou esmagam vinhedo as quilhas recurvadas
e onde antes gráceis cabras pastaram a grama,
agora informes focas repousam seus corpos.
Admiram bosques, casa e cidades, sob água,
Nereidas; e os golfinhos nas selvas deslizam
de altos ramos, e chocam-se contra os carvalhos.
Lobo nada entre ovelhas; fulvos leões, tigres
a onda arrasta; nem a força ao javali,
nem ao cervo submerso ágeis pernas ajudam,
e ave errante caiu no mar, asas cansadas,
depois de muito procurar pouso na terra.
As águas do oceano as colinas cobriram
e ondas insólitas os cumes percutiam.
A água não poupou quase ninguém e quem
salvou-se dela, em longo jejum pereceu.
A Fócida feraz separava os Aônios
dos confins do Eta, outrora, mas naquele tempo
era parte do mar, solidão de águas súbitas.
Aí, monte de nome Parnaso dois vértices
eleva até o céu, ultrapassando as nuvens.
Param aqui Deucálion e a mulher, num barco
pequeno, pois as águas encobriram tudo;
numes do monte, adoram, as ninfas Corícidas
e a fatídica Têmis, que emitia oráculos.
Não houve homem melhor, nem mais justo que ele;
nem mulher mais temente aos deuses do que aquela.
Júpiter quando viu o orbe inchar-se de pântanos
e sobrar um só homem de tantos milhares,
e dentre tantas mil, uma mulher apenas,
ambos tão devotados a deus e inocentes,

as nuvens dispersou, levando a chuva Áquilo,
e mostra a terra ao céu, como o éter à terra.
Nem a ira do mar resta, e o senhor do pélago,
sem o tridente, acalma as águas e convoca
Tríton cerúleo que flutua à superfície,
ombro envolto em nativa púrpura e ordena
soprar o búzio que ressoa e, dado o aviso,
reunir ondas e rios. Ele empunha a oca
trombeta, arredondada em espiral crescente,
trombeta que soprada no meio do mar
enche de som as praias sob a luz de Febo.
Quando tocou os lábios úmidos do deus
de barba gotejante, e soa a retirada,
toda a água da terra e do oceano escuta,
logo estancando todas as suas correntes.
Já o mar ganha praia e leito os rios cheios,
cuja água reflui, os montes aparecem;
surge a terra, o chão cresce ao decrescer a água
e após um longo tempo as florestas ostentam
copas nuas e limo retido nos ramos.
Refeito estava o orbe. Após o vir deserto
e desolado, envolto em silêncio profundo,
com lágrimas, Deucálion assim diz a Pirra:
“Ó irmã, ó mulher, sobrevivente única,
a origem comum e o matrimônio uniram-nos,
os perigos agora nos unem, pois somos
nós dois, a ocidente e a oriente, a única
população da terra; o mar tem as demais.
Não estamos seguros quanto à nossa vida;
ainda agora, as nuvens aterram-me a mente.
Que ânimo, infeliz, terias se o destino
te tirasse de mim? Como suportarias
sozinha este terror? Quem te consolaria?

Pois eu, crê-me, se o mar te tragasse, também
te seguiria, esposa, até o fundo do mar.
Que eu possa restaurar os povos com as artes
paternas e infundir vida à terra refeita!
Da estirpe dos mortais resta, agora, nós dois,
exemplares de homens, por favor divino”.
Dito isso, choraram. Decidem pedir
auxilio celestial, inquirindo os oráculos.
Sem demora, dirigem-se às águas do Céfiso,
que, embora turvas, já corriam no seu leito.
Dali, quando aspergiram as águas sagradas
na veste e na cabeça, vão até o templo
da augusta deusa, cujo teto estava sujo
de torpe musgo e sem o fogo nos altares.
Quando tocaram os degraus do templo, prostram-se,
no chão e com temor beijam a pedra fria,
dizendo: “Se vencidos pelas justas preces
os numes abrandarem a ira dos deuses,
dize-nos, Têmis, como reparar o dano
e traze auxílio à terra submersa, boníssima”.
A deusa comovida diz: “Deixai o templo,
recobri a cabeça e desprendei as vestes,
e ossos da grande mãe atirai pelas costas”.
Muito tempo aturdidos, rompeu o silêncio
primeiro Pirra e não quer atender a deusa,
pede perdão tremendo, pois teme ofender
as sombras maternais, ao atirar os ossos.
Entretanto repetem o dito do oráculo,
e sobre o seu obscuro mistério meditam.
O prométide, enfim, acalma a epimétide
dizendo assim: “Ou falta a nós a perspicácia,
ou algum sacrilégio intenta o pio oráculo.
Terra é a grande mãe; as pedras são os ossos

da terra, para trás lançá-las nos ordenam".
Mesmo tocada pelo augúrio do marido,
a Titânia duvida e ambos desconfiam
de ordens do céu; porém o que custa tentar?
Distam-se, o rosto cobrem, desatam a túnica
e arremessam as pedras por sobre as pegadas.
As pedras (quem, senão por tradição, creria?)
vão perdendo a dureza e o rigor e amolecem,
e quando amolecidas, elas se transformam.
E logo que cresceram, ficaram mais brandas,
de modo que se pôde ver formas humanas,
ainda que inexatas, qual esboço em mármore,
e muito semelhantes a rudes estátuas.
Porém, aquela parte em sumo umedecida,
de terra transformou-se em matéria carnal;
e o que era sólido e inflexível virou ossos;
aquilo que era um veio, veia se tornou;
logo, graças aos deuses, as pedras lançadas
pelo varão tomaram forma de varões
e da mão da mulher surgiram as mulheres.
Daí que, sendo espécie apta à dura labuta,
damos prova de termos nascido das pedras.
Os outros animais, em diversos formatos,
a terra, por si mesma, gerou, quando o sol
as águas esquentou, e a lama e aquosos brejos
ferveram de calor e as fecundas sementes
nutridas em vivaz chão, qual ventre de mãe,
cresceram e ganharam forma com o tempo.
Assim, quando o setênfluo Nilo os campos úmidos
deixou e retornou ao seu antigo leito,
e o limo novo ardeu-se sob etéreo astro,
os lavradores acham nas glebas revoltas
diversos animais, alguns mal-começados,

no exato instante de nascer, ou incompletos,
de membros imperfeitos, parte às vezes vive
em corpo, em que outra parte ainda é rude terra.
Pois, quando temperados, calor e umidade
produzem vida e tudo deriva dos dois;
e da luta do fogo e da água, o vapor cria
tudo, e aos partos convém a união dos contrários.
Logo após o dilúvio, a terra lutulenta
se aqueceu com os sóis etéreos de verão
e produziu inúmeros seres, em parte
refazendo a antiga forma, ou novos monstros.
Sem vontade, gerou-te, ó grandíssima Píton,
e, incógnita serpente, aterravas os novos
povos, pois ocupavas tanto espaço em monte.
O deus arcífero que nunca usara armas,
a não ser contra corças e cabras fugindo,
matou-a, com mil dardos, e quase esgotou
a aljava, vulnerando-a com negro veneno.
Para que a tradição não esquecesse o feito,
instituiu os célebres certames Píticos,
nome oriundo da serpente derrotada.
O jovem que, com mão, pés ou roda, vencesse
lá, era honrado com um ramo de carvalho;
ainda não havia louro, e Febo ornava
a fronte e a longa coma com qualquer folhagem.
Dafne penéia foi primeiro amor de Febo,
nascido não do azar, mas da ira de Cupido.
Délio, soberbo após ter vencido a serpente,
vira-o dobrar o arco com a corda tensa:
“Moço lascivo, por que portas armas fortes?”
– disse – “isto convém aos meus ombros, pois posso,
certeiro, ferir feras, como um inimigo,
e com muitas flechadas matei Píton hórrida,

cujo ventre pestífero um monte ocupava.
Contenta-te em, com teu facho, excitar não sei
que amores, nem queiras tomar os meus louvores.”
Diz o filho de Vênus: “O teu arco, Febo,
tudo atinge, e a ti eu; como os animais valem
menos que um deus, tua glória é menor que a minha”.
Disse e, fendendo o ar com as céleres asas,
pousou na umbrosa fortaleza do Parnaso
e da aljava tirou dois dardos de diverso
efeito; um afugenta, o outro atrai amor.
Este é dourado e brilha na ponta afiada;
aquele, obtuso, sob o cano contém chumbo.
Com este alveja a ninfa penéia, com outro
atravessa a medula e os ossos de Apolo.
Este ama súbito; do amante aquela foge,
se alegrando em caçar feras nas profundezas
das selvas; ela, êmula da casta Febe;
uma fita envolvia os cabelos revoltos.
Muitos a cortejavam; ela os repelia,
buscando os bosques ínvios, livre de marido,
indiferente a Himeneu, a Amor, e a núpcias.
Seu pai sempre dizia: “A mim deves, ó filha,
genro; a mim deves netos, filha”, repetia.
Ela, odiando, qual crime, as tochas do esposo,
inunda o belo rosto de casto rubor,
e prende os tenros braços ao colo do pai:
“Como Diana, pai caríssimo, permite-me
fruir de virgindade perpétua”, pediu.
Ele, então, assentiu; mas o que queres ser
à beleza repugna e teu corpo repele.
Febo ama e ao ver Dafne deseja unir-se
a ela; e o seu próprio oráculo o ilude.
Tal como a leve palha que arde sem a espiga,

ou a sebe queimada por tocha que acaso
alguém aproximou ou lá deixou de dia,
assim se inflama o deus, assim em todo o peito
ardendo-se e nutrindo um estéril amor.
Vendo os cabelos dela revoltos, nos ombros,
diz: “que tal penteá-los?” Vê os olhos dela
brilhantes como astros, e os lábios que ver
não é bastante; louva-lhe os dedos, as mãos,
os braços e antebraços nus pela metade;
melhor julgando o que se oculta. Mais ligeira
que a brisa, ela foge daquele que a chama:
“Ó filha de Peneu, pára, não sou hostil;
ninfa, pára. Assim, ovelha foge ao lobo,
corça ao leão, à águia trepidantes pombas,
cada qual ao rival; por amor te persigo.
Ai de mim, se caíres e espinhos ferirem-te
as pernas e eu te cause imerecidas dores.
Áspero é por onde vais; mais devagar
corre, não fujas, devagar eu mesmo irei.
Pergunte a quem te apraz; eu não habito em montes,
não sou pastor, não sou um rude guardador
de rebanhos e reses. Não sabes de quem
foges, por isso, insana, foges. Sou senhor
de Delfos e de Claros, de Tenedo e Pátara.
Júpiter é meu pai; o futuro, o passado
e o presente desvelo. Ajusto o verso às cordas.
Certeira é minha flecha, mas uma mais certa
encheu meu peito ainda vago de feridas.
Medicina inventei, chamam-me salutar
em todo o orbe e tenho poder sobre as ervas.
Ai de mim, o amor não se cura com as ervas,
e estas artes a todos úteis não me valem”.
Mais diria, se a filha de Peneu, fugindo,

não lhe cortasse a fala, em louca correria,
assim mesmo admirou-a; um vento contrário
expunha-lhe a nudez, agitando-lhe as vestes,
e a brisa para trás impele os seus cabelos;
mais bela é fugindo. Mas o jovem deus
renuncia à ternura e, tomado de amor,
segue as pegadas dela, com passos ligeiros.
Qual galgo que uma lebre em campo aberto avista,
com patas quer prendê-la e ela se safar;
ele, a ponto de alçá-la, espera tê-la em breve,
e com focinho alerta a fareja de perto;
ela temendo-se apresada, escapa aos dentes
dele e àquela boca que se lhe escancara;
tal a esperança impele o deus, e o medo a virgem.
Mas o perseguidor, com as asas do Amor,
é mais esperto e não se cansa e acossa as costas
da fugitiva e assopra-lhe o cabelo e a nuca.
Ela, esgotada pelo esforço, empalidece,
com o labor da fuga e implora a Peneu:
"Se os rios tem poder divino, pai, socorre-me!
[Ó Terra, traga ou fere o que me traz feridas,]
muda minha aparência, aprazível demais!"
Mal finda a prece, invade-lhe um torpor os membros,
seus seios tenros são por fina casca envoltos,
dos cachos crescem folhas e ramos dos braços;
pés tão velozes fixam-se em lentas raízes,
em seu rosto coberto, um brilho apenas resta.
Entanto, Febo segue amando; e pondo a destra
no tronco, sente o peito tremer sob a casca
e, os ramos abraçando, qual membros, recobre-o
de beijos; mas o tronco se esquiva aos seus beijos.
Diz-lhe o deus: "Já que não podes ser minha esposa,
serás a minha árvore; sempre a terei

nos cabelos, na cítara e aljava, ó loureiro;
entre os chefes do Lácio ouvirás os alegres
cantos e as triunfais pompas no Capitólio.
Serás fiel guardiã do palácio de Augusto,
e às portas estarás protegendo o carvalho;
como jamais corto os meus cachos juvenis,
com perpétua folhagem, serás sempre honrada”.
Peã calou-se; e, inclinando a copa, feito
fronte, o loureiro, com seus ramos, anuiu.
Há na Hemônia um bosque de mata fechada,
chamado Tempe, ali onde o Peneu, saído
do alto do Pindo, rola as espumantes águas,
e na sua pesada queda produz nuvens,
finas neblinas respigando sobre a selva,
e seu ruído atroa mais que tudo em volta.
Era ali a morada, o retiro sagrado
do grande rio, em cuja caverna de pedras
ditava leis às águas correntes e às ninfas.
Primeiro aí rios locais se reuniram,
hesitando ao pai dar os parabéns ou pêsames,
o Espérquio, rico em álamo, o inquieto Enipeu,
o velho Erídano, o ligeiro Anfriso e o Eas,
e logo os outros rios que vão para o mar,
levados por correntes fartas de desvios.
Só falta Ínaco, escondido em funda gruta,
cujo choro seu curso aumenta, pois perdida
tem a filha Io; não sabe se ela está viva
ou junto aos Manes; vendo que ela não estava
em parte alguma, ao peito vêm coisas piores.
Vendo-a voltar do rio paterno, diz Júpiter
a ela: “Ó virgem digna de Jove e que ao leito
farias qualquer um feliz, chega-te à sombra
deste profundo bosque (e lhe mostrou o bosque),

enquanto faz calor e o sol atinge o zênite.
Se temes entrar só no recanto das feras,
segura irás ao fundo bosque com um deus,
não qualquer deus, mas eu que o cetro celestial
retenho em fortes mãos e lanço errantes raios.
Não fujas.” Mas fugia e já os pastos de Lerna
e os campos do Lirceu umbroso abandonava,
quando o deus ocultou a terra em nuvem negra,
interrompeu a fuga e arrebatou-lhe a honra.
Juno, porém, deitou o olhar no meio de Argos
e estranha ver névoa veloz formando noite
em dia claro e sente que ela não provém
nem dos rios, nem mesmo da terra molhada;
e olhou em volta de onde estava seu marido,
já que sabia de seus muitos adultérios.
E ao não vê-lo no céu, diz: “Ou eu me equivoco,
ou eu sou ultrajada; e descendo do éter,
parou na terra e ordena dissipar a névoa.
Prevendo a vinda dela, ele muda a filha
de Ínaco em uma vaca de pêlo brilhante.
Ainda assim é bela; admite, a contra gosto,
Satúrnia, e perguntou, fingindo não saber,
de quem é, de onde vem, de qual rebanho era.
Veio da terra, mente Júpiter, cortando
a conversa. Satúrnia a pede de presente.
Que fazer? Entregar seu amor é cruel;
não fazê-lo, suspeito. Obriga-o o pudor,
e dissuade o amor. O pudor cede a amor;
mas se não desse a vaca de presente à esposa
e irmã, poria em dúvida ser mesmo vaca.
Dada a rival, a deusa não abandonou
logo todo o temor; receosa de enganos,
confiou-a a Argos, filho de Arestor.

Argos tinha em redor da cabeça cem olhos:
os quais dormiam dois a dois em cada turno,
os demais vigiavam, ficando de guarda.
Fosse qual fosse a posição, Io era vista;
ainda que de costa, em Io os olhos tinha.
Deixa-a pastar de dia; e quando o sol se põe,
ele impõe uma corda ao infeliz pescoço.
Ela alimenta-se de folhas e erva amarga,
e, em vez de leito, ela se deita na terra,
nem sempre à grama, e bebe nas poças de lama.
Súplice, ela não tinha como estender
os seus braços a Argos, mesmo se quisesse;
e, tentando queixar-se, emitiu um mugido,
e ficou aterrada ao som da própria boca.
Então, às margens, veio, onde antes brincava
sempre, às margens do Ínaco, e logo que viu
na água os novos chifres, fugiu assombrada.
O próprio Ínaco e as Naides desconhecem-na;
mas ela segue o pai e também as irmãs,
e deixa-se tocar por aqueles que a admiram.
O velho Ínaco lhe oferta ervas frescas;
ela lambe as paternas mãos, beijando as palmas,
e se, desfeito o choro, pudesse falar,
dizendo o nome e estado, pediria ajuda.
Com a pata fez no pó letras, em vez de fala,
expondo o triste indício de um corpo mudado.
“Infeliz de mim!” Ínaco, seu pai, exclama
e, abraçando a cerviz da nívea novilha,
“Infeliz de mim!”, geme; “não és tu a filha
procurada por toda a terra? E, não achada,
eras luto mais leve. Não respondes nada
a mim; somente arrancas suspiros do fundo
peito e remuges às palavras e mais nada.

Mas eu, insciente, te arranjava o facho e o tálamo,
pondo em ti a esperança de genro e de netos:
de um rebanho virão teu marido e teus filhos.
E não me é lícito por fim à dor morrendo;
pois, sendo um deus, a porta da morte me está
vedada e condenado estou a eterno luto.”
Assim carpia quando o estrelado Argos
arrebata-lhe a filha, levando-a a outra
pastagem. Ele mesmo sentou-se no cimo
de um alto monte, de onde espia toda parte.
Não suportando mais os males da Forônide,
o pai dos deuses chama o filho da brilhante
Plêiade e ordena que ele entregue à morte Argos.
Sem demora, põe asas nos pés e sonífera
vara em potente mão e chapéu nos cabelos;
logo então, da paterna casa desce o filho
de Jove à terra. Aí retirou o chapéu
e as penas; só retendo para si a vara.
Serve-se dela como um pastor, tange cabras
campos afora, enquanto a flauta que fez toca.
O novo canto apraz ao espião de Juno:
“Sejas quem for”, diz Argos, “podias sentar-te
comigo nesta rocha; em nenhum lugar é
mais fértil erva ao gado, e ao pastor a sombra”.
O filho de Atlas senta-se e falando muito
deteve o dia que passava, canta à flauta,
tenta vencer os olhos vigilantes de Argos.
Mas ele luta por domar o amável sono,
e, mesmo sendo aceito o sono por uns olhos,
com outro tanto observa. E (sendo a flauta invento
recente) indaga a causa de sua invenção.
Logo o deus diz: “Nos gélidos montes da Arcádia,
entre Hamadríades nonácrinas famosa

Náiade houve; as Ninfas chamavam-na Sírinx.
Mais de uma vez fugiu de Sátiros e deuses,
que a perseguiam em umbrosa selva ou campo
fértil. Por gosto e virgindade dedicou-se,
à deusa ortígia; ela também poderia
passar-se por Diana, cingida qual Latônia,
se em chifre não lhe fosse o arco e em ouro o desta.
Assim mesmo enganava. Ao voltar do Liceu,
vendo- a Pã, com agudo pinho na cabeça,
disse-lhe algo...” Restava contar como a ninfa
desprezando-lhe os rogos, fugiu pelos campos,
até chegar às águas calmas do arenoso
Lado; ali, impedida de continuar,
pediu às límpidas irmãs que a transformassem;
e Pã, quando já crê ter Sírinx junto a si,
teve-lhe, não o corpo, mas palustres cálamos;
enquanto aí suspira, o vento no caniço
fez um suave som símile a um lamento;
o deus, tomado pela doce e nova arte,
disse: “Estarei sempre em diálogo contigo!”
e assim , com cera unindo os diferentes cálamos,
deu a este instrumento o nome da donzela.
Quando contava tais fatos, Cilênio viu
fecharem-se, com sono, os cem olhos do cão.
Logo detém a voz e confirma-lhe o sono,
tocando a vara mágica em seus olhos lânguidos.
E, com a espada curva, corta-lhe a cabeça,
na nuca, enquanto cochilava, arremessando-a
contra abrupto rochedo e manchando-o de sangue.
Jazes, Argos; e a luz que havia nos cem olhos
se extinguiu e uma só noite se ocupa deles.
A Satúrnia os recolhe em penas de seu pássaro,
enchendo de estreladas gemas sua cauda.

Em seguida, inflamou-se e, sem dar trégua à ira,
lançou horrenda Erínia ante o olhar e o espírito
da argólica rival, cravando no seu peito
fero aguilhão que, em todo o orbe, aterra a prófuga.
Eras, Nilo, o limite de um labor insano;
quando ela te alcançou, jogou-se de joelhos
em tuas margens e, virando o seu pescoço,
do jeito que podia, ergueu o rosto ao céu,
e, com gemido e lágrima e mugido lúgubre,
parece a Jove orar pelo fim de seus males.
Ele, tendo abraçado o pescoço da esposa,
pede que enfim acabe estas penas, e diz:
"Não temas; no futuro aquela a ti jamais
causará dor;" e jura pelo estígio pântano.
Como a deusa se acalma, aquela recobrou
o aspecto anterior; do corpo somem pêlos
e chifres e se estreita a órbita dos olhos,
e da boca, retornam os ombros e as mãos,
o casco cai dando lugar a cinco unhas;
nada de vaca resta, a não ser a candura;
contente com o uso dos dois pés, a ninfa
se ergue, hesita falar com medo de mugir
como rês, e re-ensaia as palavras perdidas.
Agora é deusa celebrada entre os linígeros.
Epafo, crê-se enfim, nasceu dela e do sêmen
do grão Júpiter, tendo nas cidades templos
junto aos da mãe. Era da mesma idade e ânimo,
Fáeton, filho do Sol; um dia, presumindo-se,
por ter em Febo um pai, ser melhor que o Inácida,
que não suporta e diz: "Demente, crês em tudo
de tua mãe, inflando-te com pai suposto."
Fáeton corou e o pejo conteve-lhe a cólera,
e conta à mãe Climene os insultos de Epafo:

“Aumente a tua dor, mãe, saber que eu tão franco
e feroz me calei; pejou-me não poder
refutar este opróbrio contra nós lançado.
Mas tu, se sou de fato de estirpe celeste,
prova-me o berço excelso e me assegura o céu.”
Dito isso, abraçou o pescoço materno,
e, por sua cabeça e a de Mérope e as bodas
das irmãs, pede que lhe mostre o pai real.
Climene, não se sabe se instada por Fáeton,
ou por causa do insulto, levantou ao céu
os braços e mirando a luz do sol exclama:
“Por este ilustre disco de raios faiscantes,
que nos ouve e vê, juro-te, filho, nasceste
deste sol que tu vês e que regula o orbe.
Se estou mentindo, que eu nunca mais o contemple
e esta luz seja para os meus olhos a última.
Sem fadiga verás os penates paternos;
o lar onde o sol nasce é junto à nossa terra.
Se tens coragem, vá lá e pergunta ao próprio”.
Depois que sua mãe falou, regozijou-se
Fáeton, já imaginando as regiões etéreas;
cruza a sua Etiópia e a Índia sob sidérios
fogos, e vai veloz até onde o pai nasce.

Livro II

O palácio do sol, sobre altas colunas,
em ouro e flamejante piropo esplendia,
reluzente marfim recobria-lhe o teto
e do bífore umbral saía luz argêntea.
A arte à matéria superava, pois Mulcíbero
aí, em torno à terra, cinzelou as águas,
o orbe terrestre e o céu que acima dele paira.
O mar cerúleos deuses tem, canoro Tríton,
o mutável Proteu e Egéon que comprime
o enorme dorso da baleia com seus braços;
Dóris e filhas; parte parece nadar,
parte seca os cabelos verdes nos escolhos
ou monta um peixe; face igual elas não têm;
também, como convém a irmãos, não são diversas.
A terra nutre homens, vilas, selva e feras,
rios e ninfas e outras deidades do campo.
Em cima, estão a imagem de um céu refulgente
e seis constelações à destra, seis à esquerda.
Logo que o filho de Climene aí, subindo,
veio e adentrou a casa do suposto pai,
súbito, volta os passos ao rosto paterno,
mas se detém; de perto, era-lhe insuportável
aquela luz; coberto de vestes purpúreas,
Febo reluz sentado em trono de esmeraldas.
À direita e à esquerda, em pé, Dia, Mês, Ano,
Séculos, Horas, em espaço igual distavam-se;
estava a Primavera cingida de flores,
estava o Verão nu coroado de espigas,
o Outono estava sujo de uvas pisadas,

e o glacial Inverno em desgrenhadas cãs.
Então, com olhos que vê tudo, o Sol, ao centro,
viu o jovem com medo daquilo que via:
Por que vieste aqui e o que queres – pergunta –
Fáeton, filho que pai negaria jamais?
Ele responde: "Ó luz comum ao mundo imenso,
se me deixares, pai Febo, usar teu nome,
e Climene mentindo não oculte culpa,
dá-me um sinal de que descendo, pai, de ti,
e, de meu coração, afasta esta dúvida!
Disse; e o pai se desfez dos raios cintilantes
em redor da cabeça, e ordenou-lhe acercar-se,
e abraça-o: não mereces ser por mim negado,
Climene revelou-te a origem certa", diz;
"para que não duvides, peça o que quiseres,
que te concederei; seja-me testemunha
o pântano, jamais visto, em que os deuses juram".
Tão logo acaba, Fáeton pede pra guiar,
por um dia, o paterno carro e alados potros.
O pai, arrependido, três ou quatro vezes
agita a face luminosa e exclama: "Louca,
tua fala tornou a minha. Se eu pudesse
perjurar, só te negaria isto, filho!
Mas posso dissuadi-lo; há perigo em teu pleito.
Grande é o favor que pedes, Fáeton, muito acima
de tuas forças e de tua pouca idade.
Teu destino é mortal; mas o que pedes não.
Nem mesmo aos deuses é lícito isto
que, néscio, aspiras; cada qual melhor se julga,
porém ninguém, exceto eu, pode manter-se
no carro ígneo. Nem do vasto Olimpo o chefe,
cuja destra terrível lança feros raios,
guiará este carro; e que temos mais que Júpiter?

No início, a estrada é íngreme e os cavalos rompem-na,
trôpegos, de manhã; no meio, ao céu alteia-se,
que eu mesmo, às vezes, ver dali o mar e a terra
temo, e o meu coração trepida de terror;
no final, um declive exige freio firme;
mesmo Tétis, então, que me acolhe entre as ondas,
sempre teme que eu vá cair em seu abismo.
Além de que, em vertigem contínua, o céu
altos astros arrasta em veloz rotação.
Resisto a esse ímpeto que vence a todos
e vou na contramão de tão rápida órbita.
Que farás se eu te der o carro? Poderás
Opor-te à rotação de ágeis eixos polares?
Talvez supões que ali haja bosques e vilas
de deuses, com altares ricos de oferendas;
a estrada é feita de ciladas e de feras.
Inda que trilhes o caminho sem errares,
hás de enfrentar os chifres do Touro rival,
o arco hemônio e a boca do cruel Leão,
o Escorpião, que curva as tenazes terríveis
em longo abraço, e, em direção contrária, o Câncer.
Tampouco poderás comandar os quadrúpedes,
que exalam pela boca e narinas o fogo,
que o peito tem; apenas me toleram, quando
incendiados, a cerviz rejeita as rédeas.
Mas, para que não possa eu ser-te funesto,
atenção, filho, enquanto podes, deixa disso.
De fato, para creres vindo de meu sangue,
pedes segura prova? Dou provas temendo,
e o medo prova que sou teu pai. Vê o meu
rosto; quiçá possas com teus olhos sondar-me
o peito, e ver de um pai os íntimos desvelos!
Enfim, em volta, vê o que o rico mundo tem,

e, dentre tantos bens do céu, do mar, da terra,
exige algum. Não sofrerás qualquer repulsa.
Só te recuso isso: em verdade, uma pena,
não prêmio; pedes, Fáeton, pena e não presente.
Por que me estreitas, néscio, o peito em ternos braços?
Para que não duvides, (jurei pelo Estige),
dar o que desejares; mas sábios desejos".
Conselhos foram dados; mas o tal resiste
e insiste em seu desejo ardente pelo carro.
O pai, tardando o mais que pôde, conduziu
o moço ao alto carro, oferta de Vulcano.
De ouro era o timão,e o eixo, e a curvatura
da grande roda; e a série de raios, de prata;
no topo, ordenados com arte, topázios
e outras gemas a luz de Febo refletiam.
Enquanto o altivo Fáeton admirava a obra,
eis que, do oriente iluminado, a vígil
Aurora abre as portas purpúreas e os róseos
átrios; dispersam-se as estrelas e com elas
vai Lúcifer, a última a deixar o céu.
Ao ver o tal astro atingir a terra e o mundo
tingir-se de vermelho e o crescente sumir,
o Titã manda as Horas jungirem os potros.
As deusas logo atendem e, expelindo fogo
e fartos de ambrosia, dos altos currais
os quadrúpedes trazem, com sonoros freios.
Então, o pai untou com um santo remédio
a face filial, para que suportasse
o fogo abrasador, dispôs-lhe à fronte raios,
e, pressagiando luto, suspirou, dizendo:
"Atenta, ao menos, aos conselhos de teu pai,
poupa, filho, o açoite e pega firme as rédeas;
por si mesmos galopam, labuta é contê-los.

Nem sigas reta que atravessa os cinco arcos;
uma rota descreve, oblíqua, larga curva;
restringindo-te às três zonas, evita o pólo
austral, bem como a Ursa associada aos áquilos;
esta é a estrada; aí verás rastros de rodas.
E a fim de o céu e a terra igual calor reterem,
não desças muito nem o carro ao éter lances.
Se fores muito alto queimarás o céu,
se baixo, a terra; irás seguro pelo meio.
Não resvales à destra na Serpente torta,
nem, à esquerda, o carro choques contra Altar,
entre ambas, mantém-te; à Sorte fio o resto,
que ela cuide de ti melhor do que tu mesmo.
Enquanto falo, a noite úmida findou-se
no litoral Hespério; tardar não podemos;
instam-nos; já refulge a Aurora e as trevas fogem.
Toma as rédeas na mão, ou, se o teu coração
permite , usa os meus conselhos, não o carro,
enquanto podes e em local seguro pisas
e ainda não no coche que insensato aspiras.
Deixa-me dar à terra a luz que em paz verás".
Salta Fáeton, em lesto carro, o corpo jovem,
fica de pé, feliz de empunhar rédeas rápidas,
agradece ao seu pai, que disso não se agrada.
Logo então os alados cavalos do Sol,
Pírois, Eóo, Éton e Flégon, os ares
De ígneos relinchos enchem, rompendo as barreiras.
Logo que Tétis, que do neto o fado ignora,
franqueou-lhes a imensidão do vasto céu,
tomam rumo, e com patas agitadas no ar,
fendem nuvens que encontram, e impelidos pelas
asas, Euros que vinham junto, ultrapassaram.
Mas o peso era leve, e não reconheceram

os cavalos do sol jugo falto de força;
qual curvas naus carentes de lastros vacilam
e pelo mar são arrastadas à deriva,
tal o carro, vazio da carga normal,
saltita pelos ares, sacudido ao léu.
Quando a quadriga sentiu isso, precipita-se,
sai da pista e não corre mais dentro da ordem.
Fáeton se assusta, e não sabe curvar as rédeas
no rumo certo, e nada valia sabê-lo.
E por primeiro as frias Ursas aqueceram-se
e tentaram um vão mergulho em mar proibido,
No pólo glacial situada, a Serpente,
gorda de frio e sem perigo nenhum antes,
consumiu-se ao calor com ira inusual.
Dizem que tu também, Boieiro, perturbado,
fugiste, embora lento e preso pelo carro.
Quando, de fato, olhou do éter para a terra
ao fundo, o infeliz Fáeton empalideceu;
um súbito tremor sacudiu-lhe os joelhos
e em meio a tanta luz as trevas vêm-lhe aos olhos;
deseja nunca os potros do pai ter tocado,
sabido sua origem e o pleito atendido;
agora já prefere ser filho de Mérope,
enquanto é impelido por Bóreas qual barco,
cujo piloto o leme solta, entregue aos deuses.
Que fazer? Muito céu já ficou para trás;
frente o olhar, muito mais; calculou cada trecho
e ora vislumbra o ocaso, que o fado lhe veda,
bem como algumas vezes lobriga o nascente;
perplexo e sem ação, ele nem solta as rédeas
nem as sustém, e ignora os nomes dos cavalos.
Tremendo, vê também espalhados no céu
prodígios e figuras de feras imensas.

Há o lugar onde enfeixa os braços em dois arcos
o Escorpião que com a cauda e as curvas pinças
estende os seus membros no espaço de dois signos.
Quando o rapaz o viu, suando negro veneno
e investindo os ferrões, gelado de terror,
perde a cabeça e deixa escapulir as rédeas.
Quando estas tombaram soltas na garupa,
os cavalos desviam-se da rota, e rompem
livres o ar de regiões desconhecidas,
e ao léu, contra as estrelas fixas, sob o céu,
se arrojam e no abismo arremetem o carro;
e ora vão às alturas, ora por declive
e precipícios aproximam-se da terra;
Lua se espanta ao ver os cavalos do irmão,
mais abaixo que os seus, evaporando as nuvens.
As terras altas são devoradas por chamas,
o solo seca e fende-se, falto de húmus;
as pastagens branqueiam, as árvores queimam-se
e a messe seca ao fogo fornece matéria.
Mas isso é pouco; grandes vilas com muralhas
perecem e os incêndios convertem em cinzas
os moradores. Ardem montes e florestas;
arde o Atos, o Tmolo, o Eta, o Tauro cílice,
o Ida, agora seco, antes rico em fontes,
o Hélicon Virginal e o Hemo ainda não de Eagro.
Ardem num fogaréu imenso o Etna, o Érice,
o Parnaso, de dois cumes, o Otris, o Cinto,
o Ródope enfim livre de neve, o Mimante,
o Díndimo, o Micale e o sagrado Citéron.
Nem serve à Cítia o seu frio; ardem o Cáucaso,
o Ossa, o Pindo, o maior do que ambos Olimpo,
os Alpes altos e o nubífero Apenino.
Fáeton, então, contempla o universo inteiro

em chama e não resiste a tão forte calor;
fervente, como se de um fundo forno, o ar
aspira e sente o próprio carro incendiar-se;
e nem já cinzas ou faíscas expelidas
consegue suportar, envolto na fumaça,
e aonde vai ou onde está, na escuridão,
não sabe, e às cegas, levam-no alados cavalos.
Dizem que foi então que, sobrevindo o sangue
à pele, etíopes tomaram a cor negra;
então a Líbia, tendo o calor absorvido
a água, árida se fez, as Ninfas choram
fontes e lagos, a Beócia busca a dírcea,
a aminone Argos, Éfira a pirene onda.
Nem mesmo os rios cujas margens são distantes
estão a salvo; as águas do Tânais fumegam,
as do velho Peneu, do Caico de Teutrante,
do Ísmeno rápido, do Erímanto de Fégia.
do Xanto que arderá mais, do fulvo Licorma,
do Meandro brincando em ondas sinuosas,
do Melas da Migdônia e do Eurotas Tenário.
Ardeu o Eufrates babilônio, ardeu o Oronte,
veloz Termodo, o Ganges, o Fases e o Híster.
O Alfeu estua, ardem as margens do Espérquio;
o ouro que no Tejo flui se funde ao fogo
e as aves fluviais que habitam as ribeiras
meônias, com seu canto, se abrasam no Caistro.
O Nilo horrorizado foge ao extremo do orbe,
e ocultou a cabeça até hoje escondida;
sete bocas vazias, sete goelas secas.
Sorte igual coube aos rios trácios, Hebro e Estrímon,
e assim como aos hespérios Reno, Pó e Ródano,
e àquele a quem se prometeu o mundo, o Tibre.
Todo o solo se fende e penetra no Tártaro

a luz que aterra o rei do inferno e sua esposa,
o mar se encolhe e é campo de areia seca
o que antes oceano era; e os montes cobertos
por mar alto despontam e aumentam as Cíclades.
Os peixes buscam o profundo e sobre as águas
curvos golfinhos não atrevem mais pular;
Focas, de barriga pra cima, bóiam mortas
no mar. É fama que Nereu, Dóris e filhas,
dentro de grutas de águas quentes se ocultaram.
Por três vezes tentou Netuno erguer os braços
e o rosto acima d'água e o fogo o repeliu.
Porém, Terra nutriz, banhada pelo mar
e fontes ressecadas por todo lugar,
nas entranhas sombrias da mãe escondidas,
seca até o pescoço, ergueu a face oculta
pelas mãos e com grande tremor abalando
tudo, abaixou-se um pouco mais que de costume,
e com a sua voz divina, assim clamou:
"Se eu mereço e te apraz, por que não lanças raios,
Sumo deus? Já que vou perecer pelo fogo,
que seja teu fogo o consolo de meu fim.
A duras penas sai-me do peito as palavras;"
(o vapor a calou) "eis meu cabelo em chama
e brasas sobre o meu rosto e também nos olhos!
Esta é o prêmio por minha fertilidade
e meu ofício de agüentar o arado adunco
e o ancinho o ano inteiro de ferida e faina,
eu, que forneço aos animais muita folhagem,
aos homens alimentos e a ti mesmo incenso?
Mas mesmo que eu mereça a ruína, o que o mar,
teu irmão, fez por merecer? Por que decrescem
e se afastam demais do céu as suas águas?
Se nem afeto a teu irmão e a mim dedicas,

cuida ao menos do teu céu; contemple os dois pólos,
que fumegam; se o fogo se alastrar em ambos,
os teus átrios ruirão. Aí Atlas peleja
para suster o mundo incandescente aos ombros.
Se o mar, a terra e o trono do céu perecerem,
ao caos antigo tornaremos. Toma às chamas
o que sobreviveu, vela pelo universo”.
Isso dissera a Terra; pois não suportou
por mais tempo o vapor, nem prosseguiu falando
e escondeu a cabeça em gruta junto ao Manes.
O pai onipotente, invocando os celícolas
e o Sol, entende em tudo se abater o fado
cruel se não agir, e ruge do alto trono,
de onde sempre lançou as nuvens sobre a terra,
de onde sempre arrojou raio e troou trovão.
Mas não achou nenhuma nuvem disponível,
nem chuva que pudesse ir do céu à terra.
Troveja, brande o raio na orelha direita,
e lança-o contra o auriga, e tirando-lhe o carro
e a vida, estanca o fogo com fogos cruéis.
A quadriga eriçada salta em rumo inverso
e foge, liberando os pescoços das rédeas.
Ali jazem os freios e eixos sem timão,
raios de rodas destroçadas acolá,
mais ao longe os pedaços do carro espalhados.
Mas Fáeton, cabeleira rutilante em chama,
gira no abismo e traça no ar um largo risco,
qual aquele que, em céu sereno, faz a estrela
quando não cai, mas dá a impressão de cair.
Longe da pátria, em lado oposto do universo,
o Erídano banhou-lhe a face fumegante.
As Naiádes da Hespéria, enterram-no abrasado
por três línguas de fogo e inscrevem o epitáfio:

“Aqui jaz Fáeton, do paterno carro o auriga,
ainda que incapaz, caiu em grande estilo”.
O infeliz pai, aflito e de luto, cobriu
o rosto e, se aceitarmos o que diz a lenda,
houve um dia sem sol; o fogo iluminou
o mundo e até que foi útil nesse desastre.
Mas Climene, após ter dito tudo que vem
à mente na desgraça, lúgubre e demente,
rasgando as vestes, percorreu o mundo inteiro;
procurando primeiro o corpo inerte, os ossos
logo encontrou, sepultos numa terra estranha;
ali prostrou-se e, lendo o nome sobre o mármore,
com lágrimas o rega e, ao peito nu aquece-o.
Nem é menor a dor das Helíades, dando
à morte inúteis lágrimas; o peito esmurram
e chamam , noite e dia, Fáeton, que não ouve
os míseros lamentos delas sobre o túmulo.
Quatro vezes a lua encheu-se unindo os chifres;
com o passar do tempo, elas se habituaram
a debater-se em pranto. Faetusa, a irmã
mais velha, ao prosternar-se na terra, sentiu
os pés enrijecidos; tentando alcançá-la,
súbito uma raiz reteve a alva Lampécie;
a terceira, querendo arrancar os cabelos,
arranca folhas; esta sente as pernas feitas
um tenro tronco; aquela, os braços, longos ramos.
A casca vem-lhes à virilha, enquanto espantam-se,
e aos poucos ventre, peito, ombro e mãos envolve,
restando apenas bocas a chamar por mãe.
Que pode a mãe fazer, senão ir, impelida,
de lá pra cá e, enquanto é possível, beijá-las?
Isso não basta; quer tirar do tronco os corpos
e com as mãos os tenros ramos rompe, e deles

gotas de sangue emanam, qual uma ferida.
“Pára, mãe, te suplico”, clamam todas elas;
“pára! O nosso corpo se lasca nas árvores.
E agora adeus” E a casca cortou-lhes a fala.
Dos novos ramos fluem lágrimas, o âmbar,
que o sol solidifica e o rio acolhe límpido
dando às jovens latinas para se enfeitarem.
Viu tal prodígio, o filho de Esteleno, Cisne,
que, embora a ti ligado por materno sangue,
o é mais, Fáeton, no afeto. Abandonando o trono
(pois governara grandes povos da Ligúria),
ele enchia de pranto as margens verdejantes
do Erídano e a floresta acrescida de irmãs,
quando sua voz viril fraqueja, brancas plumas
ocultam-lhe os cabelos, o pescoço alonga-se
do peito, uma membrana os dedos rubros liga,
asas cobrem-lhe o corpo e um bico a sua boca.
Cisne se torna ave, e não fia em céu e em Júpiter,
lembrando-se do fogo injustamente alçado;
busca os brejos e os amplos lagos, e por ódio
às chamas, preferiu morar em meio às águas.
Porém, o pai de Fáeton, esquálido e falto
de esplendor, como sói acontecer no eclipse,
odeia a luz e mesmo a si, odeia o dia,
à dor se entrega, a ira às dores acrescenta,
e se nega a servir o mundo. Disse: “Desde os
primórdios, minha sina foi desassossego
e pesa-me essa faina sem fim e sem prêmio.
Que outro dirija o carro portador da luz!
Se ninguém ousa e até mesmo os deuses se abstêm,
faça-o Júpiter, pois, enquanto tem as rédeas,
não lançará raios que privam pais de filhos.
Então verá, provando o fogo dos cavalos,

que não merece a morte o incapaz de guiá-los”.
Ouvindo isto, os deuses todos, com voz súplice,
rodeando o sol, rogam-no que não mergulhe
o mundo em trevas; Júpiter também se escusa
pelo fogo, mas, como um rei, faz ameaças.
Febo ajunta os cavalos, loucos de pavor,
e em meio à dor, fustiga-os com vara e chicote;
com raiva, imputa-lhes a morte de seu filho.
O pai onipotente ronda os vastos muros
do céu, e cuida que não caiam abalados
pela força do fogo. Quando vê que estão
firmes e sólidos, perscruta a terra e a faina
dos homens. A Arcádia inspira-lhe maior
cuidado; restitui-lhe as fontes e os rios
indecisos, repõe de grama a terra, as árvores
de folha e ordena as selvas secas reverdeçam.
Indo e vindo, apaixona-se por uma virgem
de Nonacris, e um fogo bom ardeu-lhe os ossos.
Ela jamais se dedicou a cardar lã
ou a se pentear; desde que uma fivela
prendeu-lhe a veste e fita branca incultos cachos,
e com a mão brandia o leve dardo ou o arco,
é soldado de Febe; e nenhuma no Mênalo
apraz mais Trívia; mas nenhum favor é eterno.
O sol seguia alto, muito além do meio,
quando ela entrou num bosque até então intonso.
Tirou do ombro a aljava e afrouxou os flexíveis
arcos e aqui no chão coberto de ervas deita-se
com a nuca premindo a colorida aljava.
Júpiter, quando a viu cansada e sem defesa,
disse: “Que minha esposa ignore esta aventura;
se acaso ela souber, bem que vale uma briga.
Súbito assume o aspecto e o traje de Diana

e diz: ó virgem, minha cara companheira,
em que cimo caçavas? Do relvado, a virgem
se ergue e diz: “Salve, nume! Ainda que ele escute,
eu te julgo maior que Júpiter.” Diverte-se
o deus ouvindo-se a si mesmo preferido,
e dá-lhe beijos bem impróprios a uma virgem.
Ao dispor-se a narrar em que mata caçara,
ele a abraça, e se revela em sua farsa.
Ela resiste o quanto pode uma mulher,
(Se me visses, Satúrnia, tu me entenderias!)
ela resiste, mas a quem uma donzela
venceria, que deus a Jove? Triunfante,
ele torna ao céu , e ela odeia o bosque cúmplice;
Ao partir dali, quase se esqueceu da aljava
com as flechas e do arco que jaziam perto.
Eis que Dictyna, com seu coro, das alturas
do Ménalo chegando, orgulhosa da caça,
vendo-a, a chama; ela foge, receando
ainda Jove sob a aparência da deusa.
Mas depois que ela viu também as outras ninfas,
sente que não havia dolo e se une a elas.
Ai! quão difícil esconder na face a culpa!
Mal eleva o olhar do chão, nem, como antes,
se emparelha com a deusa ou lidera o cortejo;
mas se cala e o rubor delata o seu pudor;
e, se não fosse virgem, Diana veria,
por mil sinais, a culpa; as ninfas viram, dizem.
Nove vezes os chifres da lua cresceram,
quando a deusa, caçando, cansada de sol,
topou com um bosque frio e um múrmure rio
que deslizava sobre as areias polidas.
O lugar lhe agradou; tocou com o pé a água
e, aprovou-a, dizendo: “aqui é longe de olhares;

banhemos nossos corpos nus, em água rasa".
A Parrácide enrubesce, todas tiram os véus;
só ela hesita; mas arrancam-lhe o vestido,
e então seu corpo nu revela a sua mácula.
Aflita, tenta o ventre esconder com as mãos:
"Afasta-te daqui, não poluas as sacras fontes",
disse Cíntia e ordena-lhe que deixe o séquito.
Disso a esposa do Grão-Tonante já sabia
e esperava ocasião para grave castigo.
Nada obsta agora, pois (para a ira de Juno),
nasceu Arcas, o filho de sua rival.
Logo que pôs o olhar e a mente seva nele,
disse: "Pois bem, faltava ainda isto, adúltera,
que tu fosses fecunda e com o parto ficassem
notórias a ofensa e a infâmia de meu Júpiter.
Não ficarás impune; esfarei a figura,
com que fisgaste, impertinente, o meu marido".
Disse e, arrostando-a, arrasta-a pelos cabelos,
rosto ao chão. Tende a ninfa os braços, suplicando;
os braços começam a eriçar uns negros pelos;
as mãos se curvam e se alongam curvas unhas
como garras em pata, e a boca, cara a Júpiter
outrora, vai se deformando em goela enorme.
Para que os corações não dobre com suas preces,
tira-lhe a fala; voz iracunda e minaz
e plena de terror sai-lhe da rouca fauce.
A mente antiga permanece nela, ursa,
e contínuos gemidos atestam-lhe as dores.
Ela levanta ao céu e aos astros mãos disformes
e sente, sem poder falar, ingrato Júpiter.
Ah! Quanto não ousou descansar só na selva
e errou diante de seu lar e de seus campos!
Ah! Quanto em rochas foi seguida pelos cães,

e a caçadora aflita foge ao caçador!
Esconde-se, esquecida de si, de outras feras,
e teme os ursos que a vêem, ursa, pelos montes,
e teme os lobos, mesmo seu pai sendo um deles.
Eis que aparece Arcas, neto de Licáon,
nada sabe da mãe, com quase quinze anos;
enquanto caça fera, escolhe bosques bons
e cerca com armadilha as selvas do Erimanto,
encontra a mãe, que se deteve a olhar Arcas
e pareceu reconhecê-lo; este recua,
e, sem saber porque ela olha fixamente,
tentando aproximar-se, ele, aterrorizado,
dispõe-se a trespassar-lhe o peito com um dardo.
Impede o Onipotente o crime, arrebatando-os,
através do vazio e do vento, a um só tempo,
e os colocou no céu, como astros vizinhos.
Juno indignou-se, ao ver que entre astros a rival
brilha, e desceu aos mares junto à branca Tétis
e o velho Oceano, sempre reverenciados
pelos deuses, dizendo a causa da viagem:
“Sabeis por que a rainha dos deuses celestes
aqui veio? Outra ocupa o meu lugar no céu.
Desmenti-me, se, quando a noite turva o orbe,
não virdes no alto céu estrelas, minhas chagas,
recém-honradas lá, onde o último círculo,
brevíssimo, rodeia o extremo do eixo.
Há razão para alguém temer ofender Juno,
se sou a única que ajudo ao castigar?
Oh! Quanto eu fiz! Quão grande é o meu poder!
Vetei ser ela humana, fez-se deusa. Assim
castigo os réus, assim é minha potestade!
Que a ela torne a antiga face e o fero traço
se apague, como fez à foronide argólica!

E por que, repelindo Juno, não levá-la
a meu leito, fazendo Licáon de sogro?
Mas vós, se vos atinge a ofensa à vossa aluna,
vedai o mar cerúleo ao Setentrião,
astros, no céu postos, ao preço de um estupro;
que uma perdida não polua as águas puras!"
Anuíram os deuses do mar; a Satúrnia
sobe ao límpido céu no ágil carro içado
pelos pavões recém-tintos, ao morrer Argos,
qual, há bem pouco, ó corvo loquaz, antes branco,
de repente mudaste em ave de asas negras.
Outrora, ela era argêntea e de alvas penas
nas asas, igualando-se a pombas sem mácula,
aos gansos, cuja vígil voz o Capitólio
salvaria, e ao cisne amante dos riachos.
A língua foi sua perdição; língua loquaz
causou-lhe a troca da cor branca na contrária.
Em toda Hemônia não havia outra mais bela
do que Corone de Larissa; ela, a ti, Délfico,
aprouve, ao menos quando casta ou não flagrada;
porém a ave de Febo flagrou o adultério
e, inexorável delatora, foi contar
a oculta culpa ao dono; movendo as penas
para tudo saber, diz, a gárrula gralha,
enquanto o segue: "não palmilhas boa trilha,
considera o que minha língua pressagia.
Vê o que fui e o que sou, qual prêmio, e verás
que a boa-fé me foi nefasta. Certa vez,
Palas fechara Erictônio, ente sem mãe,
numa cesta tecida com vime da Ática,
e o confiou às três filhas do biforme Cécrope
com a proibição de espiarem o segredo.
Oculta em leves folhas, eu via de um olmo

o que faziam; duas vigiam sem fraude;
Pándroso e Herse;só Aglauro as irmãs chama
de medrosas, desfaz os nós à mão e dentro
vêem o infante e um dragão ao lado dele.
Contei o fato à deusa; e obtive como prêmio
Minerva retirar-me a proteção e à ave
noturna rebaixar-me. A minha pena as aves
advirta do perigo a granjear com a voz.
Sem que eu pedisse nada parecido, penso,
ela me procurou! Pergunta isto a Palas;
embora esteja irada, não o negará.
Pois, me gerou o ilustre Coroneu da Fócida,
como se sabe; eu era filha de rei,
(não me desdenhes), moços ricos cortejavam-me.
Meu mal foi a beleza; pois, um dia, andando
a passos lentos na praia, como costumava,
o deus do mar me viu e se inflamou. Depois
de implorar com brandura em vão, resolve usar
a força e perseguir-me; Fujo e deixo a terra
firme e me esfalfo em vão sobre a areia fofa.
Então, invoco deuses e homens, mas mortal
algum me ouve. Uma virgem de uma virgem
se comove e me ajuda. Ao céu estendo os braços,
que a enegrecer começam com leve penugem.
Eu tento retirar do ombro a veste; mas ela
vira plumas com fundas raízes na pele.
Tento bater no meu peito nu com as mãos;
mas nem as mãos, nem peito nu havia mais.
Não corro, nem a areia me retém os pés,
Mas sobre o solo elevo-me. Aos ares levada,
fui dada como serva inculpe de Minerva.
Mas de que vale a honra, se, mudada em ave
por cruel crime, Nictimene sucedeu-me?

Por acaso, de um caso bem famoso em Lesbo,
não soubeste?, de haver manchado o leito pátrio
Nictimene? De fato, ela é ave, mas cônscia
da culpa, evita a luz e no breu o pudor
oculta e é repelida em todo céu por todas”.
Dito isso, o corvo exprobra: “que tuas palavras
te desgracem; desdenho dos teus vãos presságios”.
E prosseguindo em seu caminho, conta ao amo
que viu Corone se deitar com jovem Hemônio.
Ao saber desse ultraje, ao deus amante escapam
a coroa de louro, o plectro e a cor do rosto,
e, com o coração refervendo de cólera,
pega as armas de sempre, estende o curvo arco
ao extremo e aquele peito tantos vezes
unido ao seu trespassa com seta certeira.
Ferida, ela deu um gemido, e arrancando o ferro
ao corpo, tingiu de sangue rubro os membros cândidos
e disse: “Eu podia sofrer teu castigo,
Febo, mas antes ser mãe; hoje dois morremos”.
Calou-se e sua vida escorreu com o sangue;
tomou-lhe o corpo sem alma, um frio letal.
Tarde, ai! o amante se arrepende da cruel pena,
e, de ter-se abrasado com o ouvido, odeia-se;
odeia a ave que o obrigou saber doído
engano, odeia ainda o arco e a mão e, mais,
as flechas imprudentes pela mão lançadas;
abraça a moribunda e com tardo socorro
e artes médicas tenta em vão vencer o fado.
Quando viu que eram vãs as suas tentativas,
e o corpo quase a arder na pira suprema,
então, lança do fundo do seu coração
gemidos (pois, não é lícito que de lágrimas
se banhe um rosto divo), qual vaca que vê

malho vibrar um golpe na orelha direita
e a cava testa abrir do vitelo lactente.
Mas, após espargir perfume inútil nela,
e abraçá-la, prestando-lhe devidas honras,
Febo, não suportando o fruto virar cinza,
arrebatou do ventre em chamas o seu filho
e o levou à caverna do biforme Quíron;
e ao corvo, que esperava prêmio à veraz língua,
vetou de viver entre as aves de alva cor.
Ora, o centauro estava alegre com o ônus
e a honra de educar um pupilo divino.
Eis que chega, com rútilo cabelo aos ombros,
a sua filha, a quem outrora a ninfa Cáriclo,
parindo-a à beira de impetuoso rio, chama
de Ocírroe. Não se contentando com paternas
artes; esta cantava os arcanos dos fados.
Por isso, ao conceber na mente ardor profético,
obra do deus que tinha guardado no peito,
olhou o infante e disse: "Curador do mundo,
cresce, ó menino; a ti os mortais deverão
sempre a saúde, até as almas ousarás
devolver uma vez, com protesto dos deuses;
repetir isso, o raio do avô te impedirá;
e, de deus que és, hás de tornar exangue corpo
e outra vez deus; mudando o fado duas vezes.
Tu, também, caro pai, hoje imortal, por lei
de origem, destinado a viver para sempre,
quererás morrer, quando o sangue da serpente
cruel, em teus membros, te atordoares;
e, sendo eterno, os deuses te farão morrer,
e as três deusas os teus fios hão de cortar".
Restava ainda algo; e do fundo do peito
Suspira e brotam lágrimas em sua face;

e diz: “os fados não me deixam continuar
falando e me interditam o uso da voz.
Não valem tanto as artes, que a ira divina
me atraem; preferia ignorar o futuro.
Já me parece estar perdendo a humana face,
já me agrada comer erva e correr os campos;
em égua, corpo familiar, me converti.
Mas toda por quê? Tenho, sim, pai biforme”.
Assim falou, mas só seu lamento final
se entendeu, pois eram confusas as palavras;
logo, palavra alguma ou som de égua fazia,
mas mera imitação; em pouco tempo emite
relinchos certos e na grama abaixa os braços.
Os dedos se unem e um fino casco envolve
as cinco unhas, a cabeça e o colo alongam-se;
boa parte do longo manto fez-se cauda,
e o cabelo revolto à nuca em crina torna-se
à destra; ao mesmo tempo, voz e rosto mudam-se;
tais prodígios lhe deram mesmo um novo nome.
Chorando, o herói filírio, implorava em vão, Délfico,
teu socorro; pois não podias do grão Júpiter
revogar ordens; nem, se pudesses, estavas
lá; cultivavas campos messênios na Élida.
Era o tempo em que pele de pastor vestias,
e trazias na mão esquerda um rude báculo
e, na outra, a flauta em sete canas desiguais.
Enquanto o amor e a flauta eram os teus cuidados,
contam que as vacas, descuidadas, adentraram
campos de Pilos; viu-as o filho da Atlântide
Maia e, com manha furta e oculta-as, na mata.
Ninguém viu este furto, exceto um ancião,
de nome Bato, conhecido em todo o campo.
Ele guardava o bosque, as pastagens herbosas,

e os cavalos de raça do rico Neleu.
Temendo-o, o deus, com afagos, o chama à parte,
e diz: “ Estranho, se acaso, alguém perguntar
por este gado, nega que o viste; e te dou,
em recompensa ao favor, esta vaca branca”.
E deu-a. Aceitando, aquele garantiu:
“Confia! Antes esta pedra conte o furto”;
E mostra a pedra. Finge ir-se o filho de Júpiter;
logo voltou com a figura e a voz mudada
e diz: “Se viste umas vacas passar, rústico,
por esta banda, ajuda-me, e revela o furto,
e um touro e sua fêmea em paga teus serão”.
O ancião, tentado pelo duplo prêmio,
“Ao pé daquele monte” aponta e lá estavam.
Riu o Atlantíade e falou: “é a mim, pérfido,
que denuncias a mim mesmo? E em dura pedra
muda o peito perjuro e, de delator, chamam-na;
desde então, sofre esta pedra injusta infâmia.
Batendo asas, dali voara o Caducífero,
contempla os campos de Muníquia, terra grata
a Minerva, e os arbustos do culto Liceu.
Por acaso, naquele dia, jovens castas
levavam à cabeça floridas canastras
de oferendas ao templo de Palas em festa.
Ao voltarem de lá, o deus alado as viu
e não seguiu direto, mas voou em círculo.
Como o milhafre, ave veloz, vendo as vísceras,
os sacerdotes teme em torno ao sacrifício,
em giro sobrevoa e não ousa afastar-se,
e ávido bate asas em volta da presa;
assim o ágil Cilênio sobre o templo Ático
inclina o curso, circulando os mesmo ares.
Quanto Lúcifer brilha mais que outras estrelas,

e quanto mais que a Lúcifer a áurea Febe,
tanto mais esplendia Herse entre outras virgens
e era o ornato e a honra daquele cortejo.
Com tal beleza, pasma-se o filho de Júpiter
e no ar se inflama, como o chumbo que uma funda
balear iça e incandesce nas alturas
e encontra sob as nuvens fogos que não tinha.
O deus muda o rumo,o céu deixa e vem à terra
sem disfarçar; tanta é a fé em sua figura.
Mesmo seguro, cuida em retocar o aspecto,
ajeita a coma e clâmide, para que caia
com graça e mostre todo ouro das sandálias;
põe na destra a polida vara, que dá e tira
o sono, e em puros pés asas talares brilham.
A parte interna do palácio tem três quartos
Ornados de marfim e concha; à destra, Pándroso,
tu habitas, à esquerda Aglauro, e Herse ao meio.
Foi Aglauro a primeira que notou a vinda
de Mercúrio e o nome do deus e o motivo
da vinda quis saber. Assim lhe respondeu:
“sou neto de Atlas e Pleione, no ar carrego
as palavras do meu pai; que é o próprio Júpiter.
Não invento pretextos; basta que tu sejas
fiel à tua irmã e tia de meus filhos.
Por Herse venho; favoreça o nosso amor”.
Aglauro o mira com o mesmo olhar que vira
há bem pouco o segredo da loura Minerva
e pela ajuda exige boa cota de ouro;
enquanto isso, o obriga a deixar o palácio.
A esta torvo olhar lançou a deusa bélica,
e do imo exalou suspiros tão violentos,
que, a um só tempo, sacudiu o peito e a égide
sobre o seu forte peito.Ocorreu-lhe que esta,

com perjúrio e profana mão os seus arcanos
desvelou, vendo o filho sem mãe do Lenícola,
e logo será grata a um deus e à irmã
e rica ao ter o ouro que ávida exigira.
Súbito ela dirige-se à casa da Inveja,
suja de negro sangue; escondida no fundo
de um vale, inacessível ao sol e aos ventos,
triste e de um frio que entorpece e, sempre falta
de fogo, está sempre coberta de caligem.
Chegando lá, temível guerreira, a virago
parou na porta, pois entrar não era lícito,
e com a ponta da lança o batente golpeia.
Ao golpe a porta se abre e ela vê lá dentro,
Inveja devorando as carnes de uma víbora,
de vício, e os seus olhos vira. Mas aquela
se alça da terra, deixa semi-devorados
os corpos de serpente e em passo lento avança;
e quando viu a deusa bela e ornada de armas,
gemeu e contraiu o rosto em fundos suspiros.
A palidez lhe toma a face e o corpo inteiro,
o olhar nunca é direto, os dentes cobre o tártaro,
do peito verde flui fel, da língua veneno;
riso não tem; só quando vê a dor de alguém;
vencida por cuidados mil, não frui do sono,
mas vê com desagrado, e se consome ao ver,
o sucesso dos homens e esse consumir-se
é seu suplício. Embora também a odeie,
dirige-lhe a Tritônia tais breves palavras:
"Com tua baba infecta uma filha de Cécrope,
Aglauro; é preciso! Sem dizer mais nada,
repele a terra com a lança e vai embora.
Aquela, com olhar oblíquo, segue a deusa,
murmura, lamentando de Minerva o êxito

futuro e pega o báculo, cheio de espinhos
inteiramente e, em nuvens negras envolvida,
por onde passa, arrasa os campinas floridas,
exaure as erva, o alto da papoula esfolha
e, com seu hálito, cidades, povo e casas
polui; e enfim, divisa o templo da Tritônia,
onde impera a riqueza, a arte e a paz festiva,
e, sem razão para chorar, retém as lágrimas.
Mas, quando entrou no quarto da filha de Cécrope,
cumpre a ordem: com mão enferrujada, toca-lhe
o peito e o coração enche de agudas farpas,
insufla-lhe nocivo vírus, pez em ossos
espalha e nos pulmões derrama-lhe veneno.
Para que as causas deste mal não fiquem vagas,
põe ante os olhos dela a sua irmã feliz,
e seu conúbio com um deus de bela estampa,
amplificando a cena. Irritada, a Cecrópida
se remorde em ciúmes, geme dia e noite
 angustiada e devagar vai consumindo-se,
como gelo ferido por um sol incerto;
pouco a pouco, se abrasa com a sorte de Herse,
como quando se queimam espinhosas ervas,
que, não fazendo chama, em fogo brando ardem.
Quis até morrer para não ver tal união,
e ao pai severo revelá-la como crime;
enfim, sentou-se ao limiar, fitando o deus
que lhe barrava a entrada. Às blandícies e súplicas
que lhe dirige, ela respondeu: “Desiste,
daqui eu não me movo antes que te expulse.”
“Este pacto me apraz”, disse o veloz Cilênio;
e com a vara celeste abre as portas; mas ela,
tentando erguer as partes que ao sentar se encurvam,
ficou paralisada por um peso inerte.

Ela então luta por manter o tronco ereto,
mas o joelho se enrijece e um frio entra-lhe
nas unhas e sem sangue as veias ficam pálidas;
tal como o câncer mal incurável se propaga
lento e partes enfermas acrescenta às sãs,
assim letal inverno aos poucos vem ao peito
e a respiração obsta, e as vias vitais;
falar ela não tenta, e, se tentasse, a via
da voz já não havia; a pedra ocupa o colo,
o rosto se endurece e estátua exangue senta-se;
nem era alva a pedra; a alma escureceu-a.
Após punir aquela de alma e de palavras
profanas, o Atlandíade as terras de Palas
deixa, e, agitando as asas, penetra no céu.
Seu pai o chama e sem falar do amor que o move:
"Filho, fiel ministro" diz "de minhas ordens,
apressa-te e veloz, desce em rota usual
e à terra que contempla a tua mãe, à esquerda,
(os nativos a chamam de Sidônia), vai,
e o rebanho real que vês pascer ao longe
as ervas da montanha, leva-os rumo à praia".
Disse e, sem mais, os touros, expulsos do monte,
chegam à praia, onde a filha de um grão rei
costumava brincar junto às virgens de Tiro.
Não casam bem, nem moram no mesmo lugar,
o amor e a majestade; abandonando o cetro,
o pai senhor dos deuses, cuja destra tríplice
raio porta e a um nuto faz tremer o orbe,
toma o aspecto de um touro, em meio ao rebanho
muge e formoso deambula em relva tenra.
Com efeito, tem cor de neve sem vestígio
algum de um duro pé ou do Austro chuvoso.
Do ombro pende a papada e do pescoço músculos;

os chifres são curtos, mas pode-se dizer
feitos à mão e brilham mais que a pura gema.
Nada há de ameaça no olhar ou na fronte;
A aparência é de paz. A filha de Agenor
se admira dele ser tão formoso e pacífico;
embora brando, antes receou tocá-lo.
Logo se achega e põe-lhe flores na alva testa.
Goza o amante e, enquanto anseia por volúpias,
beija-lhe as mãos; com muito esforço adia o resto.
E ora brinca e se exulta sobre a relva verde;
ora na areia fulva o níveo flanco deita;
e pouco a pouco o medo acaba, e oferta o peito
às carícias da virgem, ou os chifres às flores
recém-colhidas. Ousou mesmo a régia virgem,
sem suspeitar de nada, enfim, montar o touro;
aos poucos vai o deus deixando a terra e a praia,
imprime falsas marcas de pés sobre a água
depois avança mais e leva a sua presa
para o meio do mar. Esta se assusta ao ver
a praia longe e, com a destra agarra o chifre,
com outra o dorso; ondula ao vento a veste trêmula.

Livro III

Já o deus, depondo a falsa aparência de touro,
se deu a conhecer nas planícies de Dicta,
quando o pai, sem saber da filha, ordena a Cadmo
buscá-la, e, caso não consiga, impõe-lhe a pena
de exílio, assim mostrando-se perverso e pio.
Tendo errado o orbe inteiro (acaso alguém do furto
de Jove saberia?), o prófugo Agenóride
evita a pátria e a ira do pai e ao oráculo
de Febo inquire qual terra deve habitar.
Febo responde: "Em campo deserto acharás
vaca jamais jungida e imune ao curvo arado.
Segue-lhe os passos e, em que relva descansar,
funda aí muralha e dá-lhe o nome de Beócia".
Logo que Cadmo sai da gruta de Castália,
vê passar devagar uma vaca sem guarda,
cuja cerviz não tem sinal de servidão.
Segue-a e calca-lhe as pisadas com cautela,
e mudo adora a Febo, abridor de caminho.
Já vadeara o Cefiso e as campinas de Pánope;
a vaca para; ao céu erguendo a fronte ornada
de altos chifres, enche os ares de mugidos,
e assim, olhou atrás o grupo que a seguia,
e deitou e rolou sobre a relva macia.
Cadmo agradece e a terra peregrina beija
e os montes e planícies ignotas saúda.
A Jove quer sacrificar. Ordena os servos
busquem água de libação em fontes vivas.
Velha selva crescia intonsa por machado,
e ao centro, densa em vime e vergas, uma gruta,
cujas pedras formavam uma arcada baixa,
vertia água; ali, naquele antro, escondia-se

a serpente de Marte, com sua crista de ouro,
olhos de fogo e o corpo inchado de veneno
com três línguas vibrando e três filas de dentes.
Logo que aqueles vindos de Tiro pisaram
infausto bosque e enfiam dentro d'água urnas
ressoando, a cabeça enorme pôs pra fora,
a serpente cerúlea e emite horrendos silvos.
Das mãos se vão as urnas, e o sangue se esvai
do corpo, e súbito tremor lhes tolhe os membros.
O monstro se enrodilha em anéis escamosos
aos saltos, em arcos imensos, avança
e, erguendo-se no ar mais da metade, vê
o bosque todo e o corpo é tão grande quanto,
se visto inteiro, aquele entre as duas Ursas.
Logo, contra os fenícios que preparam dardos
ou a fuga, ou que o medo proíbe os dois atos,
avança. A dente a uns mata, a outros com abraços
longos ou lhes soprando venenos mortais.
O sol alto fazia já sombras exíguas;
o filho de Agenor se inquieta com a demora
e sai em busca dos homens. Portava uma pele
de leão, lança de esplendente ponta férrea,
um dardo e a coragem, sua maior arma.
Quando entrou no bosque e viu os corpos mortos,
e em cima o corpanzil do vencedor hostil,
lambendo o sangue das feridas lamentáveis,
disse: serei o vosso vingador ou vosso sócio
na morte, ó fidelíssimos corpos". E grande
pedra susteve à destra e atirou-a com força.
Com tal pedrada, uma muralha de altas torres
tremeria; a serpente não ficou ferida,
tendo como couraça escumas e a dureza
da pele negra, repeliu os golpes fortes.

Mas tal dureza já não pôde com o dardo,
fixo na curvatura da espinha dorsal,
o ferro penetrando inteiro nas entranhas.
Feroz com a dor, às costas retorce a cabeça
e vê a ferida e a haste fixada remorde,
e movendo-a com força para todo lado,
do dorso a tira, mas lesou o ferro os ossos.
Vindo, então, nova causa aumentar-lhe o furor
habitual, a goela se entope de sangue,
e branca espuma escorre da boca pestífera,
a rasa terra ecoa escama e negro hálito
da estígia boca infecta os ares viciados.
Às vezes, em anéis de imensas espirais,
se enrosca ou se ergue mais tesa que um largo tronco;
ora investe violenta como uma torrente
e derruba com o peito o mato que atrapalha.
O agenóride recua, e apara o golpe
com a pele do leão, opondo à boca hiante
a lança em riste. A fera em fúria morde em vão
o duro ferro e crava os seus dentes na ponta,
e começa a manar sangue do veneífero
palato, que, aspergido, tinge a verde relva.
Mas leve era a ferida; pois, lesado, o colo
retraía, evitando o golpe e impedindo
a lança de atingir-lhe e de mais fundo entrar;
o agenóride então, fincou-lhe o ferro à goela,
e sem cessar acossa-a, até que um carvalho
obstou a fuga, e ele fixa o monstro ao tronco.
Este curvou-se ao peso da serpente e do imo,
pela cauda atingida, a árvore gemeu.
Enquanto o vencedor vê o corpo do vencido,
uma voz foi ouvida; não se sabe de onde,
mas foi ouvida: “Por que, filho de Agenor,

admiras a serpente? Serpente serás”.
Longo tempo aterrado, ele a cor e a coragem
perde e um gélido horror lhe arrepia os cabelos.
Eis que a patrona do herói, Palas, descendo
do céu, ordena-lhe que ponha sob a terra
os dentes vipérios, matriz de homens futuros.
Ele obedece e, abrindo sulcos com o arado,
lança os dentes, sementes de mortais, ao solo.
Logo, incrível prodígio, o chão põe-se a mover,
e, então, dos sulcos surge a ponta de uma lança,
logo, elmos com penachos multicores trêmulos
emergem, e ombros, peitos e braços armados,
e uma seara de homens com escudo cresce.
Assim, quando em teatro em festa o pano desce,
surgem figuras que primeiro a cara mostram,
e após o resto; até que se tornam visíveis
por completo e se põem de pés no proscênio.
Aterrado com a nova hoste, Cadmo se arma.
“Abstenha-te,” um do povo que a terra criara
exclama, “Nem te metas nas guerras civis.”
E assim, com rija espada fere irmão terrígeno
e também ele cai ferido pela lança.
Tampouco o que havia o matado vive,
e exala o ar vital há pouco recebido.
Assim, a turba inteira se enfeza e, com márcias
feridas mútuas vão caindo os irmãos súbitos.
E já os jovens nascidos para vida breve
batiam com o tíbio peito a mãe sanguínea,
e só restaram cinco, dos quais um foi Équion.
Este, ouvindo à Tritônide, largou as armas
e pediu aos irmão a paz e a paz lhes deu.
A estes associou-se o estrangeiro Sidônio,
quando fundou a urbe ordenada por Febo.

Já alçava-se Tebas. Já podias, Cadmo,
ver-te feliz no exílio: Marte e Vênus tinhas
como sogros e a prole de uma nobre esposa,
filhos, filhas e, caros penhores, os netos
já crescidos. Porém, deve-se esperar sempre
o dia extremo e ninguém pode ser chamado
de feliz, antes do óbito e das honras fúnebres.
Primeira causa a ti de luto, entre outras boas,
foi, Cadmo, um neto e estranhos chifres acrescidos
à fronte, e vós, cães, fartos com o sangue do amo.
Pesando bem, se vê que foi culpa da sorte,
não um crime. Com efeito, enganar-se é crime?
Havia um monte infecto com a morte de feras,
e o meio-dia as sombras de tudo encurtara
e o sol equidistava dos pontos limítrofes,
quando o jovem hiantio chama os companheiros
que em fundas matas caçam, com a voz tranquila:
"Redes e espadas têm muito sangue de feras.
Foi um dia de sorte, amigos. Quando Aurora,
em seu carro açafrão, trouxer de novo a luz,
voltaremos à lida. Agora Febo acha-se
no zênite e com seus vapores sulca os campos.
Parai por hoje e as redes nodosas erguei".
O bando a ordem ouve e interrompe o trabalho.
Havia um vale de cipreste agudo e pinho,
Gargafia, sagrado à Diana caçadora,
em cujo extremo existe nemorosa gruta,
por arte alguma trabalhada; a natureza
imitou a arte, pois com pedra-pomes viva
e finos tufos arco natural formara.
À destra cristalina fonte murmureja,
numa clareira margeada de gramíneas.
Aqui a deusa sempre descansa da caça

e banha os membros virginais em água límpida.
Quando na gruta entrou, deu a uma das Ninfas
o escudo, o dardo, a aljava e o arco distendido;
outra nos braços recolheu a sua roupa;
duas lhe descalçaram os pés; a mais sábia,
a ismênide Crócale ata-lhe os cabelos ,
antes à nuca, embora ela os seus soltasse.
Néfele, Ránis, Híale, Fíale e Pseca
apanham água e vertem-na com grandes ânforas.
Enquanto aí, à linfa, se lava a Titânide,
eis que o neto de Cadmo, deixando o trabalho
e errando em bosque ignoto com incertos passos,
chega ao recanto sacro; assim quis o destino.
Tão logo entrou na gruta úmida de fontes,
as ninfas nuas, vendo o homem, tal como estavam,
os peitos batem, e de súbito alarido
enchem o bosque, e rodearam a Diana,
cobrindo-a com seus corpos. Porém, é mais alta
a deusa que elas e ultrapassa-as, colo acima.
A cor, que sói tingir as nuvens quando o sol
as fere pela frente ou a da aurora púrpura,
foi a do vulto visto sem véu de Diana.
E ainda que o seu séqüito a rodeasse,
ela mostrou-se oblíqua e virou a cabeça
para trás; desejando ter à mão as setas,
a água que havia asperge no rosto do homem.
Molha os cabelos dele com água ultriz,
e lhe anuncia assim a iminente ruína:
“Agora, conta que me viste sem a veste,
se puderes.” Sem mais ameaças, espalha
na úmida testa chifres de cervo longevo,
estica-lhe o pescoço e aguça-lhe as orelhas,
muda em patas as mãos, e os seus braços em pernas

longas e com manchado pelo o corpo cobre-lhe;
e lhe põe medo.Foge o herói autonoéide
e admira-se de ser tão veloz na corrida.
Quando deveras vê o rosto e os chifres n'água,
"Infeliz de mim" quis dizer, e a voz não veio;
gemeu, e a voz foi isso; e em face alheia lágrimas
fluíram. Só sobrou-lhe a primitiva mente.
O que fazer? Voltar ao seu teto real?
Na selva, entrar? Pudor e temor o impedem.
Enquanto hesita, vêm seus cães; logo Melampo,
e o sagaz Icnobates ladrando o assinalam,
Icnobates de Gnossos, Melampo espartano.
Já outros mais velozes do que o vento acorrem,
Pánfago, Oríbaso, Dorceu, Árcades todos,
e os ferozes Nebrófono, Téron e Lélaps,
Ptérelas bom dos pés e de nariz bom Agre,
e Hileu feroz, por javali, recém-ferido,
Nape, filha de lobo, e a que persegue gado,
Pémenis, e com duas crias vem Harpia,
Ládon de Sícia de magrela complexão,
e Dromas, Cânaque, Estite, Tigre e Alce,
e o níveo Léucon, e o de pelo negro Asbolo,
Lácon tão vigoroso e Aelo rapidíssimo,
Tôo e veloz Liscisca com seu irmão Cíprio,
e, distinto por mancha branca em fronte negra,
Hárpalo,e Melaneu, Lacne de corpo hirsuto
e Labro e Agríodo de pai díctio e de mãe
da Lacônia, e Hiláctor de latido estrídulo,
e tantos outros, basta! A matilha faminta
o persegue por rochas e ínvios penhascos,
onde o caminho é árduo, ou mesmo não há.
Ele foge em paragens onde antes caçava,
foge - ai! - de seus fâmulos! Gritar queria:

“Ácteon sou, reconhecei vosso senhor!”
As palavras não vêm. No ar ressoam latidos.
Melanquetes primeiro o lombo lhe feriu,
Teridamas depois; no ombro o prende Oresítrofo.
Partiram bem mais tarde, mas cortando o monte,
passaram à diante. Enquanto o amo emboscam,
o resto da matilha acorre e o corpo morde-lhe,
até não poder mais. Ele geme e o ruído,
embora não humano, não é o de um cervo,
e enche os queridos montes de tristes queixumes.
Caído de joelhos, como um suplicante,
volve, falto de braço, o rosto taciturno.
Mas os sócios ignaros a matilha instigam
por costume, e com os olhos Ácteon procuram,
e, qual se ausente fosse, por Ácteon gritam
(ao nome, ele volve a face) e se ressentem
de sua falta à cena da presa em partilha.
Queria não estar lá, mas está, queria
ver, não sentir, os feros feitos dos seus cães.
Circundam-no e enfiam-lhe o focinho ao corpo,
dilacerando-o sob falsa imagem de cervo,
até que por feridas mil morrendo, dizem,
a ira de Diana Arqueira saciou-se.
A opinião se dividiu: a uns a deusa
pareceu mais cruel que o justo; a outros, digna
de austera virgindade. A razão tem dois lados.
Só a esposa de Júpiter não diz se aprova
ou culpa, apenas se compraz com o infortúnio
da casa de Agenor, e o ódio à rival tíria
à estirpe passa. Eis que se ajunta ao primeiro
agravo um mais recente e sofre vendo grávida
Sêmele do Grão Júpiter. E a língua solta:
“O que ganhei com tantas reclamações?” disse,

“A tal devo atacar, a tal, se Juno máxima
me chamam, perderei, se à destra me convém
gemado cetro, se rainha, esposa e, irmã
de Jove ao menos, sou. Mas, quiçá, se contente
com um caso e seja breve o ultraje ao meu tálamo.
Concebeu! Era o que faltava. Mostra o crime
no útero e quer ser mãe só por obra de Júpiter,
que mal mereço. Tanta é a fé na beleza.
Ilude-se. Satúrnia não serei se não
a mergulhar em águas estígias seu Júpiter”.
Do trono se ergue e escondida em nuvem fulva,
vai ao solar de Sêmele. E não some a nuvem
antes de ficar velha. Pôs cãs sobre as têmporas,
sulcou rugas na pele e curvada e tremendo
cambaleou; também simulou voz senil,
e virou Béroe, ama epidáuria de Sêmele.
Então, depois de longa e capciosa prosa,
surge o nome de Jove, ela suspira e diz:
“Que seja Júpiter, mas temo tudo. Muitos
sob o nome de um deus adentram castos tálamos.
Não basta ser Jove; mas dê prova de amor,
se deveras é ele; e tal e qual se mostra,
quando a alta Juno o acolhe, a ti se mostre, roga,
e te abrace investido de seus atributos”.
Com tais conversas, Juno a ignara Cadmeide
convenceu. Esta pede a Jove um dom qualquer;
O deus lhe diz: “Escolhe. Não te faltarei.
E para que mais creias, ateste-me o nume
do rio Estige, até pelos deuses temido”.
Alegre e presunçosa, a ponto de morrer
por obséquio do amante, Sêmele pediu-lhe:
“Qual, quando atas Satúrnia com laços de Vênus,
mostra-te a mim”. O deus quis impedir a boca

de falar; já a voz se espalhara nos ares.
Gemeu; pois já haviam feito, ela o pedido,
 a jura, ele. Então, subiu ao céu tristíssimo
e com o olhar reúne as nuvens, misturadas
a relâmpagos, ventos e chuvas e ajunta
o trovão, assim como o infalível raio.
Mas tenta o quanto pode amenizar-lhe a força;
nem se arma agora com o fogo que abatera
centímano Tifeu: há muito furor nele.
Há outro mais leve, que a destra dos Ciclopes
dotou de menos chama, violência e fúria;
os deuses chamam-no, segundo. Pega-o e entra
em casa de Agenor. A mortal não suporta
o celeste tumulto e o dom do amante ardeu-lhe.
O infante prematuro é arrancado à mãe,
e, tenro, em fêmur pátrio, se é digno de crer,
foi posto até que a gestação se completasse.
Logo, a tia materna, Ino, a furto, em berço
o cria; e após, em grutas, as Ninfas niseides
o ocultaram e o próprio leite elas lhe deram.
Enquanto em terra dá-se isso por lei fatal,
e Baco duas vezes nato está a salvo,
conta-se Jove, ébrio de néctar, ter deixado
seus graves afazeres e travado alegre
prosa com Juno: "Sentes mais prazer que os homens
no sexo, certamente", ele teria dito.
Ela negou. Aprouve-lhes levar o assunto
a Tirésias, nos dois modos de Vênus, douto.
Pois com dois toques de bastão em verde relva
violara a cópula de duas grandes víboras;
e de homem fez-se fêmea, por encantamento,
durante sete outonos. No oitavo as reviu
e diz: "Se vossas chagas têm tanto poder

de mudar em contrário a sorte do agressor,
ora vos ferirei”. Batendo em ditas cobras,
retorna à forma antiga e ao modo de nascença.
Feito árbitro, então, desta rixa jocosa,
põe-se ao lado de Jove. A Satúrnia ficou,
dizem, bem mais zangada que o caso pedia,
e os olhos do juiz danou à noite eterna.
O pai onipotente, posto não ser lícito
divo feito anular, em troca de olhos deu-lhe
a visão do futuro e a pena mitigou-lhe.
Este, famoso pelas cidades da Aônia,
respondia infalível a quem o inquiria.
A primeira a sentir-lhe a veracidade,
foi cerúlea Liríope, que outrora, em curvo
curso enlaçou Cefiso, e, presa na corrente,
a violou. A ninfa belíssima, grávida,
pariu um filho, mui digno de ser amado,
e de Narciso o chama. Consultado, então,
se viveria até a senectude, o vate
fatídico falou: “Se não se conhecer”.
Durante anos, vã parece a voz do áugure.
Furor estranho e o tipo de morte comprovam-na.
O Cefísio contava, então, dezesseis anos,
podendo ser tomado por menino ou jovem.
Muitos moços e muitas moças desejavam-no;
mas, tão dura soberba havia em ternas formas,
nenhum rapaz, nenhuma moça lhe tocou.
Viu-o alçando as redes com os cervos trêmulos,
ninfa loquaz , que ao ouvir não fica calada,
nem fala antes de alguém, a ressoante Eco.
Eco tinha, então, corpo, não só voz; porém,
igual agora, a boca repetia, gárrula,
entre tantas, somente as últimas palavras.

Fez isto Juno, pois podendo surpreender
as ninfas se deitando em montes com seu Júpiter,
Eco sempre a retinha com longas conversas,
para as ninfas fugirem.Satúrnia entendeu
e disse: “a tua língua, que me iludiu tanto,
pouco poder terá, no uso parvo da voz”.
E a ameaça confirma: quando alguém diz algo,
Eco repete apenas o final das frases.
Quando, então, viu Narciso errando pelos campos,
arde de amor por ele e a furto os passos segue-lhe;
e quanto mais o segue, mais a chama arde,
tal, quando se unta a extremidade de uma tocha,
o vivo enxofre inflama-se perto da chama.
Oh! Quantas vezes quis abordá-lo com brandas
preces e afagos. Sua natureza impede
que ela fale primeiro; mas a deixa apenas
acolher e ecoar as palavras que ouve.
Por acaso, o rapaz, desviado dos colegas,
gritou: “ alguém me escuta?”, “escuta!” rediz Eco.
Queda-se atônito, dirige o olhar a toda parte,
alça a voz e diz: “vem!”; ela chama quem chama.
Volve o olhar e não vendo ninguém diz:“Por que
foges de mim” e ouve de volta a mesma frase.
Detém-se e, iludido por voz replicante,
fala: “aqui nos juntemos!”, e Eco, com volúpia
nunca experimentada, devolveu: “juntemos!”
Seguindo suas próprias palavras, da selva
sai e vai abraçar-se ao pescoço do amado.
Ele fugindo, diz: “tira as mãos, não me abraces,
morrerei antes que tu possas me reter!”
E ela, apenas: “Que tu possas me reter!”
Desdenhada, se esconde em selva e de vergonha
e ramos cobre o rosto e vive em grutas ermas.

No entanto, arde o amor e cresce com a dor;
a insônia lhe consome o corpo miserável,
a magreza lhe enruga a pele e no ar se esvai
o suco corporal. Restam só voz e ossos.
A voz vive; viraram pedra os ossos, dizem.
Assim, se esconde em selva e em monte nunca é vista.
Todos ouvem-na; é som o que nela vive.
Assim Narciso, esta e outras ninfas de águas
e montes e também rapazes, iludira.
Logo, um dos desprezados, ergue as mãos ao céu:
“Que ele ame e quiçá não possua o amado!”
Disse. Assentiu à justa súplica Ramnúsia.
Havia uma fonte argêntea de águas límpidas,
que nem pastor, nem cabras que pastam nos montes
tocaram, nem um outro gado ou algum pássaro
ou fera perturbara, ou ramo quedo de árvore.
Havia grama em volta nutrida de húmus,
e uma selva vetando o sol neste lugar.
Aqui, cansado de calor e caça, o moço
se deitou, atraído pela fonte amena.
Enquanto anseia a sede aplacar, outra nasce.
Enquanto bebe, preso à bela imagem vista,
ama objeto incorpóreo, sombra em vez de corpo.
Se embevece de si, e no êxtase pasma-se,
como um signo marmóreo, uma estátua de Paros.
Contempla, à beira, os seus olhos, estrelas gêmeas,
a cabeleira digna de Apolo e de Baco,
a face impúbere, o pescoço ebúrneo, a grácil
boca e o rubor à nívea candura mesclado;
e admira tudo aquilo que o torna admirável.
Sem o saber, deseja a si mesmo e se louva,
cortejando, corteja-se; incendeia e arde.
Quantos beijos irados deu na falaz fonte!

Quantas vezes querendo abraçar a visão,
na água os braços mergulhava achando nada!
Não sabe o que está vendo; mas ao ver se abrasa,
e o que ilude os seus olhos mais o incita ao erro.
Por que, em vão, simulacro fugaz buscas, crédulo?
O que amas não há; se te afastas, desfaz-se.
Isto que vês reflexo é sombra, tua imagem;
nada tem de si; vem contigo e se estás fica;
se partes, caso o possa, partia contigo.
Nem os frutos de Ceres, nem o sono, podem
demovê-lo; mas, ele, imerso em relva opaca,
contempla a falsa forma sem fartar os olhos,
e por seus olhos fina-se. E erguendo, um pouco,
os seus braços à selva que o rodeia, indaga:
"Acaso, ó selva, alguém mais cruelmente amou?
sabes, pois deste a muitos refúgio oportuno.
Acaso, posto que viveste tantos séculos,
lembras de alguém que, outrora, assim tenha sofrido?
E vejo o que me apraz; mas o que ver me apraz,
tocar não posso, e em tanto engano sigo amando.
E para mais sofrer, não nos separa o mar
ingente, estrada, monte ou sólidas muralhas.
Água exígua nos obsta. Ele aspira a mim;
pois, quantas vezes beijo sua face líquida,
ele, outras tantas, tenta unir-se aos meus lábios.
Crês possível o toque: um mínimo nos obsta.
Quem és? Vem cá! Rapaz sem par, por que me iludes?
Aonde vais sem mim? Em beleza e idade
somos pares, e até mesmo as ninfas me amaram.
Esperança me dás com teu semblante amigo;
quando te estendo os braços, teus braços me estendes;
quando rio, sorris; sempre vejo em ti lágrimas,
se lacrimejo, e ao meu aceno tu assentes;

e, pelo movimento de teus belos lábios,
colho palavras que aos ouvidos não me vêm.
Esse sou eu! Sinto; não me ilude a imagem dúbia.
Ardo de amor por mim, faço o fogo que sofro.
Que faço? Rogo ou sou rogado? A quem rogar?
Quero o que está em mim; posse que me faz pobre.
Oh! Se eu pudesse separar-me de meu corpo!
Desejo insólito: querer longe o que amamos!
Já a dor me tira a força, resta-me de vida
pouco tempo e na minha mocidade expiro.
A morte não me pesa, alivia-me as dores.
Este que amo queria que vivesse muito.
Agora, os dois concordes, morreremos juntos".
Disse e, demente, torna o olhar à mesma face,
de lágrimas turvou a água e a imagem
movendo obscureceu. Ao vê-la ir-se, grita:
Foges para onde? Espera, não deixes, cruel,
teu amante.Que eu possa ao menos contemplar-te
sem tocar e nutrir o meu triste furor".
Enquanto se lamenta, rasga, no alto, a túnica,
e soca o peito nu com os punhos marmóreos.
Tênue rubor tingiu-lhe o peito golpeado,
tal qual maçã que, branca em parte, em outra parte
se enrubesce; ou uva imatura que toma,
nos cachos variegados, uma cor purpúrea.
Quando ele se reviu na água de novo límpida,
não o suportou mais; mas, qual a flava cera
se funde em fogo brando e o orvalho matinal
ao sol nascente, assim, definhado de amor,
se liquida, e o devora um fogo lento e cego.
E já não há nenhum rubor na branca tez,
nem ânimo ou vigor, que dava gosto ver,
nem subsiste o corpo que outrora amou Eco.

Quando ela o vê, ainda que bem ressentida,
dele se condói, e quantos “ai!” o triste moço
diz, tantos “ai!” repete em ressoante voz.
E quando ele golpeia os braços com as mãos,
também ela devolve o mesmo som plangente.
Uma vez mais se vê na água e com voz extrema,
diz: “Ai, rapaz amado em vão” e o sítio em torno
tudo repete; e diz “Adeus”, “Adeus” diz Eco.
Cansado, a cabeça tombou na verde relva,
fechou-lhe a morte os olhos loucos pelo dono.
Mesmo depois de entrar na morada infernal,
ele se olha no Estige . As suas irmãs Náiades
choraram, ofertando-lhe os cachos cortados;
as Dríades choraram; Eco ressoou,
e preparavam já a pira e as tochas fúnebres;
corpo nenhum havia. No lugar acharam
uma flor, cróceo broto entre pétalas brancas.
Tal fato deu ao vate merecida fama
e grande era o nome do áugure na Acaia.
Mas um só homem o despreza, o Equiônide
Penteu, de deuses zombador, e ri de oráculos
do velho, e exprobra-lhe a desgraça de não ter
olhos. Este movendo a fronte encanecida,
diz: “Que feliz serias se fosses privado
de olhos também, e não visses os ritos báquicos!
Porque virá o dia, que auguro bem próximo,
em que aqui chegará Líber, filho de Sêmele,
e, se não te dignares a honrá-lo com templos,
serás despedaçado e esparso em mil lugares,
teu sangue manchará a selva, a mãe e as tias.
E assim será! Pois julgas deus indigno de honra,
e queixarás que eu vi demais sob estas trevas”.
Falava ainda e o expulsou o filho de Équion.

Os fatos dão prova e os presságios se cumpriram.
Líber chega, e festiva grita freme os campos;
a turba corre, matronas, moças e rapazes,
o povo e os próceres ao novo culto acodem.
“Que furor, filhos da serpente, prole márcia,
vos aturdiu?” Penteu pergunta, “tanto valem
bronzes em choque, a flauta de ponta recurva
e os mágicos conjuros aos que nem espadas,
nem trombetas, nem lanças em riste amedrontam,
que uns gritos de mulheres, um furor de vinho,
obscenas hordas e ocos tambores o vençam?
Espanto-me, anciões, que, por longo mar vindo,
aqui assentastes Tiro e os prófugos Penates,
e ora sem Marte vos prendeis? E vós, ó jovens
ferozes, meus iguais, convém pegar em armas,
não em tirsos, cobrir-se de elmos, não de ramos?
Lembrai-vos, peço, de que estirpe fostes natos,
E da serpente que sozinha venceu muitos,
tende a coragem! Ela, pela fonte e o lago,
morreu; e vós, por vosso renome, vencei.
Ela deu morte a fortes, expulsai os moles,
e honrai os vossos pais. Se os fados impediam
que Tebas perdurasse, oxalá armas e homens
ruíssem a muralha ao som de ferro e fogo!
Míseros, mas sem culpa, por nosso destino
verteríamos, livres de vergonha, lágrimas.
Mas agora um rapaz inerme tomou Tebas,
a quem nem guerra, dardo ou cavalos aprazem,
senão untada em mirra, a coma coroada
e veste tinta de púrpura e bordada em ouro.
Já o farei, (mantende distância), admitir
que o seu pretenso pai e esses ritos são fraudes.
Se Acrísio desdenhou bastante o falso deus

e ao intruso fechou as portas da Argólida,
Penteu com toda Tebas vai ter medo dele?
Apressai-vos, ordena aos servos, e trazei
aqui o chefe preso e esta ordem cumpri logo”.
Seu avô e Átamas e os restantes parentes
o admoestam e em vão se esforçam em detê-lo.
Reprimido, irritado e mais cruel se torna,
cresce-lhe a raiva mais ainda com a censura.
Assim eu vi torrente, a que nada obstava,
correndo mansamente e com pouco ruído;
no entanto, quando tronco ou pedra a obstruía,
espumante e violenta transpunha o obstáculo.
Eis que voltam feridos servos, e, inquiridos
por onde andava Baco, negam tê-lo visto
e dizem: “mas trouxemos este sacerdote
de seu culto”; e entregam, de mãos amarradas
às costas, um tirreno, seguidor do deus.
Examina-o Penteu, com os olhos tremendos
de ira; e embora adie o castigo, lhe diz :
“Ó tu que vais morrer, tua morte servirá
de aviso aos outros, dize-me o teu nome, pais,
e pátria, e por que freqüentas culto novo.
Ele, sem medo diz: “Acetes é meu nome,
Meônia é minha pátria, meus pais são da plebe.
Meu pai não me deixou terra que duros bois
arassem, nem ovelhas, nem novilha alguma.
Também ele era pobre, e com linha, anzol
e vara sempre, os peixes saltando, pescava.
Esse era o seu ofício. Quando me ensinou-o,
disse: “Recebe tudo que tenho, herdeiro
e sucessor”. Morrendo, nada me deixou,
exceto águas. Este é o meu patrimônio.
Para não ficar sempre nos mesmos penhascos,

logo aprendi a dirigir com mão experta
um barco, e o astro plúvio da Cabra de Óleno,
Taígete, as Híades, a Ursa, as casas
dos ventos e os seguros portos reconheço.
Um dia, rumo a Delos, à terra de Quios
vim, e, remando ao lado direito encostei
e saltei fácil sobre a areia molhada.
Quando a noite acabou e a Aurora purpúrea
começara; levanto-me, e peço que tragam
água fresca, mostrando o caminho da fonte;
eu olho de alto morro o que a brisa promete,
chamo os meus companheiros e volto ao navio.
Aqui estamos! Disse Ofeltes, o cabeça,
e conduz pela praia um menino de traços
virgíneos, presa, crê, em chão deserto achada.
Este parece cambalear de vinho e sono,
mal segue. Observo o seu aspecto, o rosto e o traje;
nada vi nele parecido a um mortal.
Senti e disse aos sócios: "Que nume está neste
corpo, não sei; mas, nesse corpo um nume está.
Quem sejas, favorece e assiste as nossas lidas;
e perdoa a estes." – "não rogues por nós."
Diz Dictis, o mais ágil em subir ao alto
do mastro ou em descer seguro por um cabo.
Logo o apóiam Líbis, o ruivo Melanto,
o vigia de proa, Alcímedon e Epópeo,
que com a sua voz exorta os remadores,
e os outros; tanto os cega a avidez de botim.
"Não permitirei que este barco se macule
com sacra carga; aqui mando". Disse e me pus
na entrada. Se enfurece o mais ousado deles,
Licabas, que de etrusca vila fora expulso,
e pagava com exílio um cruel assassínio.

Este, enquanto resisto, me força a garganta,
com mão forte, e ao mar me lançaria, se eu,
embora sem querer, não me enganchasse em corda.
A ímpia turba aprova o fato. Por fim, Baco,
porque era Baco, - como se o clamor o senso
lhe tornasse, tirando-o do torpor do vinho,
diz: “ Que fazeis? Que gritos! Dizei-me, marujos,
como cheguei aqui? Aonde ousais levar-me?
“Não temas”, diz Proreu, “e a que porto tu queres
Chegar, nos dize, e hás de lá desembarcar”.
- “Naxos”, diz Líber, “segui essa direção.
Lá é minha morada; lá sereis meus hóspedes”.
Pelo mar e por todos os deuses perjuram
que assim será e içam as velas da nau.
À destra estava Naxos; à destra eu rumava:
“Que fazes, louco? Que furor!” Ofeltes disse;
cada um por si. “Pega à esquerda”, e me fazem
entender com sinal, outros no ouvido avisam-me.
Com espanto, digo-lhes: “Tomai, que outro dirija”,
E me apartei do crime e, também, do meu mister.
Todos me acusam e murmuram contra mim,
e Etálion, um deles, diz: “Nossa salvação
depende só de ti, sem dúvida!” e tomando
o meu lugar em rumo oposto a Naxos zarpa.
Então, o deus burlando-os, como se soubesse
da fraude agora, admira o mar da popa adunca,
finge chorar e diz: “essa não é, marujos,
a costa prometida, nem a minha terra.
Que fiz por merecer? Que glória é a vossa,
se vós, muitos e adultos, lograis um menino?”
Também chorei. A ímpia turba ri das lágrimas
nossas e singra o mar com remos apressados.
Por esse deus te juro agora – e não há outro

mais propício – e o que te digo é tão veraz,
quanto incrível. O barco parou no alto mar,
como se ele estivesse a seco no estaleiro.
Espantados, persistem em bater os remos,
e soltam velas, intentando um duplo impulso;
a hera estorva e enreda os remos em recurvos
laços e enche as velas de pesados cachos.
O deus, com fronte ornada de uvas racemíferas,
brande uma lança cheia de folhas de pâmpanos.
Em volta tigres, vãos simulacros de linces,
e feros corpos de panteras falsas jazem.
Os homens saltam fora, içados pela insânia
ou por temor, e logo Médon enegrece
o corpo, e o dorso saliente se recurva.
Licabas lhe falou: " Em que prodígio estás
te tornando? Ao falar, alarga a boca e encurva
o nariz, e de escama a pele dura cobre-se.
Mas Líbis, impelindo os remos resistentes,
viu, num instante, as mãos se encolherem e mãos
já não eram; agora elas são barbatanas.
Outro, estendendo os braços às torcidas cordas,
braços não tem, arqueia o seu corpo truncado
e salta ao mar; cresce-lhe cauda igual a foice,
que se insinua qual chifres de meia-lua.
Por toda parte saltam, borrifam a água,
emergem vez por outra e submergem de novo,
dançam em coro e alegres agitam os corpos,
sorvem e sopram água por largas narinas.
Dos vinte, pois tantos levavam esse barco,
só eu sobrava. Pávido, gélido e trêmulo
o corpo, o deus me tranqüiliza: " Afasta o medo
do coração, e ruma a Dia." Ali desembarcando,
aderi ao seu culto e sigo os ritos báquicos".

Disse Penteu: “Se ouvimos a tua suspeita
e longa história, foi para aplacar a cólera.
Servos, levai-o; corpo na cruz, aplicai-lhe
cruéis suplícios, e lançai-o na noite estígia”.
Logo o tirreno Acetes é trancado em sólida
prisão; e enquanto se prepara os instrumentos
de torturar, o ferro e o fogo, para a morte
ordenada, se conta que as portas se abriram
e as cadeias caíram,por si, dos seus braços.
Insiste o Equiônide. Não manda outros,
vai o próprio ao Citéron, lugar dos mistérios,
que o canto e a clara voz das bacantes soava.
Como um corcel fogoso, ao som dos clarins bélicos,
freme e respira desejoso de batalha,
assim Penteu foi excitado pelos gritos
longos cortando o ar, e reacende a ira.
Quase ao meio do monte, envolto pela selva,
há um campo sem mata e visível por todos.
Ali com olhar profano contemplava os ritos;
a primeira que o vê, tomada pela fúria,
logo feriu Penteu arrojando-lhe o tirso,
sua mãe. “Io!”, ela exclamou. “Vinde, irmãs!
Um grande javali em nossos campos erra,
vamos matar esse javali”. A turba inteira
se lança furiosa; juntas o perseguem;
já teme e, com palavras menos violentas,
já admite a culpa, já confessa o seu pecado.
Ferido embora, grita: “Ajuda-me, tia!
Que a sombra de Ácteon comova-te, Autónoe!”
Ela não sabe de Ácteon e a destra ao súplice
arrancou; Ino a outra lacerou, rompendo-a.
Braço o infeliz não tem para estender à mãe,
mostra, porém,as chagas do tronco sem membros,

dizendo: “Mãe, me vê!” Agave, vendo, ulula,
sacode a nuca e a cabeleira agita no ar;
e com avulsa cabeça entre os cruentos dedos,
exclama: “Io! Esta vitória é obra nossa!”
As folhas atingidas pelo frio outono
o vento não arranca mais rápido da árvore,
que os membros desse homem as nefandas mãos.
Levadas pelo exemplo, aos novos ritos vão
e aos altares ofertam incenso as Ismênides.

Livro IV

Mas não aceita Alcítoe, a filha de Mínias,
as orgias do deus, e obstina-se em negar
que Baco vem de Jove, e as irmãs se aliam
nesta impiedade. Ordena o sacerdote festa
celebrar, e as mulheres, livres do trabalho,
cubram de pele o seio, soltem o cabelo
e com coroa adornem e os tirsos nas mãos
tomem, vaticinando a ira atroz do deus,
se for lesado. Mães e noras obedecem
e guardam roca, cestos e fios intactos,
com incensos proclamam Baco, Brômio, Líeo,
rebento único de duas mães ignígenas;
Somam a estes Níseo, o intonso Tiôneo,
Lêneo, semeador da uva dos festins,
Nictélio, o pai Eléleo, Iaco, Euã,
e muitos outros nomes que tu tens, ó Líber,
entre os gregos. Eterna é tua juventude,
ó criança divina, tu és formosíssimo
e admirado no céu. Quando estás sem os chifres,
tens virgínea cabeça. Venceste o Oriente
até onde o Ganges a tisnada Índia banha.
Tu, venerando, matas Penteu e Licurgo
sacrílegos, e lanças os corpos no mar
Tirreno. Tu enfreias ambas as cervizes
ajaezadas dos linces. Bacantes e Sátiros
e um velho ébrio, que se apóia num bastão
e mal sustenta-se no lombo do asno, seguem-te.
Por onde vais, ressoam clamor juvenil,
voz de mulheres, cavos tambores e címbalos
de bronze e em longos tubos a flauta de buxo.
“Vem bom e amigo!” rogam mulheres beócias,

e freqüentam os ritos; só as Miniêides
perturbam os festins na lida de Minerva,
cardam a lã, torcem o fio ao polegar,
ou, curvadas na roca, à faina as servas urgem.
Uma delas alonga o fio e diz: “ Enquanto
outras cessando a lida vão aos falsos ritos,
nós, retidas por Palas, deusa bem melhor,
aliviemos as mãos com casos variados,
e, como o ouvido está livre, alternadamente,
para que o tempo passe depressa, contemos”.
Aprovam as irmãs, instando-a a começar.
Ela hesita entre tantos sobre qual relato
contar. Se narra sobre ti, ó babilônia
Dercetes, que mudada e coberta de escama,
crêem os palestinos, agitou os pântanos;
ou sobre como a filha dela ganhou asas
e passou em alva torre os seus últimos anos;
ou como a Náiade com canto e fortes ervas,
mudou corpos de jovens em silentes peixes,
até que virou peixe; ou como a planta de alvos
frutos agora negros dá, tintos de sangue.
Este agradou. E já que não é tão sabido,
assim começa, enquanto vão fiando a lã.
“Píramo e Tisbe, ele o mais belo dos jovens,
ela, a mais linda dentre as moças do Oriente,
tinham casas contíguas, contam, na cidade
que Semíramis fez de altos muros de adobe.
A vizinhança permitiu se conhecerem;
Com o tempo o amor cresceu. E núpcias haveria,
mas os pais proibiram. Não puderam proibir
dois corações cativos de igualmente arderem.
Sem que soubessem, eles falam por sinais,
E quanto mais se oculta, mais fervia o fogo.

Numa parede-meia há uma fina greta,
surgida enquanto as casas eram construídas.
Ninguém notara a falha, nesses longos séculos,
- o que não vê o amor? - Logo a vistes, amantes,
e abristes via com a voz e ali seguros
costumavam trocar ternos murmúrios mínimos.
Sempre que Tisbe, de um lado e do outro Píramo,
notavam os seus mútuos suspiros, diziam:
“Invejosa parede, obstas por que os amantes?
Custava-te deixar-nos unir nossos corpos,
ou, ao menos, abrir-te para nos beijarmos!
Ingratos não somos, a ti agradecemos
por levar a ouvido amigo o que dizemos”.
Depois de assim falar, de lugares contrários,
de noite adeus disseram e cada qual deu
beijos que não chegavam nunca ao outro lado.
Após a aurora remover noturnos astros,
e o sol secar com raios ervas orvalhadas,
vinham à mesma greta. Então, à meia voz,
lamentam-se e decidem, na noite silente,
iludir os guardiões, saindo pelas portas,
e fora já do lar, deixar mesmo a cidade;
e, para não errarem pelos vastos campos,
no túmulo de Nino, à sombra de uma árvore,
se encontrariam. Copa prenhe de alvos frutos,
alta amoreira havia junto à fonte gélida.
Alegres com o pacto, fez-se longo o dia.
O sol se pôs no mar, de onde a noite saiu.
Hábil nas trevas, gira a fechadura Tisbe
E engana os seus, cobrindo o rosto com um véu,
chega ao túmulo e senta-se sob dita árvore.
O amor audaz tornava-a. Eis que uma leoa
vem com a fuça suja de sangue de boi,

querendo aliviar a sede nessa fonte.
Sob os raios da lua, a babilônia Tisbe
a viu, e trêmula se esconde em gruta escura,
e na fuga deixou cair do ombro o véu.
Quando a cruel leoa a sede aplacou n'água,
de volta à selva achou o fino véu sem dona
e o rasgou com a sua boca ensangüentada.
Chegando tarde, viu os vestígios seguros
da fera na poeira espessa e ficou pálido
Píramo. Quando viu o véu tinto de sangue,
diz: "Uma só noite há de perder dois amantes,
dos dois, ela uma longa vida merecia,
pois sou culpado. Eu te danei, desgraçada,
eu te chamei a vir de noite em ermo hórrido
e não cheguei primeiro. O meu corpo rasgai,
e devorai-me as vísceras com feros dentes,
ó quem quer que habitais nestas rochas, leões.
Mas é fraco quem quer morrer!" O véu de Tisbe
ergue e o leva consigo para embaixo da árvore.
E após derramar lágrimas, beijando o véu:
"Recebe agora" diz "o hausto de meu sangue!"
E o ferro preso ao cinto enfiou na barriga,
logo o arrancando à chaga fervente, nas últimas.
Caindo ao chão de costas, o sangue esguichou:
tal como quando um cano estragado de chumbo
se rompe, e, por um fino buraco, escapole
um longo jato de água, o ar cortando, estrídulo.
O fruto da árvore adquire a tez escura
aspergido de sangue e a úmida raiz
tinge de cor purpúrea as amoras pendentes.
Com medo, mas temendo o engano do amante,
eis que ela volta e o busca com coração e olhos,
e anseia por narrar-lhe os perigos passados.

Reconhece o lugar e o formato da árvore;
porém, a cor do fruto a deixa na incerteza.
Enquanto hesita, um corpo pulsando, vê, trêmula,
no chão sangrento, e retrocede e, tez mais pálida
que o buxo, estremeceu de horror, como a planura
do mar que treme, quando a brisa leve a roça.
Mas, ao parar, reconheceu os seus amores,
os braços golpeou, com sonoros lamentos,
e arrancando os cabelos, abraçou o amado,
e as feridas encheu de lágrimas e ao sangue
pranto mesclou, e o rosto gelado, beijando,
"Píramo", diz, "que sina te afastou de mim?
Responde, Píramo; é Tisbe, a ti caríssima,
que te chama. Escuta e ergue-te, jazente!"
Os olhos já pesados de morte abriu Píramo,
ao nome de sua Tisbe e, vendo-a, os fechou.
Quando viu o seu véu e a bainha vazia,
sem a espada, diz: "tua mão, e o teu amor,
te perdeu, infeliz. Tenho também mão forte,
e amor, que me dará força para ferir-me.
Te seguirei morto e dirão que fui eu, mísera,
causa e sócia em teu fim. E tu, que só a morte
arrebatou de mim, na morte me terás.
Ouvi, porém, a prece que ambos fazemos,
ó infelicíssimos pais, meus e também dele,
não negueis enterrar juntos num mesmo túmulo,
estes que amor sincero uniu na hora extrema.
Mas tu, árvore, que ora cobres, com teus ramos,
mísero corpo, logo a dois serve de teto,
guarda os sinais do sangue em negro fruto, apto
ao luto: monumento de uma morte gêmea".
Disse e, a ponta da espada pondo sob o peito,
deitou-se nela, ainda úmida de morte.

Os seus votos chegaram aos deuses e pais.
Pois, quando está maduro, a cor do fruto é negra;
e o que restou das piras, numa urna pousa”.
Fim; depois de uma breve pausa, começou
Leocônoe a contar. As irmãs se calaram.
“Também o Sol, que a tudo impõe luz sideral,
o amor prendeu; amores do Sol contarei.
Dizem que este deus viu o adultério de Vênus
com Marte. Este deus vê sim tudo primeiro.
Condoído, ao marido, nascido de Juno,
mostrou o ultraje e onde ele ocorreu. Mas este,
a mente e a obra que com mão fabril sustinha ,
perdeu. Logo, cadeias delgadas de bronze,
redes e laços aptos a iludir a vista
lima. Nem fio mais fino ou teia de aranha
no teto sobrepujariam esta obra;
e a pôs de modo a disparar ao leve toque
e o menor movimento, e o leito envolve hábil.
Quando estavam no leito a esposa e o adúltero,
ambos ficaram presos, em meio aos abraços,
aos ardis preparados por marido artífice.
Logo, Lênio abriu as portas de marfim
e os deuses admitiu. Os dois jazem ligados
sem pudor. E um dos deuses jocoso almejou
igual castigo. Os outros riram, e por muito
tempo tal caso foi tão famoso no céu.
Exige Citereia pena memorável
ao delator de seus amores, o ferindo
de amor igual. De que te serve agora, filho
de Hipérion, tuas formas, cores e teus raios?
Ó tu, que abrasas toda a terra com teus fogos,
fogo novo te abrasa; e devendo ver tudo,
a Leocótoe vês, e miras só na virgem

olhos que ao mundo deves. Ora vens mais cedo
a Oriente, ora mais tarde em mar te pões,
e, para vê-la mais, dia invernal prolongas;
ora falhas, e a dor da alma se transmite
à luz, e obscuro, aterras os peitos mortais.
Nem, porque a lua perto da terra eclipsou-te,
empalideces; esse amor faz esta cor.
Amas só uma. A ti, nem Climene, nem Rodos,
nem a bonita mãe de Circe de Ea têm,
nem Clítie, pois, mesmo ignorada, desejava
o teu leito e ostentava ao mesmo tempo grave
chaga. Leocótoe fez te esqueceres de muitas,
Eurínome, a mais bela do povo odorífero,
a gerou. Mas depois que a filha adolesceu,
como a todas a mãe, ela a mãe superou.
Orcamo, o pai, reinou em cidades da Acmênia,
e, dentre os reis vindos do velho Belo,o sétimo.
Sob eixo hespério pastam os corcéis do Sol.
Ambrosia, não grama, comem. Ela nutre-lhes
membros lassos da faina diurna e os repara,
e, enquanto em celestial pasto a quadriga farta-se
e já é noite, o deus entra no amado tálamo,
sob a forma de Eurínome, sua mãe, e entre
doze escravas divisa Leocótoe à luz
puxando os fios lisos e girando o fuso.
E como uma mãe beijou a cara filha,
dizendo: “É segredo. Retirai-vos, servas,
não priveis uma mãe de dizer seus segredos”.
Saíram. E sozinhos no quarto o deus disse:
“Eu sou aquele que divide o longo ano,
que vê tudo e através de quem tudo se vê,
o olho do mundo.Crê, me aprazes.” Ela assusta-se,
e, em dedos frouxos, roca e fuso escapuliram.

O temor mesmo lhe convinha. E sem delongas,
o Sol volveu à vera forma e resplendor;
A virgem, aterrada com visão insólita,
entregou-se ao fulgor e a violência do deus.
Clítie invejou; O amor que o sol lhe devotara
jamais foi moderado, e odiando a rival,
divulga o adultério, e a infâmia ao pai
informa. Este fero e implacável com a súplice,
que estendia ao sol as mãos dizendo: “Ele
me violou contra meu querer” a enterrou
cruel na terra funda e fez de areia um túmulo.
Com raios o desfaz o nascido de Hipérion,
e abre caminho para ergueres o teu rosto;
mas não podias, Ninfa, erguer tua cabeça
e o corpo exangue, sob a terra, então, jazias.
Contam que o condutor de alados corcéis nada
mais triste vira, após os incêndios de Fáeton.
Enfim, o Sol tentou devolver com a força
dos raios calor vivo aos seus gelados membros.
Mas, como o fado a tantos esforços se opunha,
no local e no corpo esparge olente néctar,
e, entre outras queixas, diz: “ Irás, contudo, ao céu.”
Logo, o corpo embebido de néctar celeste,
diluiu-se e umectou a terra com perfume;
pouco a pouco, raízes cresceram na gleba
e uma vara de incenso irrompeu sobre o túmulo.
Mas a Clítie, embora o amor a dor desculpe,
e a dor a delação, o portador da luz
não mais a procurou para os gozos de Vênus.
Desde então, definhou, louca de amor, a Ninfa,
desanimada; e, ao relento, noite e dia,
sentou-se no chão nu e com as grenhas nuas.
Por nove dias, sem comer e sem beber,

em jejum hauriu mero orvalho e suas lágrimas,
nem se moveu do chão. Apenas via a face
do deus rompendo, a ele dirigia o rosto.
Seus membros, dizem, aderiram ao terreno,
O livor converteu alguns em hastes secas.
O rubor corou outros e, qual a violeta,
cobre-lhe o rosto, flor. Ela, presa às raízes,
a face gira ao sol e mantém seu amor".
Narrou-se, e o fato incrível prendera os ouvidos.
Uns negam, outros lembram que tudo os verazes
deuses podem. Mas Baco não é um daqueles.
Instou-se Alcítoe, pós silêncio das irmãs.
Movendo ao tear o fio do pano, diz ela:
"Calo-me sobre os tão conhecidos amores
De Dáfnis, pastor do Ida, que Ninfa mudou
em pedra, por ciúme; a dor queima os amantes.
Nem conto, como outrora, contra a natureza,
o ambíguo Síton foi ora macho, ora fêmea.
Celmo, a ti, hoje de aço, outrora fido a Júpiter
infante, e aos Curetes nascidos das bátegas
e a Croco e Esmílace vertidos em florzinhas,
deixo; vos reterei com terna novidade.
Por que Sálmace tem má fama, e com sua água
forte enerva e amolece os membros, aprendeis
a causa oculta; a força da fonte é famosa.
Ao filho de Mercúrio e diva Citereia,
as Náiades nutriram nas grutas do Ida;
na sua face os traços da mãe e do pai
se podem ver; também tomou o nome deles.
Quando fez quinze anos, deixou os paternos
montes e o Ida que o nutrira e vagueou
alegremente por lugares e por rios
ignotos e o desejo atenuava a fadiga.

Foi às cidades lícias e aos Cários, vizinhos
da Lícia. Ali vê um lago de águas claras
até o fundo. Lá não há canas palustres,
juncos pontiagudos, ou ulvas estéreis;
O lago é cristalino, porém, é cingido
de terreno vivaz e relva sempre verde.
Uma ninfa mora aí, mas não caça, nem o arco
dispara, nem disputa corrida e, das Náiades,
somente ela a veloz Diana desconhece.
Sabe-se que as irmãs sempre lhe advertiam:
"Sálmace, pega o dardo, ou a ornada alvaja,
e mistura teu ócio, com a dura caça."
Ela nem dardos pega, nem ornada alvaja,
nem ao ócio mistura uma dura caça;
mas ora banha os membros formosos na fonte,
e sempre arruma os cachos com pente Citóreo,
e consulta a água, onde olha o que lhe convém;
Agora, com o corpo envolto em véu translúcido,
se estende em tenras relvas ou tenras folhagens.
Ou colhe flores. Quando ao acaso as colhia
viu, então, o rapaz, e ao vê-lo, o desejou.
Mas não se aproximou, embora desejasse,
antes de se arrumar, de examinar a veste,
compor sua expressão e parecer formosa.
Então, falou assim: "Rapaz, digno de ser
tido por deus, ou se és deus, podes ser Cupido;
se és mortal, felizes os que te geraram,
feliz é teu irmão, e afortunadas são
tua irmã e a nutriz que te deu de mamar.
Mas muito mais feliz que todos a que a ti
foi prometida, se a julgares digna esposa.
Se tens alguma, seja furtivo o meu gozo;
se não, seja eu; vamos ao leito nupcial."

Ela calou-se. O rosto do rapaz corou;
pois não conhece amor. O rubor lhe convinha.
Esta é a cor do fruto de árvore ao sol,
ou do tinto marfim, ou da lua brilhando,
quando os bronzes ressoam em vão nos eclipses.
A ninfa pede sem fim pelo menos beijos
de irmã, e abraça o seu pescoço de marfim:
“Me deixa”, diz, “ou fujo e deixo a ti e a fonte?”
Sálmace teme e diz: “te deixo livre o espaço,
estrangeiro, e simula dar um passo atrás;
então volvendo o olhar, oculta em selva espessa,
espia, de joelho, agachada. Mas ele,
achando-se invisível na relva vazia,
anda de um lado a outro e, brincando na água,
molha a sola dos pés, da ponta ao calcanhar.
Sem demora, atraído pelas águas tépidas,
do delicado corpo as leves vestes tira.
Então, atônita, deseja a forma nua,
Sálmace com ardor. E os olhos dela abrasam-se
qual quando Febo, em clara órbita brilhando,
é refletido numa imagem de um espelho.
Mal suporta a espera e mal contém o gozo,
já deseja abraçar, e à loucura se entrega.
Ele bate o corpo com a palma das mãos,
ágil, salta no lago, move um braço e outro,
e n’água cristalina transluz qual estátua
ebúrnea ou lírio branco envolto em claro vidro.
“Venci e és meu!” exclama a Náiade e, com toda
a veste longe lançada, arroja-se na água,
e agarra o resistente e, em luta beijos rouba-lhe,
subjuga-o com as mãos e o peito acaricia-lhe,
e agora por um lado e outro cerca o jovem.
Enfim, mesmo lutando para escapar dela,

Ela o agarra, qual serpente que ave régia
no alto sustém; pendente ela a cabeça e os pés
da ave enlaça e a cauda enrola em largas asas;
ou como a hera que se enrola em grossos troncos;
e como o polvo o inimigo em mar profundo
prende, lançando em toda parte os seus tentáculos.
Resiste o Atlantíade e à Ninfa os prazeres
nega. Ela o oprime e unida, corpo a corpo,
tal como estava, diz: “mesmo que lutes, ímprobo,
tu não me escaparás. Assim, ordenai, deuses,
que ele jamais separe de mim e eu dele”.
Os deuses anuíram. E os corpos mistos de ambos
se uniram e chegaram a ter aparência
de uno. Assim como em casca se enxertam dois ramos,
com o tempo eles crescem juntos num só galho;
assim, quando seus membros num abraço forte
se uniram, não são dois, mas uma forma dúplex,
nem rapaz, nem mulher, e que a nenhum parece.
Logo que viu que as águas claras, onde entrou
homem, o converteram em meio-varão
de fêmeos membros, ergue as mãos Hermafrodito,
já sem voz viril diz: “ Dai dons a vosso filho,
ó pai e mãe, pois eu levo o nome de ambos:
Quem quer que nessa fonte entre homem saia
Semi-varão e logo, ao tocá-la, efemine-se”.
Comovidos os pais pelo filho biforme,
misturaram à fonte incestuoso filtro.
A estória chega ao fim, mas as filhas de Mínias
fiam, o deus desprezam, e a festa profanam,
quando súbito tímpanos ao longe roucos
retumbam, e a flauta de adunco chifre e o bronze
ressoam. E recendem açafrão e mirra;
e, incrível , os teares vão se esverdeando

e os véus pendentes florescendo como heras.
Parte muda-se em vide, e os fios em sarmento
se convertem. Do pano no tear sai pâmpano;
a púrpura fulgura em uvas de cor viva.
Já era findo o dia, e chegara o momento
que tu não podes nem chamar trevas, nem luz,
mas os confins da dúbia noite com o dia.
A casa, de repente, parece tremer,
lâmpadas iluminam o palácio, rútilas,
e ululam simulacros de feras cruéis.
Logo as irmãs se ocultam pelos tetos fúmidos,
e os diversos locais de fogo e luz evitam.
Ao se esconderem, uma membrana se estende
nos membros curtos, e os envolve em asa tênue.
Como perderam a antiga forma, as trevas
não deixaram saber. Pluma não as ergueu;
porém, asas translúcidas as sustentaram.
E querendo falar, emitem voz mínima
como seu corpo e finos lamentos estrídulos.
Casas, não selva, habitam. Odiando a luz,
voam de noite, e o nome vem da tarda Vésper.
Deveras, Baco torna-se famoso em Tebas
inteira, e a todos sua tia exalta a força
do novo deus, e dentre as irmãs, era a única
que não sofrera, a não ser por suas irmãs.
Juno, vendo-a soberba do marido Átamas,
da prole e do pupilo divo, não suporta
e diz consigo: “pôde o filho da rival
mudar e ao mar marujos meônios lançar,
fazer mãe estripar as vísceras de filho,
e cobrir de asas novas as três Miniêides;
nada faz Juno exceto chorar os ultrajes?
Isso me basta? Meu poder é este apenas?

O inimigo me ensina lícitas lições.
E o que lucra a loucura, a morte de Penteu
de sobra me mostrou. Por que não incitar
Ino à loucura de imitar os seus parentes?”
Há um declive à sombra funesta dos teixos
que conduz, em silêncio, à sede infernal.
O inerte Estige aspira névoa e sombras novas
descem ali e os simulacros dos sepultos.
Palor e frio imperam nesses ermos hórridos,
E a via à urbe estígia e ao fero palácio
do negro Dite os Manes novos ignoram.
Mil entradas e portas abertas existem
na extensa urbe. E como o mar rios recebe
de toda a terra, assim tal sítio as almas todas;
não sendo exíguo, a turba acolhe indiferente.
Sombras exangues vagam sem corpo e sem ossos,
parte ao fórum vai, parte ao lar do ínfero rei,
outras, antiga vida imitando, um ofício
exercem, e outras sua própria pena cumprem.
Deixando o lar celeste, ali resolve ir,
Satúrnia Juno, tanto ódio e ira tinha.
Logo que entrou, o umbral geme ao peso do sacro
corpo. Cérbero ergue suas três cabeças,
que latem juntas. Ela conclama as irmãs,
filhas da Noite, grave e implacável nume;
sentam-se presas às portas de aço do cárcere,
e os cabelos de negras serpentes penteiam.
Logo que a vêem entre as sombras na caligem,
as deusas se erguem. Lá é a sede do crime.
As vísceras de Títio, em nove jeiras, eram
dilaceradas. Por ti, Tântalo, nenhuma
água é captada e os galhos fogem fronte acima.
Buscas e empurras, Sífiso, a rocha de volta.

Íxion gira, foge e persegue a si mesmo.
E por tramarem o homicídio de seus primos,
recolhem sempre a incontida água, as Bélides.
Quando a Saturnia viu com torvo olhar a todos,
a Íxion sobretudo, evitou-os, e a Sísifo
volta-se, e diz: “Por que dos irmãos este sofre
castigo eterno e Átamas soberbo em rico
palácio vive e com a esposa me desdenha
sempre?” Explica a razão do ódio e da viagem
e o que quer. Quer que caia o palácio de Cadmo,
e que as irmãs atraiam Átamas ao crime.
Mesclou ordens, promessas e preces num só
pedido às deusas. Quando Juno assim falou,
Tisífone, moveu, perturbada, os cabelos
brancos, cuspindo cobras que lhe obstam a boca,
e assim falou: não é preciso mais rodeios,
dá por feito o que ordenas. Esse odioso reino
deixa e retorna aos ares melhores do céu”.
Alegre volta Juno. Ao adentrar o céu,
aspergiu-a de orvalho Íris Taumantíade.
Logo, Tisífone cruel pegou a tocha
imersa em sangue, pôs uma túnica rubra
de cruor fluido, cinge-se de torta áspide
e sai de casa. O Luto marcha junto a ela,
e o Pavor, o Terror e Insânia desvairada.
Ao umbral se deteve. As portas de Éolo, contam,
tremeram, o palor descorou os batentes,
e o sol sumiu. Os monstros aterram a esposa
e Átamas. E dispunham-se a sair de casa;
a infeliz Erínia interpôs-se à entrada,
e estendendo os seus braços prenhes de serpentes,
sacudiu o cabelo. As cobras sibilaram;
parte cai nos ombros, parte, ao peito vindo,

assobia, vomita pus e a língua vibra.
Depois puxou da cabeleira duas víboras,
e as atira com mão pestífera. Mas elas
prorrompem o regaço de Ino e de Átamas
insuflando um fedor. Ferida alguma aos membros
fazem; a mente é que sente os duros golpes.
Ela trouxe também fortes venenos líquidos,
baba de Cérbero e peçonha da Equidna,
e delírios e cegas perdas de memória,
crimes, lágrimas, raiva e paixão de matar,
tudo moído, junto com sangue recente,
coseu em cavo bronze com verde cicuta.
Apavorados, verte ela o fero veneno
no peito de ambos, atingindo o coração.
Então, girando a tocha sempre em mesmo círculo,
logrou fogos do fogo atiçado agilmente.
Missão cumprida, ela voltou ao vazio
reino do grão Dite e despoja-se da víbora.
Logo o Eólide furioso no palácio
Clama: “Estendei as redes nestas selvas, servos!
Cá estou vendo uma leoa e dois filhotes.”
E louco, qual fera, ao encalço vai da esposa,
do seio da mãe tira Learco que ri
e os braçinhos estende, e duas ou três vezes
roda-o no ar como uma funda e, em rocha rígida,
feroz lhe esmaga a face. Então, a mãe levada
pelas dores, ou pelo veneno infundido,
ululou e fugiu desgrenhada e demente,
contigo, Melicerte, nos braços desnudos:
“Evoé, Baco!” grita. E ao nome de Baco,
Juno riu: “Teu pupilo a isso sirva!”, disse.
Assoma os mares um rochedo, cavo embaixo,
que defende da chuva as águas encobertas,

e o cimo em riste alonga-se no mar aberto.
Ino aí sobe – deu-lhe forças a loucura –
e sem temor algum, se lança sobre o pélago,
com o seu filho; ao choque a onda encaneceu.
Mas Vênus, comovida com a pena injusta,
dirige ao tio branda prece: “Ó deus dos mares,
Netuno, a quem cabe o poder depois do céu,
grande é o que te peço, apieda-te dos meus,
a quem vês arrojados no Jônio imenso,
e os soma aos teus deuses. Algum prestígio tenho
sobre o mar, se é que outrora fui concreta espuma
em sacro abismo e vem daí meu nome grego”
Anui Netuno à prece e deles retirou
o que era mortal e digna majestade
lhes concedeu, além de nome e face nova:
chamou o deus Palémon; Leocótoe, a mãe.
As fâmulas sidônias, quanto podem, seguem-na,
vêem pegadas novas na borda da rocha;
convictas de sua morte, a família de Cadmo
deploram, mãos a veste e os cabelos puxando,
e odiaram a deusa, por ter sido injusta
e cruel com a rival. Juno não suportou
o insulto e diz: “farei de vós mesmas o máximo
monumento do meu terror.” E dito e feito.
Pois a que fora mais fiel disse: “no mar
seguirei a rainha”, e, saltando, não pôde
se mexer e ficou encravada na rocha.
Outra, ao tentar ferir o peito com os punhos,
sentiu os braços rijos ao querer movê-los.
Aquela, que ao acaso as mãos ao mar tendia,
vertida em pedra, aponta suas mãos às ondas.
De outras, arrancando os cachos de cabelos,
podem-se ver, de súbito, os dedos de pedra.

Cada qual se manteve no gesto flagrado.
As ismênides são aves que ainda agora
ferem aquele mar com as ponta das asas.
Ignora o agenóride que a filha e o neto
deuses marinhos são. Vencido pela dor,
pelas desgraças e prodígios que viu, sai
da urbe o fundador, como se a sorte a ela
e não a ele perseguisse; e após errâncias
chega aos confins da Ilíria com prófuga esposa.
Já males e anos pesam, pensam no destino
da família e repassam juntos suas dores:
“Era sacra a serpente em que acertei a lança”,
diz Cadmo, “quando, ao vir de Sídon, semeei
dentes de cobra em solo, insólitas sementes?
Mas se o zelo divino em cólera a vinga,
peço que eu, serpente, o longo ventre estenda”.
Disse e, como serpente, o longo ventre estira,
sentiu que lhe crescia escama em dura pele,
e o corpo negro se manchava em tons azuis;
cai de bruços e as pernas aos poucos se afinam
numa só, com formato de cauda cilíndrica.
Braços ainda restam. E os braços estende,
fluindo pela face ainda humana, lágrimas,
disse: “Achega-te, esposa, achega-te, infeliz,
enquanto algo de mim resta, toca-me, e pega-me
a mão, enquanto há mão e não sou todo cobra.”
Quer falar mais, mas de repente a língua em duas
partes reparte-se, palavras pra dizer
não tem e quando tenta lançar um lamento,
sibila; a natureza deixou-lhe esta voz.
Ferindo o peito nu com punho a esposa exclama:
“Calma, Cadmo infeliz! Despe-te deste monstro!
Cadmo, o que é isto? teus pés, ombros, mãos, cadê?

a tez, o rosto e tudo, enquanto falo? Enfim,
por que não me verteis também em cobra, ó deuses?
Disse. Ele lambia a face de sua esposa
e os caros seios, como se os reconhecesse,
e, abraçando-a, o seu pescoço procurava.
Seus companheiros se horrorizam; porém, lúbrica,
acaricia ela a crista do dragão;
e súbito são dois, e serpeiam conjuntos,
até que se ocultaram em um bosque próximo.
Agora, entanto, nem fogem do homem, nem mordem,
e, mansos dragões, lembram-se do que antes foram.
Mas o grande consolo de ambos na mudança
de forma fora o neto que a Índia vencida
cultuava e a Acaia celebrava em templos.
Da mesma estirpe apenas resta o abantíade
Acrísio, que afastando dos muros da argólica
cidade o deus, se arma contra ele e nega-lhe
ser da prole de Jove. Nem cria que o fosse
Perseu, filho de Dânae em chuva de ouro.
Mas, logo, Acrísio – tão potente é a verdade –
tanto do ultraje ao deus, como do ultraje ao neto,
se arrepende. Um já tem lugar no céu. Mas outro,
tendo o espólio famoso do vipério monstro,
os ares ágil rompe com asas ruidosas.
E, sobrevoando, vencedor, areias líbicas,
da cabeça da Górgona, cai sangue em gotas
que a terra absorve, convertendo em várias serpes
e por isso essa terra se infestou de cobras.
Levado por opostos ventos ao espaço,
de cá pra lá, igual uma nuvem aquosa,
vai e do alto céu as terras separadas
contempla ao longe e todo o orbe sobrevoa.
Ursa fria três vezes viu e hastes de Câncer;

ora ao ocaso, ora ao oriente é levado.
Ao fim do dia, teme se fiar na noite,
e se detém no reino de Atlas, na Hespéria;
para um breve descanso, até que a luz da Aurora
convoque Lúcifer e Aurora o carro diurno.
Ali, vive o maior homem, filho de Jápeto,
Atlas, de ingente corpo. Dos confins da terra
ao mar que acolhe os potros sedentos e o carro
fatigado do sol, o seu reino se estende.
Mil ovelhas e vacas suas pelos pastos
erram; e vizinhança alguma invade a terra.
As copas de árvores brilhantes como ouro
cobrem-se de áureos ramos e frutos de ouro.
“Dono”, Perseu lhe diz, “se és sensível à glória
de ilustre nascimento, sou filho de Júpiter;
se admiras façanha, admirarás as minhas.
Te peço abrigo e pouso”. De vetusto oráculo
ele se lembra; disse-lhe parnásia Têmis:
Atlas, tempo virá, que espoliarão o ouro
de tua árvore, obra de um filho de Júpiter”.
Temendo isto, Atlas fecha em muros sólidos
o seu pomar e pôs um dragão para olhá-lo,
afastando de seus confins os forasteiros.
E a este disse: “Fora! De nada te serve
a glória de façanhas fingidas, nem Júpiter;”
e ameaça, com a força das mãos, expulsar
Perseu que lhe rebate com calma e audácia.
Inferior em força – quem se iguala a Atlas
em força? – “Já que me tens pouca estima, aceita
este presente! Diz; à esquerda, de Medusa
o horrível rosto mostra-lhe, virando as costas.
Atlas grande se fez monte. E barba e cabelos
se tornam selvas; ombros e mãos cimos são;

o que era a cabeça é o pico do monte;
ossos se tornam rocha. Então, por toda parte,
dilatado, cresceu – assim quisestes, deuses –
e todo o céu e os astros repousaram nele.
O Hipótide os ventos pôs no eterno cárcere
e o claro Lúcifer, chamando à lida, em alto
céu surgiu. Suas asas retoma, Perseu,
ata-as aos pés, se cinge com sua arma curva,
e, movendo as talares, corta os ares límpidos.
Deixando embaixo e em torno inúmeras nações,
divisa a terra etíope e os campos cefenos.
Ali, sem merecer, Adrômeda pagava,
pela língua da mãe, pena do injusto Amon.
Quando a viu, com o braço atado a duras penhas,
– se não fosse por leve sopro nos cabelos
e os olhos lágrimas vertendo, a tomaria
por um mármore – ínscio, o abantíade arde
e, arrebatado pela exímia formosura,
quase se esquece de bater no ar as asas.
Parando, diz: “ Ó digna, não destas cadeias,
mas das que entre si juntam os amantes cúpidos,
dize-me, rogo, o nome desta terra e o teu,
e por que presa estás”. Ela se cala e, virgem,
não ousa olhá-lo; e com as mãos, modesta, o rosto
encobriria, se estivesse liberada.
Seus olhos, o que pôde foi encher de lágrimas.
Insistindo ele muito, não quis parecer
culpa esconder, e o nome da terra e o seu próprio,
e quanto fora a fé da mãe em sua beleza,
revela. E ainda não contara tudo, quando
onda retumba, e vem do imenso mar um monstro,
abrangendo com o peito a vastidão do pélago.
A virgem grita. Junto a ela os pais aflitos,

míseros ambos; ela com maior razão.
Auxílio não lhe dão, só lamentos e lágrimas
dignas da ocasião; e o atado corpo abraçam.
O forasteiro diz: "Longo tempo tereis
para chorar; para ajudar, a hora é breve.
Se a virgem pedir, eu, Perseu, filho de Júpiter,
e da que, presa, fecundou de ouro Júpiter,
Perseu, o vencedor da anguícoma Górgona,
e que ousou pelos ares ir em asas ágeis,
sou, de todos, o genro ideal. A tais dotes
acresço meus serviços com favor divino.
Que, a virgem salva, a mim seja dada, é que oferto."
Os pais concordam – quem discordaria? – , ajuda
pedem e lhe prometem um reino, de dote.
Eis, como nau veloz de pontiaguda proa
sulcando o mar movida por suados braços,
assim a fera as ondas cortando com peito,
dista da penha o espaço que arma baleárica
pode com chumbo ao céu lançado atravessar;
quando, súbito, o herói, os pés premendo a terra,
se eleva até as nuvens. Quando em alto mar,
a sombra viu-lhe, a fera lhe atacou a sombra;
e qual ave de Jove, vendo em campo vago
dragão expondo o dorso escuro à luz de Febo,
pega-o por trás e, pra que atroz fauce não torça,
crava as ávidas unhas no escamoso lombo;
assim, lançando-se ao vazio em vôo veloz,
preme o lombo da fera fremente e à direita
o inácide cravou-lhe a espada até os copos.
Ferida gravemente, ora se ergue no ar,
ora se esconde n'água, ora se contorce,
qual feroz javali aos cães latindo em volta.
Em ágil vôo, o herói escapa aos dentes ávidos;

e onde dá, ora em lombo coberto de conchas,
ora nos flancos, ora na cauda finíssima
findando em peixe, fere com falcada espada.
A besta, água a sangue purpúreo mesclada,
vomita. As asas se umedecem com os salpicos;
Perseu, não confiando nos talares úmidos,
viu um rochedo de alto pico bem visível
com água calma e oculto com mar agitado.
Se apóia nele e às bordas com a esquerda agarra-o;
Por três vezes ou quatro ao flanco o ferro crava-lhe.
Clamor e aplauso encheram as praias e as altas
mansões dos deuses. Rejubilam-se e saúdam
o genro, como auxilio e salvador da casa,
Cassíope e Cefeu, o pai. Livre do cárcere,
avança a virgem, preço e causa da façanha.
Ele mesmo lavou suas mãos vencedoras;
e para não ferir na areia a face anguífera,
cobre a terra de folhas e plantas marinhas
e aí põe a cabeça de Medusa Forcínide.
Vara verde e vivaz em medula porosa
sorve a força do monstro e ao contato endurece,
e seus ramos e folhas ganham rigidez.
As ninfas do mar tentam de novo o prodígio
noutras plantas e alegram-se por consegui-lo,
e lançam as sementes delas no oceano.
Agora a natureza dos corais é idêntica:
endurece no ar, convertendo-se em rocha
sobre o mar o que era vime embaixo dele.
Perseu faz três altares de torrão aos deuses:
Mercúrio, à sestra, à destra, a ti, ó virgem bélica;
Júpiter vem no centro. A Minerva uma vaca,
ao alípede um vitelo, um touro a ti, deus sumo.
Conduz, depois, Andrômeda, sem dote, prêmio

por grande feito; tochas Himeneu e Amor
brandem; se farta o fogo de muitos odores,
flores pendem do teto, e em toda parte a lira,
a flauta e os cantos, signos felizes de espíritos
alegres, soam. Portas abertas, os áureos
átrios se deixam ver e, com belo aparato,
os próceres cefenos dão régio banquete.
Finda a festa, sob dom do generoso Baco
se relaxam, e, sobre os costumes e o povo,
indagua o abantíade; um deles descreve
os costumes e o jeito do povo ao lincida.
E em seguida, emendou: “Agora, ó fortíssimo
Perseu, dize-nos, peço, com que força e arte
subtraíste a cabeça ornada de serpentes”.
O agenóride conta que ao pé do Atlas gélido,
há um lugar seguro por sólidas rochas;
em cuja entrada, estavam as Fórcides gêmeas,
que partilhavam o uso de um único olho;
Solerte, e a furto, enquanto era passado o colhe,
com a mão estendida; após, por trilha oculta
e ignota e horrendas rochas em selvas fragosas,
chega à casa gorgônea; em toda parte, em campos
e estradas, viu estátuas de homens e de feras
em pedra convertidos ao verem Medusa;
refletida no escudo brônzeo à mão esquerda,
vira, então, a cabeça da horrenda Medusa;
enquanto em grave sono estão a dita e as cobras,
corta ao colo a cabeça; e com asas fugaz
Pégaso e o irmão nascem do sangue da mãe.
Conta os reais perigos da longa viagem;
mares e terras vistas sob si lá de cima;
e os astros que tocou ao bater suas asas.
Mas antes do esperado, calou-se. Um dos próceres

perguntou por que só uma destas irmãs
tinha serpentes aos cabelos entrançadas.
O hóspede diz: “Já que perguntas algo digno
de relato, direi o motivo. Belíssima,
ela foi a esperança e a causa de ciúmes
de muitos; e mais belo que os cabelos nada
tinha. Conheci um que disse tê-la visto.
No templo de Minerva, o deus do mar violou-a,
dizem. Volveu, cobrindo o rosto casto, a filha
de Jove com o escudo. E como punição,
gorgôneas tranças converteu em torpes hidras.
E ainda agora, para infundir o terror
nos rivais, leva ao peito as cobras que criou”.

Livro V

E enquanto entre os cefenos o daneio herói
relembra os feitos, turba fremente os reais
átrios enche. Nem é de festas nupciais,
o clamor que se ouve, mas de feras armas;
e o banquete mudado em súbitos tumultos
é símile ao mar calmo, que a raiva cruel
dos ventos exaspera com crispadas ondas.
Fineu, o principal, incauto autor da guerra,
brande a lança de freixo e brônzea ponta, e diz:
"eis-me aqui, vingador de cônjuge roubada;
de mim, nem penas, nem em falso ouro Júpiter
te livrará." Tentou romper, mas diz Cefeu:
"O que fazes, que idéia te leva furioso
ao crime, irmão? Assim é que favor tamanho
retribuis? Com tal dote o salvamento pagas?
Não foi Perseu quem te furtou, eis a verdade,
mas as divas Nereidas, o Amon cornígero,
e o monstro que do mar ia devorar minha
filha. Ela te foi tomada quando foi
condenada a morrer; a não ser que, cruel,
queiras que morra e te console a nossa dor.
Não basta ela ter sido atada sob teus olhos
e não fizeste nada como tio ou noivo;
e mais, tu te ressentes porque ela foi salva
e reclamas o prêmio? Se ele tem valor,
que o buscasses na rocha onde estava preso.
A quem o fez, e órfã velhice me evitou,
deixa levar o que é seu, por acordo e mérito;
não foste o preterido, mas a morte certa".
Ele nada responde, mas olha ora este,
ora Perseu, querendo atacar um ou outro;

hesitando, lançou em vão contra Perseu,
a lança impetuosa, com vigor e cólera.
Como ela no leito fixou-se, Perseu
saltou feroz e a mesma lança o peito hostil
trespassaria, se Fineu não se escondesse
atrás do altar; infâmia! Ajuda o ímpio a ara.
Mas a ponta cravou-se no rosto de Reto;
que, após cair, e lhe arrancarem do osso o ferro,
escoiceia e espirra sangue em mesas postas.
Então o povo inflama-se com ira indômita,
e atiram dardos, e há os que acham que Cefeu
deve morrer com o genro. Mas do seu palácio,
saiu Cefeu, jurando à lei, à fé, e aos deuses
da hospitalidade impedir o levante.
Bélica Palas vem, protege o irmão com a égide,
e o encoraja. Havia o hindu Átis, que Limnae,
filha do Ganges deu à luz sob vítrea água,
crê-se; de rara formosura, e rica veste
realçando-a, tinha só dezesseis anos;
e vestia uma clâmide tíria, bordada
de ouro; ornavam-lhe o colo colares dourados
e o cabelo de mirra untado um curvo pente.
Destro em fixar o dardo, de qualquer distância,
era-o mais ainda em retesar o arco.
E enquanto retesava o arco maleável,
Perseu o atinge com tição que ardia em ara,
e, aos ossos fraturados, fundiu sua face.
Quando a louvada face embebida no sangue
viu o assírio Licabas, seu parceiro íntimo,
que não dissimulava um amor verdadeiro,
depois que lhe exalou a vida acerba chaga,
pranteou Átis e agarrou o arco que este
retesara, dizendo: “vem lutar comigo,

e não te ufanes pela morte dele, e mais
ódio que glória colhes.” Nem dissera ainda
tudo isso, dispara a penetrante seta,
que, evitada, adentrou a sinuosa veste.
Volve-lhe o alfanje usado em morte de Medusa
o acrisioníade, e lhe enfia ao peito. E ele,
morrendo, com os olhos sob a noite escura,
procura em torno Átis, encosta-se nele,
e aos Manes vão, juntos na morte, consolados.
Eis que o siênite Forba, da prole de Métion,
e o líbio Anfimédon, ávidos de luta,
no sangue que amornava a terra umedecida
escorregam; erguendo-se, obstou-lhes a espada,
contra a goela de Forba e as costas do outro imposta.
Perseu não atacou o autóride Ériton,
cuja arma era um grande machado bipene,
com curva espada, mas, ergueu uma cratera
pesada com figuras em alto-relevo,
e atinge-o; ele sangue rútilo vomita
e moribundo cai de cabeça no chão.
Então a Polidêmon, sangue de Semíramis,
a Liceto do Esquércio, a Ábaris do Cáucaso,
ao cabeludo Hélice, a Flégias e a Clito
derruba e calca.e empilha o acervo de corpos.
E Fineu que não quis lutar de perto, um dardo
lança contra o rival, e, errando, atinge Ida,
que em vão se absteve de lutar e estava neutro.
Encarando cruel Fineu, com torvos olhos,
disse: “Já que me obrigas a tomar partido,
Fineu, sou teu rival, e firo quem me fere”.
Ia lançar o dardo arrancado à ferida,
quando, exangue, caiu no chão, desfalecido.
Cai sob a espada de Climeno, Hodita, após

o rei, o principal; Hipseu mata Protênora,
o lincida a Hipseu. Entres eles estava
o velho Emátion, tão justo e temente aos deuses;
que, embora os anos combater proíbam, luta
com a voz e avança maldizendo a guerra insana.
Abraçado ao altar com mãos trêmulas, Crômis,
com gládio, corta-lhe a cabeça, que cai na ara
e ali com língua semiviva execrações
proferiu e expirou em meio ao fogaréu.
Depois, os gêmeos Bróteas e Amon, no cesto
invicto, (oxalá vencesse espada o cesto),
caíram pela mão de Fineu, como Âmpico,
sacerdote de Ceres, de alva fita em têmporas.
Tu, também, ó Lampétide, inapto a tais atos,
mas que, em arte de paz, moves a voz e a cítara,
vieste celebrar o banquete, cantando.
Ao longe, segurava em pé o plectro imbele;
Pétalo, rindo, disse: “Canta o resto aos Manes
do Estige”, e a espada crava-lhe em têmpora esquerda.
Caiu e, com os dedos, morrendo, ele, as cordas
da lira tange, e ao tombo, um lamento entoou.
Mas Licormas feroz não deixa a morte impune,
tira ao portal direito a tranca de carvalho,
e os ossos lhe feriu na nuca. Logo, Pétalo
caiu por terra, como um bezerro imolado.
Quando pegava a tranca do outro portal
cinífio Pélates, sua destra foi fixada,
por seta do marmáride Córito, ao lenho.
Preso, Abas lhe fere o flanco; ele não cai,
mas, suspenso, pendeu, à porta, pela mão.
Também morreram Melaneu, dos de Perseu,
e Dórilas, o mais rico entre os nasamões;
Dórilas, rico em campos; ninguém tinha mais

terra ou fazia mais incenso do que ele.
O ferro lhe varou de través a virilha,
golpe letal. Depois que o autor da ferida,
Halcioneu bractriano, o viu estertorando
e revirando os olhos, diz: “De tanta terra,
retém a que te cabe” e o corpo exangue larga
o abantíade ultor, tira da chaga cálida,
e contra aquele atira a lança, que o nariz
e a nuca rompe, aparecendo dos dois lados;
guiando-lhe Fortuna a mão, a Clítio e Clane,
filhos da mesma mãe, de modo vário fere;
pois um freixo lançado por seu braço forte
varou de Clítio as coxas; mordeu Clane o dardo.
Morre o mendésio Celadonte, morre Astreu,
de palestina mãe e incerto pai gerado.
E Étion sagaz outrora em prever o futuro,
por falsa ave logrado; e Toacte, escudeiro
do rei e Argite, infame pelo parricídio.
Há muito que lutar; pois o anseio de todos
é destruir um só; e conjurados lutam
pela causa contrária à justiça e ao mérito.
A seu favor estão o sogro, pio em vão,
a esposa e a sogra, que enchem de lamento o átrio.
Mas o som de armas e os gemidos dos que caem
superam-no, e Belona os penates violados
inunda em muito sangue, renovando a luta.
A ele só, Fineu e os seus mil homens cercam,
e voam dardos mais que granizo no inverno,
por todo lado, contra os olhos e as orelhas.
Apóia os ombros numa das grandes colunas,
protege as costas, volta-se à turba adversa
e resiste aos que investem; investe à esquerda
Molpeu caônio, à destra o nabateu Equêmon.

Como tigresa ouvindo em vale oposto dois
rebanhos a mugir, esfomeada não sabe
sobre qual se lançar primeiro, os dois querendo;
assim Perseu hesita que lado atacar,
com um golpe, trespassa a perna de Molpeu,
que fugir deixa, pois Equêmon não dá tempo,
mas se enfurece e, ousando ferir-lhe o pescoço,
sem moderar a força, a espada que brandiu
se espatifou e contra uma coluna a lâmina
rompeu-se e se fixou na garganta do dono.
Mas tal lesão não foi tão grave, nem letal,
e enquanto ele treme e os braços tende inertes,
em vão, Perseu lhe crava o alfanje cilênide.
Quando viu, seu vigor, a turba enfraquecer,
disse Perseu: "ajuda terei de um rival,
já que assim me obrigais. Virai os vossos rostos,
quem é a meu favor"; e ergue a face da Górgona.
"Busca outro que teus prodígios tema", disse
Téscelo, e quando com a mão dardo fatal
lançava, neste gesto congelou-se em mármore.
Próximo, Âmpice a espada ergue ao peito
do Lincida magnânimo, e quando a erguia,
a destra enrijeceu e não se moveu mais.
Mas Nileu, que de filho do Nilo Septêmplice
se gabava e seus sete braços sobre o escudo
gravara parte em prata, parte em ouro, diz:
Perseu, olha os primórdios de nossa nação;
e às mudas sombras leva o consolo da morte
por um homem valente." o som final da voz
se estanca ao meio e, entreaberta, tu crerias,
que a boca quer falar, e as palavras não saem.
Érice increpa: "A covardia, e não a força
da Gôrgona, entorpece; atacai comigo

e prosternai o jovem que usa armas mágicas”.
Quando rompia, a terra reteve os seus passos,
e, imóvel, se tornou uma imagem armada.
Mereceram a pena todos; mas um deles,
soldado de Perseu, Aconteu, em combate,
mirou a Górgona e de pedra se tornou.
Astíage, achando que ele ainda vive,
fere-o com longa espada que retine aguda.
Pasmo, Astíage toma a mesma natureza,
e na marmórea face fica um quê de espanto.
Demorado seria o nome dos da plebe
dizer. Duzentos inda restavam na luta;
duzentos corpos rígidos ao ver a Gôrgona.
Então, Fineu se arrependeu da injusta guerra;
que Fazer? Ele vê simulacros diversos
e reconhece os seus; chamando-os pelo nome,
pede ajuda, e, incrédulo, os corpos que estão
próximos toca; mármore são; volve e, súplice,
estende as mãos confessas e os braços oblíquos:
“Vences, Perseu,” diz, “pega o teu monstro, o rosto
petrificante, sei lá, da Medusa, e leva;
por favor, leva. Nem o ódio ou o poder
me moveram à guerra; lutei por esposa.
Tens o mérito, justo; a prioridade eu tinha.
Sinto não ter cedido; nada além, fortíssimo,
da vida me concedas; tudo mais é teu”.
Falava sem ousar olhar para Perseu,
que lhe responde: “O que, Fineu temerosíssimo,
posso te dar e que é grande dom ao covarde,
darei, não temas; ferro não te ferirá.
De ti farei um monumento duradouro;
e sempre serás visto em casa de meu sogro,
para que sirvas de consolo à minha esposa”.

Disse e a forcínide transfere para o lado
que, tremendo, Fineu, o rosto desviara.
Ao tentar desviar os olhos, o pescoço
fixa-se, e em pedra se convertem olhos úmidos.
E se conserva em mármore o semblante súplice:
submissas mãos, face culpada e lábios trêmulos.
Vencedor, o abantíade ao lar com a esposa
retorna e, ultor e defensor do avô indigno,
ataca a Preto; pois, expulsando o irmão,
Preto se apoderou das muralhas de Acrísio.
Mas nem com armas, nem tomando vil os muros
venceu os olhos torvos do vipéreo monstro.
Mas, Polidecto, chefe de Serifo, a ti,
nem a força do jovem provada em façanhas,
nem o pesar amoleceram, mas um ódio
nutres mortal e não acaba a injusta ira.
Deprecias a sua glória e diz fictícia
a morte de Medusa. “A verdade provo,
poupe os olhos!” Perseu disse e o rosto do rei,
com o da Medusa, converteu em pedra exangue.
Até aqui Tritônia seguia o irmão
gerado em ouro; após, Serifo, em nuvens côncavas,
deixou. À destra, Citno e Gíaro passou.
Por via que em mar mais breve pareceu, Tebas
e o Hélicon virgíneo busca. Achando o monte,
sentou-se ali e assim disse às doutas irmãs:
“Veio ao ouvido a fama de uma nova fonte,
que o casco do medúsio alado fez brotar.
Por isso, viajei. Quis ver a maravilha;
vi nascer ele próprio do sangue materno”.
Responde Urânia: “Qual seja a causa de vir
à nossa casa, ó deusa, agrada-nos muitíssimo.
É vera a fama, e Pégaso é a origem desta

fonte;” e às nascentes sacras Palas conduziu.
Esta, admirando as águas criadas por coices,
vê os bosques sagrados em selvas antigas,
grutas e relvas cheias de inúmeras flores
e pelo zelo e pelo sítio felicita
as mnemônides. Disse-lhe uma das irmãs:
“Se a virtude, ó Tritônia, a façanhas maiores,
não te impelisse, em nosso coro cantarias,
dizes o certo e aprova o nosso sítio e a arte;
e grata sorte temos, se estamos seguras.
Mas (nada veta o crime) tudo aterroriza
as mentes virginais e aos olhos torna lúgubre
o Pireneu e ainda não me refiz toda.
Este, feroz, com trácios soldados invade
os dáulides e a Fócida e, injusto, reinava.
Aos templos do Parnaso íamos e ele viu,
e finge venerar a nossa divindade:
“Mnemônides, parai”, diz, nos reconhecendo,
“por favor, evitai o céu pesado e a chuva
e entrai em minha casa; entraram em menores
deuses superiores.” Por causa do tempo,
o convite aceitamos e entramos na sala.
Cessou a chuva, Áquilo vencendo o Austro,
e as nuvens foscas fogem do céu serenado.
Queríamos partir. Pireneu fecha as portas
para nos violentar; as asas nos salvaram.
Disposto a nos seguir, postou-se nas muralhas,
e diz: “na direção que fordes, vou também”.
E louco arroja-se do mais alto da torre,
e cai de frente, os ossos da face rompendo,
e morre em chão tinto de sangue criminoso.”
Falava a musa; penas soaram nos ares
e de altos ramos, uma voz veio saudar.

Olha pro alto, inquire de onde vem fala
tão clara e a julga de homem a filha de Júpiter.
Era uma ave; em nove, queixando dos fados,
nos galhos pendem, imitando tudo, as pegas.
A musa fala à deusa: “Há pouco, vencidas
numa disputa, as tais à turba alada uniram-se.
O rico Piero as gerou em campos pélios;
Peônia Evipe foi a mãe. Ela invocou
a potente Lucina, ao parir nove vezes.
Pelo número, inchou-se o orgulho das irmãs
e, tolas, atravessam a Acaia e a Tessália,
aqui chegam e travam combates, dizendo:
“Não iludis com vã doçura o povo inculto;
se tendes fé em vós, conosco competi,
deusas tespíades. Na voz e pelo engenho
venceremos; e quantas sois, somos. Vencidas,
dareis medúsia fonte e a hiante Aganipe;
cederemos da Emátia à nevada Peônia,
se perdermos. Arbitrem o certame as ninfas.”
Torpe é ter tais rivais; mas ceder pareceu
mais torpe; eleitas, juram por rios as ninfas;
e acomodaram-se em assento em rocha viva.
Então, sem sortear, a que desafiou
canta a guerra dos deuses, exalta os gigantes
e atenua as façanhas dos deuses maiores;
e, como Tifeu, vindo do fundo da terra,
aterrou os celestes, que viraram as costas
em fuga, até que, lassos, no Egito, abrigou-os
o Nilo separado pelos sete braços.
Narra também que ali chegou Tifeu terrígeno,
e que sob disfarce os deuses se esconderam:
“Guardador de Rebanho”, disse, “se fez Júpiter,
daí que o líbio Amon se vê com curvos chifres;

Délio foi corvo; o filho de Sêmele, bode;
gata, a irmã de Febo; alva vaca, Satúrnia;
Vênus se fez peixe; Cilênio, alado íbis.”
Até aqui, ela cantou, tocando a Cítara;
depois, nós, as aônides; porém, talvez,
não possas dar ouvido à nossa cantoria”.
“Não hesites, repete-me os versos na ordem”,
sentada à sombra tênue do bosque, diz Palas.
A musa fala: “A uma de nós coube o auge
do certame; cabelo preso em hera, ergue-se
Calíope, tangendo o polegar nas cordas
e ao plangente acorde ajunta estes versos:
“Primeira, sulcou Ceres o chão com o arado;
primeira, deu à terra grãos e moles frutos;
primeira, deu as leis; tudo é dom de Ceres;
Ceres será cantada; que eu só cante versos
dignos da deusa! A deusa é, sim, digna de canto!
A vasta ilha da Trinácria, sobre os membros
do gigante, comprime Tifeu subjugado,
pois ousou conquistar as moradas etéreas.
Ele se esforça várias vezes para se erguer,
mas tem a mão direita sob Peloro Ausônio,
a outra, Paquino, é tua; as pernas, Lelibeu
oprime, e a fronte o Etna; sob o qual, deitado,
feroz Tifeu vomita e cospe areia e chamas.
Muitas vezes tentou a terra remover,
desabando do corpo cidades e montes;
daí a terra treme e o próprio rei dos mortos
teme que o chão desnudo se abra em largo hiato
e a luz do dia aterre as sombras trepidantes.
Temendo isso, o tirano do lar tenebroso
saíra , e, com seu carro de negros corcéis,
cauto, cercava as fundações da terra sícula.

Após verificar que sítio algum tremia,
já sem medo, Ericina, sentada em seu monte,
junto do filho alado, vê o deus vagando:
“Filho, és minha arma, mão e poder”, disse,
“pega as setas, Cupido, com que a todos vences,
e céleres as lança no peito do deus,
que herdou o lote último do reino tríplice.
Tu domas os celestes e até mesmo Júpiter;
as deidades marinhas e o senhor dos mares;
por que o Tártaro não? Por que os nossos domínios
não estendes? Se trata de um terço do mundo.
E até no céu, tal é a nossa paciência,
nos desprezam, e a mim e ao Amor enfraquecem.
Não vês que Palas e Diana caçadora
se abstêm de mim? A filha de Ceres também,
se deixarmos, será virgem; pois quer o mesmo.
Mas tu, por nosso reino, se o estimas tanto,
atrela a deusa ao tio.” Vênus disse; a aljava
ele abriu e, atendendo à mãe, dentre mil flechas,
separou uma só, porém, a mais aguda
e certeira e que mais que outra se ajusta ao arco;
contra o joelho, a haste flexível curvou
e a flecha adunca atinge o coração de Dite.
Não longe das muralhas hênias há um lago
fundo, chamado Pergo; Caísto não ouve
canto de cisnes mais que ele em seu curso d’água.
A selva cinge o lago por todos os lados
e como um véu protege-o dos raios de Febo.
Os ramos dão frescor; fértil chão, flores tírias;
eterna primavera. Aí brinca Prosérpina,
e colhe violetas e cândidos lírios,
e com ardor de moça enche as cestas e as dobras
da veste, e tenta colher mais que as companheiras;

tão logo a viu, amou-a Dite, e a raptou;
Que pressa tem o amor. A deusa, aflita, grita
pela mãe e as amigas, mas, mais pela mãe,
e como tinha a veste rasgada ao regaço,
muitas flores caíram da túnica frouxa;
e tal era a inocência e puerilidade
da virgem que esta perda mais lhe causou dor.
O raptor guia o carro e pelo nome exorta
os cavalo, a crina e o pescoço açoitando
com as rédeas tingidas de obscura ferrugem.
Passa por fundos lagos e sulfúreos pântanos
dos Palicos, por jorros ferventes das fendas,
e onde os Baquíades, da bímare Corinto,
construíram muralha entre desiguais portos.
Há em meio a Ciane e Aretusa de Pisa,
um golfo onde o mar se fecha entre dois cabos.
Ali vivia a que deu nome ao lago, Ciane,
A mais célebre entre as ninfas da Sicília.
Ela emergiu das profundezas, ergue o busto
e reconhece a deusa: “Não ireis mais longe”,
disse, “não podes, contra Ceres, ser seu genro”,
deves pedi-la, não roubar. Mal comparando
o humilde ao grande, Anápis amou-me também;
pedida, e não perdida como esta, casei-me.”
Disse e estendendo os braços a lados opostos,
lhe obstou; não mais conteve o Satúrnio a ira,
e exortando os terríveis corcéis, no imo abismo,
com poderoso braço o seu cetro real,
enterrou; e da terra abriu caminho ao Tártaro,
e acolheu a cratera o carro acelerado.
Mas Ciane desolada com o rapto da deusa
e o desprezo a seu lago, inconsolável chaga
no peito cala, se desfaz inteira em lágrimas

e se reduz àquelas águas, onde era antes
o grande nume. E os membros, e os ossos e as unhas
se abrandando e perdendo a dureza, verias;
as partes finas tornam-se, primeiro, líquidas,
os cabelos cerúleos, dedos, pés e pernas;
pois breve é a mudança dos lânguidos membros
em ondas gélidas; após, os ombros, costas,
peito e os flancos se esvaem em tênues riachos;
por fim, nas veias rotas linfa ao sangue vivo
sucede e nada mais resta que prender possas.
Enquanto isso, a mãe aflita em vão a filha
busca por toda terra e pelo mar profundo.
Nem Aurora de úmido cabelo ou Héspero
viram-na repousar. Com as duas mãos, ela
acendeu pinhos abrasados pelo Etna
e sem descanso, os leva por geladas trevas;
e outra vez, quando o almo dia obstava os astro,
do ocaso ao nascer do sol, buscava a filha.
Fatigada, sentia sede e fonte alguma
a boca refrescou-lhe, e vendo, por acaso,
uma choça de palha, à porta, bate; e sai
uma velha, que, ao ver a deusa pedir água,
deu-lhe um licor vertido em frita polenta.
Enquanto ela bebe, um rude e audaz menino
sentou-se em frente e riu, chamando-a de glutona.
Não tendo ainda tudo bebido, ofendida,
a deusa derramou nele a polenta e o líquido.
O rosto se manchou todo e o que eram braços,
são patas; e ganhou cauda os membros mudados;
e para que não seja tão danoso, encolhe-o
em breve porte, bem menor que lagartixa.
Da velha que chorava espantada e tentava
tocá-lo, se escondeu; tem nome apropriado

à sua cor, e um corpo estrelado de pintas.
Por quais terras e mares a deusa vagou
É moroso dizer; o orbe não lhe bastou.
Regressou a Sicânia; e, enquanto tudo inquire,
veio a Ciane, que se não fosse mudada,
lhe contaria tudo; mas a boca e a língua
lhe faltavam, nem tinha por onde falar.
Porém, deu evidente sinal, lhe mostrando,
à superfície d'água, o cinto de Perséfone,
conhecido da mãe, caído em sacro abismo.
Logo que o reconhece, como se soubesse
do rapto só agora, arrancou os cabelos
e tantas vezes percutiu no peito as palmas.
Não sabe onde achá-la, e acusa as terras todas
de ingratas e indignas dos dons da colheita,
sobretudo, a Trinácria, onde achou vestígios
do dano. Ali então com mão cruel rompeu
os arados que o solo revolvem e, irada,
deu à morte os lavradores e os bois rurícolas,
tornou inférteis campos e as sementes podres.
A fama de feraz dessa terra pelo orbe
falsa jaz; as searas morrem ao brotarem,
e ora muito sol, ora muita chuva ataca-as;
estragam-nas a chuva e o vento, e aves ávidas
as sementes no chão comem; o joio, o cardo
e inexpugnável grama obstam os trigais.
Então a Alféia ergueu-se nas águas eléias,
os cabelos molhados do rosto remove
e diz: "Ó mãe da virgem pelo mundo inteiro
buscada e da colheita a lida imensa deixe,
e não faças violência à terra a ti fiel.
A terra não merece, ao rapto à força abriu-se.
Nem suplico por minha pátria; aqui sou hóspede;

Pisa é minha pátria, e origem nossa a Élida;
peregrina, a Sicânia habito; mas me agrada
esta terra mais que outra; aqui, eu, Aretusa,
tenho lar e os penates, protege-os, dulcíssima.
Por que às ondas do mar imenso me lancei
e à Ortígia cheguei, virá a hora certa
de narrar; quando te livrares dessa angústia,
tendo melhor semblante. A mim a terra aberta
dá passagem, e, em fundas cavernas fluindo,
aqui a fronte ergo, e os astros, enfim, vejo.
Pois, enquanto deslizo em subterrâneo Estige,
vi, com meus próprios olhos, a tua Prosérpina;
estava triste e tinha o rosto não impávido,
porém é a rainha mor do mundo opaco,
a imponente matrona do infernal tirano".
A mãe, ouvindo isto, como pedra, atônita
quedou-se muito tempo; e quando a intensa dor
do intenso pasmo a tira, partiu em seu carro
para os ares etéreos. De rosto sombrio,
cabelos soltos, ressentida, encara Júpiter,
dizendo: "Venho a ti, Júpiter, suplicar,
por sangue meu e teu. Se a mãe não conta nada,
que a filha o pai comova; e que não cuides, peço-te,
menos dela, porque nasceu de um parto nosso.
Eis que a filha, buscada há muito tempo, achei,
quer chames de achar saber que a perdi; quer,
saber onde ela está. O rapto, suportamos,
se a devolver; marido raptor não é digno
de tua filha, se já, sendo minha, não é".
Júpiter replicou: "A filha é tua e minha,
penhor e ônus comum; mas se te apraz aos fatos
dar o nome correto, não é injúria o feito,
é vero amor; nem é o genro desprezível,

caso o aceites, deusa. Mais lhe falte, é muito
ser um irmão de Jove! E nada mais lhe falta,
dele ganhei senão por sorte? Mas se anseias
separá-los, Prosérpina ao céu voltará,
com uma condição: se alimento algum lá
não comeu; pois as Parcas assim pactuaram."
Disse, mas Ceres quer mesmo de volta a filha,
mas, os fados não deixam, pois ela o jejum
quebrara, quando, ingênua, andando no pomar,
colhera em curva árvore um puníceo fruto
e tirando da branca polpa sete bagas,
espremeu-as na boca. De todos, apenas,
viu-a Ascálafo, a quem, contam, outrora, Orfe,
das ninfas avernais, a não menos famosa,
de Aqueronte gerou sob selvas tenebrosas;
vendo, a delata, obstando-lhe, cruel, a volta.
A rainha do Érebo geme e do profano
ave fez,e aspergindo-lhe água do Flégeton,
no rosto bico, penas e olhos grandes forma.
Assim mudado, é envolto em fulvas asas,
cresce-lhe a fronte e as unhas, compridas, se encurvam
e apenas move as penas dos braços inertes;
fez feia ave, núncia de luto vindouro;
coruja ignava, agouro funesto aos mortais.
Esse parece, pela delação e a língua,
que mereceu a pena; mas, vós, Aquelóides,
por que as penas e os pés de ave em virgíneo rosto?
Acaso, porque, estáveis lá, sereias doutas,
quando Prosérpina vernais flores colhia?
E, depois de uma busca vã em todo orbe,
para que o mar sentisse o vosso sofrimento,
sobrevoar as ondas com remos alados,
rogastes logo aos deuses propícios e os membros

súbito vistes se cobrirem de asas flavas.
Porém, para que o canto, deleite do ouvido,
e aquele grande dom vocal não se perdessem
rosto virgíneo e voz humana vos restaram.
Então, entre o irmão e a irmã aflita, Júpiter
divide por igual o ano em rotação;
agora, a deusa, nume comum aos dois reinos,
passa seis meses com a mãe, seis com o cônjuge.
Logo, a deusa, mudou o semblante e a mente,
e a fronte antes triste, e até Dite notara,
se alegra agora, qual o sol que, antes coberto
de aquosas nuvens, das vencidas nuvens sai.
Alma Ceres, em paz com a volta da filha,
te pergunta por que fugiste e és fonte sacra.
Calam-se as águas, e ergue a cabeça do fundo
da fonte a deusa e, os verdes cabelos secando,
narra os velhos amores do rio da Élida.
“Eu era uma das ninfas da Acaia”, disse,
e nenhuma mais ávida em correr os bosques
ou em armar as redes que eu havia.
E, embora não querendo fama de beleza,
embora eu fosse forte, chamavam-me bela.
Nem me aprazia minha face tão louvada;
com que outras costumam se alegrar, eu, rústica,
coro, e julguei crime aprazer-se em dotes físicos.
Lassa, voltava de estinfália selva, lembro-me;
calor fazia, que a fadiga duplicava.
Encontrei uma água calma e sem ruído,
translúcida até o fundo; podendo-se ali
contar as pedras, pois parada tu crerias.
Brancos salgueiros e um bem nutrido choupo,
às margens em declive sombras ofertavam.
Me aproximei e os pés, primeiro, afundei,

logo, até o joelho; e não contente, dispo-me;
deponho o véu suave num curvo salgueiro,
e nua na água imerjo. E, enquanto a fendo e arrasto,
deslizando de mil modos, e agito os braços,
ouvi no meio d’ água um murmúrio ignoto
e aflita busco a margem mais perto da fonte.
“Por que a pressa, Aretusa?” Diz Alfeu na água;
“Por que a pressa?” com voz rouca de novo disse.
como estava, sem roupa, fujo; minhas vestes
estavam noutra margem; isso o atiça mais;
e, porque, nua, pareci presa mais fácil.
Tanto eu corria, tanto o fero me acossava;
como fogem do açor pombas de asas trépidas,
como persegue o açor as trepidantes pombas.
Até Orcômeno, Psófide, Cilene,
vales menálios, gélido Erimanto e Élida
corri e eu era mais rápida do que ele;
mas eu não poderia, inferior em força,
correr tanto; no longo curso ele é constante.
Mesmo assim, por campos, montes cheios de árvores,
pedras, penhasco e ínvias paragens, corri.
O sol estava às costas; vi, em meu encalço,
uma sombra alongar-se; ou o meu medo a via;
mas, me aterrava o som de seus pés, e a arfante
boca soprava as fitas de minhas madeixas.
Da fuga exausta, digo: “Serei pega, ajuda,
Diana, tua escudeira, a quem sempre deixaste
levar teu arco e teus dardos dentro da aljava”.
A deusa comovida, espessa nuvem toma
e joga sobre mim; coberta pela névoa,
o rio me procura, ignaro, em torno à nuvem
e duas vezes ronda o lugar onde a deusa
me ocultara e “Aretusa, Aretusa”, chamou-me.

Frágil, tive coragem? Talvez a da ovelha
ao ouvir os frementes lobos sobre o estábulo;
ou da lebre que, do espinhal, vê as hostis
bocas dos cães, e não ousa mover o corpo?
Mas, ele não se afasta; pois não viu sinal
de pé à frente; observa a nuvem e o local.
Um suor frio invade-me os membros vexados,
e caem do meu corpo umas gotas cerúleas;
onde o pé toca, mana água e meu cabelo
orvalho verte e os fatos te reconto rápido,
em fonte sou mudada. E porque reconhece
a água amada, o rio larga o rosto humano
e volta a ser corrente para a mim se unir.
Délia rompe a terra, e eu, imersa em cegas
grutas, chego à Ortígia, primeira a me erguer
no ar, e leva o nome da querida deusa".
Até aqui foi Aretusa. A fértil deusa
duas cobras jungiu ao carro, à boca enfreia-as,
e viajando nos ares entre o céu e a terra,
leva o carro ligeiro à cidade tritônida,
e a Triptólemo ordena espalhar as sementes
dadas em solo inculto umas, outras em lavras.
Já, sobre os altos ares da Europa e da Ásia,
o jovem foi levado; e se dirige à Cítia.
Aí reinava Linco; e em seus penates entra.
Perguntado de onde vinha, o nome, e o porquê
de vir, diz: "Minha pátria é a ilustre Atenas,
Triptólemo, meu nome. Nem por mar em nau,
nem por terra a pé vim; abriu-se a mim o éter.
Trago de Ceres dom que esparso em vastos campos,
dará férteis colheitas e alimentos tenros.
O bárbaro o invejou e quis ser o autor
do grande dom; o hospeda, e quando o sono o toma,

tenta atingir-lhe o peito, brandindo uma espada:
Ceres o tornou lince e ao jovem mopsópio
mandou de novo ao ar guiar as sacras juntas”.
Findara o douto canto a maior de nós todas;
E as ninfas declararam as deusas do Hélicon,
vencedoras, unânimes; como as vencidas
insultassem, diz: “Já que foi pouco o suplício
justo pelo certame, ainda mais injúrias
juntais; a nossa paciência tem limite,
vamos à pena, até onde nos leve a ira.
Rindo, as Emátides, desdenham ameaças;
quando com grande grita, tentavam, ousadas,
nos ferir com as mãos, das unhas viram penas
saírem e cobrirem-se os braços de plumas
e uma vê se alterar num bico rijo o rosto
da outra e, aves novas, na selva, se vêem.
E, enquanto se debatem, se elevam e movem
os braços pelo ar, gritam na mata, as pegas.
E até hoje conservam antiga facúndia,
rouca parola e atroz desejo de falar.